

INTRODUÇÃO

... para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam o que estão fazendo, é necessário adquirir uma familiaridade operacional com os conjunto de significado em meio aos quais elas levam suas vidas. Isso não requer sentir como os outros ou pensar como ele, o que é simplesmente impossível. Nem virar nativo, o que é uma idéia impraticável e inevitavelmente falsa. Requer aprender como viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente.

- Clifford Geertz -

O presente estudo tem como tema Percepção dos Moradores da Histórica Cidade de Pirenópolis Acerca do Turismo: Uma Leitura Etnográfica. Temos como objetivo delinear a percepção dos moradores de Pirenópolis acerca do desenvolvimento da atividade turística nessa cidade. Para o alcance desse objetivo, levantamos a seguinte problemática: como os moradores percebem o turismo em sua ambivalência e com ele convivem?

Por que escolhemos Pirenópolis como campo de pesquisa? Com formação em Administração e experiência como administradora de uma empresa de consultoria e eventos, e também como professora dos cursos de Administração e Administração em Turismo, sempre nos despertou a atenção o vertiginoso crescimento do movimento turístico, nas últimas décadas, nos quatro cantos do mundo. No Brasil, o turismo compõe a porcentagem de aumento do Produto Interno Bruto - PIB e, em Goiás, vem se projetando como um fator considerável para o desenvolvimento econômico e social do estado. O município de Pirenópolis se desponta nesse cenário, daí o nosso interesse em conhecer como esse movimento acontece na cidade, a partir da ótica dos moradores e, como eles vivenciam a sua ambivalência. A partir da década de 1990 até os dias atuais concentramos o tempo delimitado por esse estudo para a investigação da ótica dos moradores, quanto ao movimento do turismo, haja vista que muitos estudiosos, como Lopes (2001) por exemplo, reiteram que o turismo em Pirenópolis foi intensificado nesse período.

Metodologicamente, a pesquisa é de caráter científico porque visa a responder necessidades humanas, por meio de uma atividade intelectual. Essas respostas pressupõem a investigação de problemas. A investigação de problemas, por sua vez, implica critérios previamente estabelecidos que obedecem a uma

caracterização quanto ao tipo de pesquisa que, nesse estudo, rem sustentação na Antropologia: a etnografia.

Para se fazer Antropologia é imprescindível a presença do etnógrafo no dia-a-dia do grupo social que está sendo estudado: o pesquisador deve ‘mergulhar de cabeça’, inteirar-se na cultura do *outro* para “perceber o conjunto de ações sociais dos nativos como um sistema, isto é, um conjunto coerente consigo mesmo” (DaMatta, 1987, p. 145). De acordo com o autor, a pesquisa de campo é o laboratório do antropólogo social.

A pesquisa etnográfica tornou a Antropologia “numa das disciplinas mais profundamente filosóficas, esclarecedoras e dignificantes para a pesquisa científica” (Malinowski, 1978, p. 370) porque a etnografia consiste em escolher uma das categorias sociais, e por meio da observação participante, compreender a dinâmica, a inter-relação e a conformidade dos valores culturais do grupo social, considerando, igualmente, os embates, as discordâncias e as contradições inerentes a todas as sociedades.

A observação participante, por sua vez, é uma técnica de investigação qualitativa que possibilita ao pesquisador, por meio do convívio com o *outro*, compreender as redes de significados das sociedades, pelas quais os indivíduos se identificam e se diferenciam enquanto seres culturais. Nos estudos antropológicos, o emprego desta técnica de pesquisa considera dois momentos metodológicos diferentes.

No primeiro momento, a compreensão do *outro* passa pela leitura monofocal do pesquisador, os personagens sociais não têm voz, isto é, o texto antropológico é escrito apenas pelo pesquisador. Por isso, é preciso objetividade para captar os dados, uma vez que esses dados são independentes dos personagens sociais, e os dados devem falar por si próprios.

Já no segundo momento, a leitura é multifocal, significando um encontro de subjetividades, uma relação intersubjetiva do pesquisador com os personagens sociais e destes com o pesquisador, visto que a observação participante, nesse momento, passa a ser entendida como uma participação observante. É nesse sentido que o texto antropológico, ao se propor um relativismo cultural, aponta a superação de valores etnocêntricos, posto que

... a relação intersubjetiva não é o encontro de indivíduos autônomos e auto-suficientes. É uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem um movimento de

aproximação que se pode desvendar sentidos ocultos e explicar relações desconhecidas (Cardoso, 1986, p. 103).

Por intermédio do encontro com o *outro*, do *estranhamento*, é que o pesquisador pode compreender melhor as categorias culturais, símbolos e significados do grupo. Nesse caso, contamos com DaMatta (1987) para nos apoiar teoricamente, ao dizer que a prática de transformar o “exótico em familiar” e o “familiar em exótico” é uma dupla tarefa que estimula o pesquisador a levantar constantes questionamentos no que diz respeito às suas concepções pessoais, a fim de compreender uma sociedade que não é a sua. Assim, DaMatta (1987, p. 158) enfatiza que “de fato o exótico nunca pode passar a ser familiar; e o familiar nunca deixa de ser exótico”.

O antropólogo busca interpretar a complexidade do mundo social ao desvelar o mundo social do *outro*, ao percebê-lo na sua lógica própria, ao distinguir as nuances culturais - que por se tratar de atitudes tão espontâneas e habituais não são vistas como etnocêntricas pela maioria das pessoas do grupo -, descrevendo com exatidão a lógica, as circunstâncias e a dinamicidade da vida social do *outro*.

Nesse sentido, pontuamos que a presente dissertação é uma análise feita a partir dos testemunhos dos moradores de Pirenópolis sobre a atividade turística, a partir da década de 1990, quando o turismo se intensifica na cidade, até o ano de 2005. Por isso, caracterizamos essa pesquisa como uma *narração de outras narrações*, pois “... o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem... nós já estamos explicando e, o que é pior, explicando explicações” (Geertz 1989, p. 7). É por isso que não temos o intento e a aspiração de obter e exprimir a mesma representação dos moradores de Pirenópolis, visto que esse propósito não é possível, como adverte Geertz (1989, p. 11) ao afirmar que

... os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão... somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura. Trata-se, portanto de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado”... não que sejam falsas, não fatuais (grifo do autor).

Quando é consentido o privilégio à voz para as pessoas de uma cidade, ela oculta e revela discrepantes percepções, re-construções e re-significações sobre uma mesma realidade. Esse aspecto é muito forte em Pirenópolis visto que encontrarmos

peças da terra convergirem com a chegada de novos moradores, que optam por residir na cidade com o propósito de trabalhar com o turismo ou, dentre outros motivos, para viver em um lugar que foge às tensões das grandes cidades.

Interessa-nos conhecer como esses significados se articulam e onde se tangem, fazendo uma espécie de reconhecimento mútuo, que autentica as significações e os códigos indispensáveis para que um indivíduo faça parte da cidade e seja aceito como alguém que a ela integra. Necessário se faz, ao mesmo tempo, aceitar as diferenças e verificar os fatores que prescindem os significados, uma vez que não existe um significado irrepreensível e exato sobre a forma de perceber e viver no mundo. Ora, estamos falando de uma sociedade e as sociedades são complexas por isso, entendemos como Geertz (1989, p. 7), ao asseverar que a etnografia

... é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato... é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar... Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (grifo do autor).

O objetivo da etnografia, então, é justamente possibilitar uma “descrição densa das categorias culturais que se constituem numa hierarquia estratificada de estruturas significantes... produzidas, percebidas e interpretadas” (Geertz, 1989, p. 17) pelos membros da sociedade que as determinou. É essa *descrição densa* que dá forma à pesquisa etnográfica interpretativa, por sua vez, possibilita ao pesquisador

... descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos atores sociais, o dito no discurso social, bem como, construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são (Geertz, 1989, p. 19).

A pesquisa etnográfica interpretativa é *microscópica* (Geertz, 1989) porque, ao mesmo tempo, em que - possibilita ao pesquisador, por intermédio da convivência no cotidiano da vida social do *outro*, o entendimento da dinamicidade e das significações das produções simbólicas; permite, ainda, assegurar a identidade do grupo, confirmando

diferenças e propiciando elementos sobre os papéis da cultura na vida humana. Como lembram as palavras de Laplantine (1989, p. 197),

O conhecimento antropológico surge do encontro, não apenas de dois discursos explícitos, mas de dois inconscientes em espelhos, que espelham uma imagem deformada. É o discurso sobre a diferença (e sobre minha diferença) baseado em uma prática da diferença que trabalha sobre os limites e as fronteiras.

Concordamos com Durkheim e Mauss (1981), ao enfatizarem que nossos valores são arquitetados na coletividade e que por não termos total liberdade, perante o que foi arquitetado em coletivo é que se torna importante uma relativização. A prática da relativização, por sua vez, se concretiza “quando compreendemos o outro nos seus próprios valores e não nos nossos” (Rocha, 1986, p. 20), isto é, quando o outro nos leva a realizar um auto-exame cultural.

A pesquisa etnográfica precisa estar aliada a um compromisso teórico-metodológico que seja captada a realidade vivida, devendo, da mesma forma, considerar a importância do dado empírico. Isso porque

... a coleta do material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário (Cardoso, 1986, p. 101).

Reafirmamos que a interpretação antropológica origina-se do interesse em conhecer outros modos de vida, possibilitando, junto à base teórica, “produzir interpretações das diferenças enquanto elas formam sistemas integrados” (DaMatta, 1987, p. 145) . Nas palavras de Woortmann (1998, p. 78), a pesquisa

... se construiu e continua se (re) construindo pelo diálogo constante entre teoria e etnografia. Por meio da etnografia do particular a Antropologia tem sido capaz de dialogar consigo mesma, com as próprias teorias que ela engendrou tanto quanto com teorias geradas em outras disciplinas, transformando-se sem deixar de ser Antropologia.

Geertz (1989, p. 14) pondera que a interpretação antropológica esboça um discurso social. Para o autor,

... o etnógrafo “inscreve” o discurso social: *ele o anota*. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente... o que escrevemos é o *noema* (“pensamento”, “conteúdo”, “substância”) do falar. É o significado do acontecimento do falar, não o acontecimento como acontecimento (grifos do autor).

A presente interpretação antropológica tem o propósito de exprimir um estudo *na* e não *da* Cidade de Pirenópolis, uma vez que “O *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias” (Geertz, 1989, p. 16).

A assertiva do autor orientou o exercício do trabalho *no campo* que realizamos. Esse trabalho ocorreu em dois períodos específicos: o primeiro em um final de semana do mês de agosto de 2005, em que tivemos a intenção de conversar informalmente com alguns moradores e vivenciar a cidade num dia de grande movimento de turistas. No outro, estivemos, durante uma semana do mês de setembro de 2005, em contato com a cidade e seus moradores, para com eles dialogarmos sobre a atividade turística ali desenvolvida. Presenciamos, na cidade, tanto momentos de *quietude* quanto momentos de *agitação*.

A primeira vez em que estivemos na cidade, fomos à Secretaria de Turismo no sentido de obter informações a respeito da possibilidade de realizar de entrevistas também com personalidades públicas e políticas. Uma funcionária do órgão nos recebeu e se prontificou a marcar as datas para entrevistarmos o prefeito, os secretários de turismo, cultura e meio ambiente e o responsável pelo escritório do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional - IPHAN local.

Em todas as estadas em Pirenópolis, hospedamo-nos na Pousada da Dona Geni, a primeira pensão da cidade, pertencente a uma família considerada tradicional. A escolha por essa pousada se deu por esse motivo e também porque sempre que íamos à Pirenópolis, como turistas, nela hospedávamo-nos. Assim, nosso trabalho não causou estranheza, pois já havíamos estabelecido uma relação de proximidade com as proprietárias e funcionários da pousada. Constantemente éramos convidadas a partilhar do almoço servido. À noite ficávamos conversando com a família à porta da rua, quando não éramos convidadas para assistir tv. Essa família compunha-se de quatro gerações de mulheres: bisavó, vó, neta e bisneta, e apenas um bisneto. A bisavó é filha de um

alemão com uma índia, daí um exemplo da diversidade cultural de Pirenópolis. Nesse ínterim, pudemos conviver com o cotidiano de *quietude* daqueles que se preparam para receber o fluxo de turista.

Estipulamos, previamente, que os sujeitos deveriam compor a categoria de moradores. No contexto da pesquisa, eles foram escolhidos aleatoriamente e por indicações. Selecionamos 30 pessoas, atendendo ao critério de desempenharem profissões e atividades relevantes no contexto de Pirenópolis, quais sejam: o prefeito, o secretário de turismo, o secretário do meio ambiente, o secretário de cultura, o assessor do secretário de cultura, o chefe do escritório do IPHAN local, artista plástico, artesão, designer de jóia, proprietário de pousada, gerente de restaurante, comerciante, presidente de associação de moradores, professor aposentado, gestor de projeto social, diretor de museu, guia turístico, proprietário de operadora de turismo, músico, restaurador de patrimônio, lapidário, consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável, economista, poetiza, contador de causo, quitandeira, proprietário de reserva ecológica.

A coleta dos dados se deu por meio da utilização da entrevista semi-dirigida, realizada a partir de um roteiro (Anexo 1) orientado aos moradores. O roteiro foi dividido em 3 categorias: cultura, patrimônio, memória e identidade; paisagem; e turismo e sua ambivalência. As entrevistas foram gravadas, com a utilização de um gravador e fita cassete e tiveram duração de 30 horas. Posteriormente, todas foram transcritas a fim de favorecer a análise.

O conteúdo básico do roteiro da entrevista, a partir das categorias, visou a delinear a percepção dos moradores de Pirenópolis, em relação à atividade turística e sua ambivalência, considerando a cultura que contempla: o patrimônio; a memória e a identidade; e a paisagem, elementos que subjazem ao turismo e foram relevados por essa pesquisa.

As categorias se desdobram em 20 questões que intencionaram saber o ponto de vista do entrevistado sobre:

- a relação do turismo com o patrimônio e sua importância para a vida da cidade;
- o significado do tombamento do centro histórico de Pirenópolis para a cidade;
- os impactos positivos e negativos decorrentes da atividade turística;
- os fatores que mais atraem o turista a Pirenópolis;
- como o turismo tem alterado a paisagem;

- como os entrevistados vêem eventos com grande confluência de turistas, como o Canto da Primavera e o Festival Gastronômico;
- que comparação os moradores fazem entre a vida na cidade de Pirenópolis hoje com aquela da década de 1990.

Os sujeitos da pesquisa, durante nossa passagem pela cidade, nos acolheram com receptividade e entusiasmo. Isso pode ser notado em algumas situações: quando entrevistamos uma poetiza, ela nos declamou muitas poesias; uma violinista tocou o hino da cidade, de sua autoria, e uma música; um artista plástico mostrou-nos suas pinturas; um contador de causo, além de contar causos, tocou gaita, caixa, órgão. O interessante é que, quando elogiávamos a casa, eles nos levavam para conhecê-la. Por motivo de saúde, alguns sujeitos foram entrevistados no próprio quarto.

Foi estabelecida uma relação de reciprocidade do morador com a pesquisadora. Ao mesmo tempo em que os sujeitos tornaram-se informantes preciosos ao serem atraídos pela idéia de expor o seu ponto de vista em relação à atividade turística, propiciavam uma relação de familiaridade, que favorecia a relação pesquisadora - pesquisandos. Como reforço ao estabelecimento de relações desse tipo, as quais favorecem a pesquisa etnográfica, recorremos a Geertz (2000, p. 45) ao certificar que

A característica mais marcante do trabalho antropológico como forma de conduta é que ele não permite qualquer separação significativa das esferas ocupacional e extra-ocupacional da vida. Ao contrário, ele obriga essa fusão. Devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos; devemos encarar as idéias, atitudes e valores como outros tantos fatos culturais e continuar a agir de acordo com aqueles que definem os nossos compromissos pessoais; devemos ver a sociedade como um objeto e experimentá-la como sujeito.

Com a pretensão de empreender a etnografia, a estrutura dessa dissertação foi dividida em três capítulos inter-relacionados. Compõem o conteúdo da discussão os depoimentos dos sujeitos da pesquisa: os moradores, que serão utilizados como ilustração sendo assim identificados: com a letra M, acompanhada do número correspondente à entrevista, da profissão exercida pelo sujeito e de sua idade. No que se refere ao texto dos depoimentos temos a considerar que foram feitas adequações na

pontuação, acentuação e repetição de termos e acrescentadas palavras, em colchete, para favorecer a clareza da frase.

O Capítulo I, *Discutindo a Ambivalência do Turismo: Cultura, Patrimônio e Paisagem* tem como finalidade relacionar aspectos que, nesse estudo, entendemos como inerentes ao turismo, partindo da cultura como sustentáculo do patrimônio, da paisagem e campo da ambivalência do turismo.

No Capítulo II: *Do Ouro de Aluvião ao Canto do Cerrado* objetivamos discorrer sobre elementos histórico-culturais responsáveis pela construção de uma Pirenópolis como Canto do Cerrado.

O Capítulo III – *Narração de outras Narrações: O Olhar dos Moradores de Pirenópolis Face ao Turismo* tem como propósito analisar como os pirenopolinos sentem e manifestam a sua percepção do turismo na cidade e como convivem com sua ambivalência.

Finalmente, reservamos o espaço das considerações finais para tecermos alguns comentários sobre aspectos importantes suscitados no decorrer do estudo.

CAPÍTULO I

DISCUTINDO A AMBIVALÊNCIA DO TURISMO: CULTURA, PATRIMÔNIO E PAISAGEM

No estudo da cultura, os significados não são sintomas ou conjunto de sintomas, mas atos simbólicos ou conjunto de atos simbólicos.

- Clifford Geertz -

Pretendemos investigar elementos que envolvem o turismo, nesse estudo identificado, a partir da cultura, no patrimônio, na identidade, na memória, e na paisagem e, ainda, na própria ambivalência do turismo. Para tanto, serão trabalhados os seguintes itens: cultura, patrimônio e turismo: uma relação tríplice; paisagem: *palimpsesto* escrito no tempo e no espaço; e a ambivalência do turismo.

Reconhecemos que a fundamentação teórica que alicerça essa investigação somente adquire sentido se puder informar o objeto de estudo, qual seja: a visão que o morador tem do turismo em Pirenópolis. Com essa perspectiva, os depoimentos dos entrevistados, que são dados etnográficos, fazem parte do arcabouço teórico-metodológico utilizados para a produção de conhecimento a respeito do tema escolhido.

1.1 Cultura, Patrimônio e Turismo: Uma Relação Tríplice

Para efeito de orientação do presente estudo, são destacados como conceitos básicos aqueles atribuídos, fundamentalmente, à cultura que, articulada ao patrimônio, à identidade e à memória sustentam o turismo. Normalmente, nas discussões sobre turismo, esse é posto antes da cultura e do patrimônio. Nesse estudo, o turismo é concebido na esteira da cultura e do patrimônio porque eles lhe são dois alicerces essenciais. “Daí se pode dizer, no caso concreto, que a ordem dos fatores alterará o produto (turístico)” (Azevedo, 2002, p. 134). Assim, cultura, patrimônio e turismo, ao serem delimitados relacionam-se entre si, em busca dos pontos de convergência que os justificam.

Nessa perspectiva, impõe-se compreender a concepção atribuída à cultura nas suas relações com patrimônio e turismo. Azevedo (2002) justifica que cultura, patrimônio e turismo são conceitos que devem ser buscados em uma relação tríplice que

os disponha numa seqüência, cuja hierarquia segue a ordem já especificada. A autora entende que, ao associarem-se tais conceitos, cultura aparece em primeiro plano, por se constituir na “força maior, mais abrangente, geradora de patrimônio(s), elemento subjacente ao turismo... envolve o pensar, o sentir, o fazer, o viver... Representa... o código mais profundo que revela a feição singular de um povo, ou seja, sua identidade” (Azevedo, 2002, p. 134).

Na verdade, as categorias cultura, patrimônio e turismo não são dicotimizáveis como aparecem freqüentemente em situações analíticas. São conceitos que se constroem dialeticamente, produzindo representações sociais, ou representações coletivas como se encontram nas palavras de Cardoso de Oliveira (1976), e identitárias. Contudo, apesar dessas categorias serem articuladas, na presente pesquisa, cultura adquire centralidade e vale ser explorada, pois compreendemos que dela emanam os outros componentes da relação tríplice: patrimônio e turismo que serão abordados posteriormente.

Geertz (1989, p. 4) conceitua cultura como sendo “essencialmente semiótica”: estuda fenômenos culturais como se fossem um sistema de signos ou de significações (imagens, gestos, vestuários, ritos). Para o autor, a cultura se forma a partir de *teias de significados* que homens e mulheres constroem:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis..., a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível (Geertz, 1989, p. 10).

Daí podermos nos apoiar em Geertz (1989), ao afirmar que “a cultura é um documento de atuação pública... porque o significado o é”. Ora, as formas culturais de significado público se inter-relacionam por meio do fluxo de comportamento, e, também, em várias espécies de artefatos e estados de consciência (Geertz, 1989). Por isso poder-se afirmar que não existe cultura sem uma “tradição viva” (DaMatta, 1987) elaborada de forma consciente e transmitida de geração a geração, possibilitando a sua singularidade.

Ter tradição significa... mais do que viver ordenadamente certas regras plenamente estabelecidas. Significa... vivenciar as regras de modo consciente... colocando-as dentro de uma forma qualquer de temporalidade... A tradição, assim, torna as regras passíveis de serem vivenciadas, abrigadas e possuídas pelo grupo que as

inventou e adotou, de tal modo que, numa sociedade humana, seus membros acabam por perceber sua tradição como algo inventado especialmente para eles. Como uma coisa que lhes pertence (DaMatta, 1987, p. 49-50).

Cada sociedade humana é representada por uma tradição cultural que se inscreve no tempo e incide no espaço, por isso que

... a cultura pode ser reificada no tempo e no espaço (através de sua projeção e materialização em objetos), ela pode sobreviver à sociedade que a atualiza num conjunto de práticas concretas e visíveis... É pela cristalização material que, muitas vezes, nós podemos separar, distinguir e atribuir significados às nossas ações (DaMatta, 1987, p. 50-51).

Nossas ações no contexto cultural se distinguem ao se caracterizarem pela capacidade de criar e desenvolver modos diferenciados de se consubstanciar em coletividades na sociedade. Daí concordarmos com Bandeira (1995, p. 45) ao postular que

... a totalidade (humanidade) envolve as diversas coletividades existentes no espaço e no tempo. Cada modo particular de ser e de existir, característico de uma coletividade, constitui uma realidade empírica particular, específica. É uma das partes constitutivas da totalidade. O conceito antropológico de cultura é, ao nível da totalidade (enquanto valor e experiência humana), uma generalização teórica que abrange as diversidades culturais da humanidade e que, por isso mesmo, constitui-se em suporte teórico de referência para o conhecimento de qualquer cultura particular, isto é, da cultura de qualquer povo, de qualquer coletividade humana.

A cultura é continuamente elaborada e re-elaborada, são inúmeras as suas metamorfoses porque as condições históricas e sociais de sua produção e re-produção são acentuadamente diversificadas. Por isso mesmo é que as produções artesanais, artísticas, econômicas, políticas, religiosas e sociais são submetidas incessantemente a novas simbolizações e a novas práticas sociais. Nas palavras de Laplantine (1989), paradoxalmente a cultura é estável e dinâmica, envolvendo constantes mudanças.

No movimento paradoxal de confronto entre estabilidade e dinamicidade, a cultura constrói “um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam ‘programas’) - para governar o comportamento” (Geertz, 1989, p. 32) que, em vista disso, é dirigido por um conjunto de padrões culturais:

... sistemas organizados de símbolos significantes... [Desse modo,] A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela - a principal base de sua especificidade (Geertz, 1989, p. 33).

Em sua especificidade, o homem se faz produtor e produto de *mecanismos simbólicos* que determinam os padrões culturais de seu comportamento: *símbolos significantes* que sustentam as expressões corporais; as criações artísticas; as inter-relações socioculturais e econômicas. O indivíduo encontra esses símbolos

... já em uso corrente na comunidade quando nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar. Enquanto vive, ele se utiliza deles, ou de alguns deles, às vezes deliberadamente e com cuidado, na maioria das vezes espontaneamente e com facilidade, mas sempre com o mesmo propósito: para fazer a construção dos acontecimentos através dos quais ele vive, para auto-orientar-se no curso corrente das coisas experimentadas (Geertz, 1989, p. 33).

A cultura pode ser apreendida como algo que se constrói, mediante a acumulação dos bens culturais, tais como os usos e costumes adotados pelas sociedades humanas e institucionais, porque mescla dados, crenças e valores de especialidades e temporalidades diferentes, de tal modo que uma geração os repassa a outra. “La cultura abarca todos los aspectos creativos, las redes sociales, la religión o la ideología; en fin, las diferentes formas de vida de los seres humanos” (Alfonso, 2003, p. 100).

É desse ponto de vista que esse estudo optou por destacar conteúdos da cultura, relevantes ao estudo das ações humanas em quaisquer contextos e localidades, e também para o objeto de estudo dessa pesquisa, qual seja a percepção dos moradores de Pirenópolis acerca do turismo. Além de elemento subjacente ao patrimônio e ao turismo, a abordagem antropológica de cultura implica a noção de memória, constrói referências identitárias das pessoas, e as instrumentaliza para as relações sociais, ao definir valores e significados que lhes propiciam atuar em sociedade. Historicamente, a criatura humana constrói significados e os reconstrói. A sua morada está nos espaços físico natural e artificial; na sua consciência; nos mitos que perpetua, inovando-os ou repetindo-os; nos signos e símbolos; no patrimônio. Por intermédio do

depoimento que se segue, constatamos que Pirenópolis está contemplada por essa abordagem:

- As festas de Pirenópolis são meio sincréticas, elas têm uma conotação tradicional popular e social e têm uma conotação religiosa, como toda festa no Brasil. Essas manifestações todas caracterizam bem Pirenópolis. E é muito interessante porque os pirenopolinos, desde os mais antigos até os mais novos, participam e participam com muito empenho (M15. Economista. 67 anos).

O segundo conceito na relação tríplice proposta por Azevedo (2002, p. 134), é patrimônio, compreendido como “acumulação de bens herdados, construídos e/ou em construção... mesclando temporalidades diferentes: passado, presente e futuro”. Os conceitos de cultura e patrimônio, assim escalonados, atribuem relevância à cultura e à identidade da paisagem espacial preenchida por instituições, prédios e pessoas. Os bens são acumulados historicamente, transformam-se em símbolos e valores - a partir da memória que o presente das diferentes gerações busca persistentemente -, mas requerem que se vislumbre sua trajetória histórica inevitável. Isto significa entender que cultura e patrimônio, assim concebidos, interpenetram-se e complementam-se. Se de um lado a cultura evidencia aspectos da identidade de um grupo, de uma comunidade, e mesmo de um povo, o patrimônio enquanto bem material completa-se com o imaterial, assim como o bem cultural complementa-se com o bem natural.

Os patrimônios imateriais ou intangíveis são mais sensíveis do que os patrimônios materiais ou tangíveis, e se modificam com o passar do tempo, “mas são de fundamental importância porque por meio destes é possível interpretar aqueles... pela leitura dos bens imateriais os bens materiais são interpretados” (Moraes e Borba, 2003, p. 127). No entanto, diferenciam-se apenas didaticamente, visto que a existência de um é determinada pela existência do outro, a exemplo temos o saber fazer o empadão goiano, que se constitui em patrimônio imaterial e o empadão propriamente dito, que é patrimônio material. Entendidos assim, como separá-los?

Concebendo-o como categoria, patrimônio é delimitado por Gonçalves (2003) de forma tal que pode ser associado também a colecionamento. Ambas as noções: categoria e colecionamento vêm se desenvolvendo desde a Idade Média. Na sua origem, o patrimônio relacionava-se à herança familiar. Na França, adquiriu *status* oficial e tinha por objetivo proteger monumentos de valor para a história das nações, ou seja, era concebido como um conjunto de bens culturais de uma nação.

Como ocorre com a cultura, dentre as diferentes concepções atribuídas a patrimônio, incluem-se aquelas que o relacionam à identidade, e à memória. Gonçalves (2003) argumenta que a necessidade de preservar a memória é inerente à condição humana. Colecionam-se objetos materiais que demarcam o que o autor chama de domínio subjetivo na relação com um determinado outro, ou seja, expressa-se como uma espécie de autoconsciência cultural. Neste sentido, pode-se entender que essa noção atribuída a patrimônio relaciona-se com identidade cultural, e, conseqüentemente, não perde o seu caráter de memória.

Para Lima Filho e Silveira (2005), o objeto permeia práticas e rituais do corpo social, mediado pela complexidade dos percursos feitos pelas pessoas na vida em coletividade, por isso

... está repleto de sentidos e nexos compartilhados por aqueles que lhe atribuem valores e simbolismos, sendo que os mesmos emergem da própria experiência intersubjetiva das pessoas em interação entre si, e delas com o mundo. O objeto encerra sempre uma dimensão ético-estética, remetendo ao gesto humano de criar, confeccionar e operar com os mais variados objetos em lugares específicos (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 38).

A dinamicidade de sentidos e imagens que os objetos encerram promove a circulação de particularidades que levam à rememoração de experiências passadas e desencadeia uma tensão entre o esquecer e o lembrar, decorrente da materialidade e sentido que são inerentes a esses objetos.

Pela lente dos autores, é possível demarcar um outro aspecto que circunda a memória como algo capaz de impregnar e restituir a

... “alma nas coisas”, referida a uma paisagem (inter) subjetiva onde o objeto (re) situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória, ou ainda, é da força da dinâmica da memória coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura de um grupo social, remete à elasticidade da memória como forma de fortalecer os vínculos com o lugar, considerando as tensões próprias do esquecimento (grifo dos autores) (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 39).

A memória, por meio do objeto, reaviva o que pode ter sido esquecido, assim impede o esquecimento. É nesse sentido que, pela memória, o patrimônio torna-se um elemento de uma paisagem que, constantemente, faz lembrar uma pessoa ou um local.

Parafrazeando Lima Filho e Silveira (2005, p. 39), o patrimônio “fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida”.

Patrimônio para Gonçalves (2003, p. 27), além de “simbolizar, representar ou comunicar; é bom para agir... faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presentes, entre o céu e a terra e entre outras oposições”. Desse ponto de vista, o patrimônio é admitido como algo que não se refere apenas a bens materiais, ele seria capaz de também formar pessoas e, como tal, é tomado como bem invisível que alicerça valores físicos e materiais, adquirindo valor polissêmico, ou seja, múltiplas acepções. São colecionados objetos e valores aos quais se dá sentido e que se tornam herança; arquivam-se em dados da memória, identidade e valores subjetivos.

Por isso mesmo, concordamos com Alfonso (2003, p. 110) ao definir que patrimônio é “un conjunto de factores, culturales y naturales, que interactúan entre sí y van construyendo las identidades”. Porém, que dimensões humanas interligam-se para erigirem as identidades?

Cardoso de Oliveira (1976) acentua que a noção de identidade apresenta duas dimensões inter-relacionadas: pessoal ou individual e social ou coletiva. Sendo interconectadas, essas dimensões constituem um mesmo fenômeno, mas em níveis diferentes de realização: “O nível individual, onde a identidade pessoal é objeto de investigação por psicólogos... e o nível coletivo, plano em que a identidade social se edifica e se realiza” (Cardoso de Oliveira, 1976, p. 4).

Manter algum tipo de identidade... parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm, enfim, para que não se percam no turbilhão de informações, mudanças repentinas e quantidade de estímulos que o mundo atual oferece” (Barreto, 2003a, p. 46).

A conceituação de cultura fundamentada também no conceito de identidade, desenvolvido por Cardoso de Oliveira (1976), vincula-a a uma perspectiva social e a fenômenos de representação coletiva. Nesse percurso, Cardoso de Oliveira (1976, p. 36) apóia-se em Barth e argumenta:

... quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com que se defronta; é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do *nós* diante dos *outros*, jamais se afirmando isoladamente (grifo do autor).

Uma pessoa, ou grupo, assim se posta em sua singularidade. Ambos diferenciam-se na relação com outra pessoa ou outro grupo de convivência, ocorrendo uma ratificação dos nós diante dos *outros*, o que só acontece de forma coletiva. Em outras palavras,

... identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade. Sendo formada por processos sociais, uma vez cristalizada é mantida, modificada ou, mesmo, remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais envolvidos na formação e manutenção da identidade são determinados pela estrutura social (Berger e Luckmann apud Cardoso de Oliveira, 1976, p. 43).

Então, não se vê a possibilidade de tomar o conceito de identidade desvinculado daquele em que se baseia a concepção sobre cultura, como algo dinâmico, abrangente e complexo, concebida de um ponto de vista inclusivo, em que se dão as tendências à reconstrução de valores e atributos articulados no plano do imaginário e da vivência interétnica.

As conseqüências da modernidade, por outro lado, têm culminância com o desenvolvimento tecnológico, por meio do qual tanto a globalização do mercado, quanto a da economia instauram outras formas de relações monetárias, econômicas e políticas, denominadas como relações transnacionais. São instituídos paradigmas sociais que põem em xeque a concepção clássica de identidade. O comportamento das pessoas e instituições passa a revelar-se padronizado. Segundo Barreto (2003, p. 46-47), há uma

... padronização de gostos, atitudes, valores e expressões que, de um lado, facilita a dominação econômica e cultural e, de outro, deixa os lugares sem a sua "cor local", levando os indivíduos, num determinado ponto, a se perguntar: mas, afinal, quem sou eu? De onde venho? Quais são as minhas raízes e a minha história? (grifo da autora).

Recorremos a Gonçalves (1988), ao postular que se a identidade pode ser encontrada na posse de objetos tradicionais, da mesma forma

... a identidade de uma nação pode ser definida por seus monumentos - aquele conjunto de bens culturais associados ao passado nacional. Esses bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado e, desse modo, estabelecer uma ligação entre passado, presente e futuro. Em outras palavras, eles garantem a continuidade da nação no tempo (Gonçalves, 1988, p. 267).

Quanto à memória, o patrimônio dela extrai sua compilação de histórias, anedotas, símbolos, signos, como uma forma de indivíduo e sociedade reconstituírem a conexão entre o passado e o presente, uma vez que as memórias individual e coletiva interagem de várias maneiras. Por meio de sua convergência, pode formar-se a identidade individual e coletiva.

Ao mesmo tempo em que o patrimônio complementa-se com a memória social ou coletiva, pode criar um conflito dos símbolos e signos que compõem determinada sociedade, nos quais “se registra o jogo memória/esquecimento” (Marly Rodrigues, 2002, p. 18). Isso acontece, muitas vezes, porque existe uma relação entre dominantes e dominados, em que o segundo se rende ao primeiro, isto é, os dominantes “podem impor sua memória como a de toda a sociedade” (Marly Rodrigues, 2002, p. 18).

A construção da memória coletiva, um processo em constante modificação - assim como o é a sedimentação da identidade - é um direito que grupos sociais e pessoas têm em um tempo definido. Sua expressividade se torna latente: primeiro, porque simboliza o que foi vivenciado pelos variados grupos componentes da sociedade, e, em segundo lugar, por instigar as recordações mais peculiares a cada sujeito, ao sensibilizar a sua afetividade. Afinal, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva... este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990, p. 51). No depoimento abaixo, podemos inferir que a memória individual da entrevistada revela muito do sentimento coletivo da comunidade pirenopolina, manifestado pelos sujeitos da pesquisa.

- Quando comparo a vida na cidade de Pirenópolis de antes até hoje sinto saudade... Eu cresci na Rua do Vigário, brincava, esperava a folia passar e hoje vejo mais com outro olhar (M23. Artista plástica. 32 anos).

Assim, o passado é comparado ao futuro, é evocado e reconstruído por meio das lembranças, recordações obtidas e preservadas pela sensibilidade de cada personagem que faz parte da história. Uma certa fatia do tempo passado vem à tona, à medida que o presente a requer. “A memória social aflora, assim, como portadora de historicidade” (Marly Rodrigues, 2002, p. 18) e retrata o grande valor que o passado tem para a sociedade como forma de manter o “equilíbrio emocional”. O passado “feito de fantasias, parecendo sempre melhor que o presente, ele aflora idealizado, porque reconstruído por nós que já somos o que éramos e, movidos pela nostalgia, queremos que ele nos traga de volta as sensações já vividas” (Marly Rodrigues, 2002, p. 18).

Argumentamos que só temos a possibilidade, seja consciente ou inconscientemente, de trazer à tona alguma coisa que já vivenciamos se a memória emergir de algo que já foi experimentado. Notamos, por meio do depoimento que se segue, que alguns moradores de Pirenópolis sentem saudade da tranqüila Pirenópolis que foi vivenciada anos atrás:

- Eu sinto falta do silêncio de Pirenópolis, Pirenópolis era uma cidade silenciosa, sinto muita falta do silêncio, de andar a noite, sinto falta do abraço da cidade. Pirenópolis era uma cidade mais segura; sinto falta de segurança, de silêncio e a cidade perdeu o sentido de comunidade... Pirenópolis hoje é uma cidade comercial (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Como uma pessoa de nossas relações mais íntimas, a cidade se equipara à pessoa, que comunga com os pirenopolinos o silêncio, que abraça, que acolhe na noite. São tempos relacionais que a modernidade, *a cidade comercial* empurra para os cantos da memória.

Isso nos faz recorrer a Halbwachs (1990), para quem o passado tem dois aspectos: aqueles que podemos e aqueles que não podemos evocar. Os primeiros encontram-se dentro do domínio comum, ou seja, o que é fácil para ser lembrado o é igualmente para todos. Assim, a idéia pessoal e particular que representamos com mais facilidade é aquela que os outros constroem de nós. Os acontecimentos mais presentes de nossa vida é que são registrados na memória dos grupos aos quais pertencemos: “é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los” (Halbwachs 1990, p 49). Os aspectos do

passado que não podemos evocar “não pertencem aos outros, mas a nós, porque ninguém além de nós pode conhecê-los” (Halbwachs 1990, p 49). Para o autor a memória é coletiva e “recompõe magicamente o passado” (Duvignaud, 1999, p. 15)

Concordamos com Barreto (2003, p. 47) ao afirmar que

... além da questão identitária, a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este, à sua valorização por parte dos próprios habitantes do local. Um monumento ou prédio dificilmente será alvo de um ato de vandalismo, por exemplo, por parte de alguém que conhece seu significado, que conhece o que ele representa para sua própria história como cidadão, simplesmente porque se identificará com aquele monumento ou prédio.

Mas se o comércio é um braço fundamental do turismo, como valorizar a identidade e a memória sem antagonizar-se à utilização turística do patrimônio ? Para isso, necessário se faz ensejar “um ponto de equilíbrio entre essas finalidades presentemente atribuídas ao patrimônio cultural, a de ser suporte de identidades e a de ser fonte de divisas. Como aproveitar as múltiplas possibilidades das representações do passado, sem mutilar a memória da sociedade?” (Marly Rodrigues, 2002, p. 24). O seguinte depoimento exemplifica que alguns moradores de Pirenópolis se preocupam com a forma pela qual o patrimônio está sendo utilizado na cidade:

- Que sentido tem a preservação se os nativos estão vendendo as casas da cidade e estão indo embora?!... A fachada colonial é para falar que a cidade é histórica. Mas, as pessoas que estão ali não sabem a história da cidade (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).

Entendemos que a preocupação expressa pelo morador de Pirenópolis precisa acompanhar o movimento do turismo, que é o terceiro elemento da relação tríplice, definido como “instrumento de reafirmação de cultura(s) e de patrimônios singulares, isto é, o turismo tem na cultura e no patrimônio dois esteios insubstituíveis que lhe permitem usufruir o encontro de singularidades” (Azevedo, 2002a, p. 134). Compreendemos que a utilização seqüencial e articulada dos conceitos cultura, patrimônio e turismo são pertinentes, uma vez que a cultura contempla o patrimônio e ambos subsidiam o turismo.

Os efeitos da era tecnológica instauram a volatilidade do mercado econômico e financeiro, abalam as regras sociais, as crenças, os usos, os costumes e os valores humanos tradicionais. Essa mutabilidade vem se mostrando como fenômeno violador das raízes culturais, ou seja, das regras de sobrevivência e convivência das pessoas e dos grupos entre si, destituindo-as de seu referencial.

O turismo, se veiculado tão somente por essa ótica, pode ser prejudicial tanto em relação às pessoas, quanto à cultura e ao patrimônio, além de correr o risco de ser direcionado apenas às relações mercadológicas que visam o lucro instantâneo. “O processo de turistificação (transformação em lugar turístico) dá-se ao sabor de mercado, de empreendedores isolados, quase sempre sem planejamento. Formam-se estereótipos. Tudo é movimento” (Banducci e Barreto, 2003, p. 18). Encontramos no depoimento de um entrevistado indício de que acredita na transformação de valores culturais da comunidade local, por meio do turismo, apesar de ressaltar que ele não é o único fator de transgressão das raízes culturais:

- Não vou por toda a culpa no turista não, porque a gente vive em uma aldeia global, comunicação geral, tem rádio, internet, televisão... mas, o turista chegando [em Pirenópolis] ele traz novos valores, novos objetos que seduzem a comunidade local... existe a participação do turista nesse processo de desterritorialização e de desenraizamento cultural. Não dá para creditar totalmente no turismo, defendo o turismo como sendo movimento de chegada (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

O turismo pode ser uma procura pelo conhecimento do diferente e, perquirir, a busca de entender a razão das diferenças entre os seres humanos. O turismo, expressão da curiosidade pelo comportamento, hábitos e costumes do *outro*, é também, a manifestação do gosto pela arte, pela gastronomia, pela cultura, pelo exótico. Pirenópolis não foge a essa realidade, como podemos constatar no depoimento abaixo:

- Depois da construção de Brasília, começaram a aparecer os primeiros turistas. Gostaram do clima, o povo aqui muito amável, social, uma comida caseira muito gostosa... uma variedade imensa de pousadas, lindas cachoeiras de águas límpidas... Eu acho que esse conjunto de fatores contribuiu para que a cidade desenvolvesse da maneira como está desenvolvendo (M2. Aposentado. 84 anos).

A alusão ao desenvolvimento de Pirenópolis, por intermédio do turismo, exemplificado pelo depoimento do morador, interliga-se à concepção do turismo como fato social total porque tem implicações econômicas, comerciais, financeiras, ambientais, históricas, psicológicas, e, acrescentamos ainda, as culturais e sociais. Sem desconsiderá-las Barreto (2003, p. 23) comenta: “pode-se dizer que o turista é essencialmente uma pessoa que procura conhecer, passear, desfrutar de outro lugar diferente daquele em que mora”.

Assim compreendido, e em consequência dos problemas decorrentes da transformação das cidades em metrópoles, o turismo passa a centrar-se nas pessoas e nas necessidades que elas criam para si: fuga da violência urbana e das tensões que o mundo do trabalho lhes proporciona. Fundamentalmente, por isso, o turismo recebe a conotação de algo que transcende as relações econômicas, razão pela qual passa a ser considerado um dos ramos das ciências sociais.

O turismo tornou-se um fenômeno tão amplo que diversas são as razões que se escondem atrás do fato de uma pessoa ser turista. A viagem a negócios, os congressos, os motivos religiosos, as condições de saúde, competições esportivas ou mesmo ‘hobbies’ esportivos, a cultura, a educação e o prazer incluindo férias, descanso, mudanças de ambiente e de ar, são apenas alguns exemplos... o turismo pode ser desde um simples sentimento de ‘fuga’, que leva a pessoa a procurar escapar do seu meio ambiente diário, da rotina, até o desejo de estar só, em paz, inspirando-se em uma vida contemplativa (grifo do autor) (Wahab, 1977, p. 82).

Segundo Wahab (1977), o turismo contribui para o equilíbrio da saúde mental e emocional de quem o pratica, também pode possibilitar um auto-conhecimento. Pelo fato de o turista estar inserido em um meio diferente, seu comportamento muitas vezes é alterado, pois a contextura natural e social lhe causa impressões inéditas.

Entretanto, do ponto de vista econômico, recorreremos a Lage e Milone (1998) ao destacarem que é impossível uma definição específica de turismo, por entenderem que ele se conforma em uma atividade sócio-econômica geradora da produção de bens de serviços à criatura humana, para satisfazê-la, tanto em suas necessidades básicas quanto nas secundárias. O turismo caracteriza-se como um movimento estabelecido mediante a relação de pessoas que se deslocam e são acolhidas por outras que se preparam para acolher aquelas: as que fazem turismo e as que exploram o turismo como meio de vida. A exclusividade desta aceção pressupõe situar o turismo como meio

econômico e no contexto de um mercado turístico, porque visto nas relações entre oferta de serviços e demanda consumidora.

Ainda assim, o turismo mantém um aspecto cultural. Conforme Hernández (2002), foi no século XX que se intensificou o desenvolvimento do turismo relacionado ao patrimônio cultural, na tentativa de acentuar a identidade das pessoas. Para Alfonso (2003, p. 100), “Patrimonio es aquello que identifica a los grupos humanos, aquello por lo que se diferencia a los individuos pertenecientes a distintas etnias”. O patrimônio se constrói ininterruptamente, contudo, só se define como tal se incorporado às formas de vida do grupo. Alfonso (2003) exemplifica esse raciocínio na prática de tatuar a pele, que mesmo tendo a adesão dos jovens não se torna um traço cultural, por não ser incorporada pela maioria da população.

Vale lembrar que o patrimônio não se compõe apenas de aspectos tradicionais da cultura, passíveis de serem preservados, mas também por criações motivadas pelos processos de construção de conhecimento dos indivíduos e pelas trocas culturais como, por exemplo, podemos apontar as transformações socioculturais decorrentes da prática do turismo. É importante destacar que nossas preocupações se voltam ao turismo, apesar de conforme mencionamos anteriormente, ele não ser o único e nem o principal causador das modificações culturais.

... la cultura y... sus manifestaciones son cambiantes. La cultura está tan viva como aquellos que la van construyendo; y son muchos los aspectos que inciden en ella y la van alterando, como el turismo, que es un fenómeno que está afectando, de diversas formas, a gran parte de la población mundial y que, como no podía ser de otra forma, ha hecho que muchas grupos humanos modifiquen aspectos de sus respectivas culturas (Alfonso, 2003, p. 101).

Portanto, com o turismo, o patrimônio ganha visibilidade tanto do ponto de vista cultural, quanto do econômico. Isso pode propiciar uma sensibilização das pessoas para a importância de sua valorização e preservação, o que já acontece em Pirenópolis, como confirma o depoimento abaixo:

- Hoje o cara sabe muito bem o valor da casa histórica... é muito mais interessante para ele preservar aquela casa

histórica do século XIX, do que ele derrubar tudo e construir uma casa moderna (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

O turismo tem corroborado para que prédios, monumentos, bairros e cidades sejam conservados e preservados, tem contribuído também para a retomada de trabalhos manuais, músicas, danças, culinária, folclores, costumes, manifestações culturais, enfim, conteúdos da sabedoria popular. Em Minas Gerais, por exemplo, as cidades históricas, hoje, têm visibilidade porque se transformaram em atrativos turísticos. Em Florianópolis, se não fosse o turismo, atualmente, as rendeiras já teriam deixado de lado a produção do artesanato.

O turismo... permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação das fontes. Permite, até mesmo, que muitos membros dessa comunidade adquiram, pela primeira vez, consciência do papel que sua cidade representou em determinado cenário e em determinada época (Barreto, 2003a, p. 49).

Todavia, Barreto (2003) critica que, atualmente o patrimônio tem perdido seu verdadeiro significado: retratar a história, enobrecer a memória, reafirmar a identidade de uma comunidade, passando a ser importante porque se transforma em um bem de consumo que “pode ser *vendido* como atrativo turístico” (grifo da autora) (Barreto, 2003, p. 32).

No bojo do turismo, detectamos que ocorre em Pirenópolis uma exacerbação do comércio que aglutina numa roda viva, a vastidão dos elementos que compõem o seu patrimônio: as festas, os causos, as músicas, os mitos, os ritos, a medicina caseira, a literatura popular, os museus, as igrejas, os monumentos, o artesanato, a culinária, os rios, as cachoeiras, as jazidas, as serras, a fauna, a flora, o cerrado. Em razão disso, aferimos que, em Pirenópolis, se o turismo não é sinônimo de comércio, confunde-se com ele, em um processo que, dentre outros fatores, vai impactando fortemente elementos da cultura local. O pronunciamento de uma moradora atesta essa idéia:

- Pirenópolis perde um pouco da sua característica porque está muito comercial. A gente vê que tem muita lojinha, muita gente

de fora, o que descaracteriza um pouco a cidade. O artesanato local perde um pouco das suas características, perde espaço para outros artesanatos que vêm de outro local, mas isso ocorre também com o pessoal que trabalha com os doces, com os artistas plásticos, escultores. Então, tudo isso recebe uma influência muito grande (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

Para Laraia (2003, p. 96), “existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro”.

A transformação, no primeiro caso, pode ocorrer mais devagar, e se o pesquisador não dispuser de um apoio de bons dados histórico-evolutivos, quase não se percebe a mudança. A menos que nesse sistema cultural ocorra “uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato” (Laraia, 2003, p. 96).

Já o segundo caso acontece com mais freqüência em grande parte das sociedades humanas, pode ser “mais rápido e brusco. Mas também, pode ser um processo menos radical, em que a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas” (Laraia, 2003, p. 96).

Nas relações com o sistema cultural local, as repercussões do turismo incidem mais no segundo caso, haja vista que o turismo favorece o contato de sistemas culturais diferentes. Sobre as repercussões decorrentes do turismo, discutiremos posteriormente.

É importante atentarmos para o fato de que em uma relação na seqüência turismo, patrimônio e cultura, o patrimônio pode estar sofrendo um processo de coisificação, isto é, tornando-se coisa: o patrimônio perde seu valor cultural intrínseco e passa a ter um valor sobremaneira mercadológico. A procura por características distintivas e singulares de cada cultura surge como uma necessidade do mercado. “A idéia não é manter o patrimônio para lucrar com ele, mas lucrar com ele para conseguir mantê-lo” (Barreto, 2003, p. 17).

O legado cultural, assim transformado em produto para consumo, perde seu significado. A cultura deixa de ser importante por si mesma e passa a ser importante por suas implicações econômicas. A história não é importante porque mostra as raízes, mas porque traz dinheiro (Barreto, 2003a, p. 48).

Entretanto, se por um lado o legado cultural assume um significado mercadológico, por outro, essa pesquisa acredita que, ele não perde o seu caráter simbólico e identitário. Ora, os arranjos econômicos e comerciais são feitos a partir da realidade cultural não por respeitá-la, mas porque se ela não for considerada a atividade turística não se concretiza. Assim, fica clara a ambivalência característica da noção de turismo, exemplificado no estudo sobre Pirenópolis, ou seja, o turismo impacta a cultura, mas dependendo do grau deste impacto ele, o turismo, pode ser vítima de si mesmo. Assim, o tiro pode sair pela culatra. Nessa ótica, mesmo em detrimento dos valores culturais genuínos o intercâmbio cultural ocorre pela própria razão de ser do turismo.

Nesse momento do estudo, optamos por ratificar a relação tríplice entre cultura, patrimônio e turismo, por acreditar que a cultura é, ininterruptamente, elaborada e re-elaborada, de modo diversificado, no tempo e no espaço, consubstanciando-se mediante o acúmulo de bens patrimoniais. Nesse meio, o *homem é amarrado a teias de significados por ele tecidos*, confirmados pela memória e identidade. Esse conjunto de fatores informa o turismo e dele recebe interferência, à medida que pelo turismo, são impactados, de forma ambivalente, o espaço, o lugar, a paisagem.

E é para a paisagem, uma das essências do turismo, como espaço mediador de transformação e de sustentáculo à identidade e à memória coletiva, que nossas preocupações se voltam, nesse momento.

1.2 Paisagem: *Palimpsesto* Escrito no Tempo e no Espaço

Abordar a paisagem como um *palimpsesto* inscrito no tempo e no espaço, nos exigiu relacioná-la ao espaço, ao lugar e ao lugar turístico.

Grande parte de turistas quando define o lugar que vai visitar almeja um lugar diferente daquele de sua moradia, e deseja que as atividades ali desenvolvidas sejam diferentes das de seu dia-a-dia. Mas nem sempre há possibilidades de os turistas participarem das desconhecidas circunstâncias e, tampouco, conhecer a identidade local, suas características distintivas, singulares e próprias, sua história, sua culinária, sua música, sua literatura popular, sua medicina artesanal, seu povo, seus ritos, mitos, hábitos, costumes, festas, folclore, danças, fauna e flora. Isso ocorre por vários motivos,

como por exemplo: comodismo, falta de tempo, roteiros pré-estabelecidos, ônus. Uma moradora entrevistada reforça essa idéia ao afirmar:

- Acho que nós brasileiros estudamos pouco, sabemos pouco. Quando fazemos turismo é uma coisa muito superficial. Está todo mundo passeando, muito mais inserido na questão do consumo do que em algo mais vertical, qualitativo (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

A partir do depoimento acima, inferimos que o turista, de um modo geral, não se relaciona de forma intensa com o lugar e com a paisagem, pois é tudo efêmero, superficial: “a relação do turista com a paisagem fica restrita ao revelado pela máquina fotográfica” (Mendonça, 1996, p. 21). Os turistas percebem apenas o cenário, ficam sem saber quem o criou, onde está quem o criou, por que foi criado. Esse entendimento coincide com a seguinte observação feita por um morador de Pirenópolis:

- Vejo pela casa do meu pai, todo mundo passa e fica querendo tirar foto (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

Considera Tuan (1980, p. 72-74) que, em relação ao meio, o turista só percebe a estética, assim, “julga pela beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos visitantes... sua percepção frequentemente se reduz apenas a usar os seus olhos para compor quadros”.

A despeito do que Mendonça (1996), Tuan (1980) e também o depoimento do morador, notificaram, temos a registrar que o turismo está aí, acontece e é inexorável na sua ambivalência. No caso em pauta, a fotografia que pode ser apenas algo estético, *revelado pela máquina fotográfica*, também exprime a identidade do lugar.

É sobre o que os olhos dos visitantes vêem, e aí *compõem quadros*, que vamos tratar nesse momento, qual seja a paisagem. De forma consensual, os geógrafos compreendem a paisagem como porção visível do espaço que revela a sua dinamicidade por ser uma construção sociocultural.

Apesar de seus atributos visuais, a paisagem também apresenta outra dimensão: expressa a subjetividade, quando o indivíduo interage com a cena para percebê-la, segundo o seu olhar e a sua cultura. O indivíduo não somente vê os quadros

paisagísticos, mas de forma peculiar, os vivencia em seus sentimentos. No turismo, mesmo que de forma efêmera isso é decorrente. No terceiro milênio,

... nossas concepções sobre a construção dos sentimentos e imagens concernentes à paisagem vivida não devem estar restritas, imutáveis, estáticas, mas em contínuo e dinâmico desenvolvimento, considerando-se a gênese das inumeráveis experiências e percepções ambientais. Acrescenta-se, ainda, uma heterogeneidade de culturas convivendo e compartilhando uma mesma paisagem em interações íntimas e profundas, lado a lado (Lima, 2001, p. 338).

A paisagem se constitui de duas tendências: primeiramente, como ponto de partida que nos leva à dinâmica da questão sociocultural; em segundo lugar, consubstancia-se na interação de diversos aspectos de transformação.

O fato da paisagem ser patrimônio cultural, coletivamente percebido com memória e imaginário, não deixa de ser também uma porção do espaço que determina um envelope e um conteúdo de todas as representações paisagísticas desta porção do espaço (Yázigi, 2001, p. 34).

Lopes (1998) entende que a paisagem media a relação do ser humano com os sistemas físico e biótico da natureza. Essa relação ocorre de dois modos:

- um material, formado de componentes bióticos e abióticos que promovem a coesão do sistema no espaço e no tempo, perceptivelmente, porque “acompanham os usos que a sociedade ou indivíduo faz dos elementos do seu meio ambiente dentro do quadro de vida pessoal e social” (Lopes, 1996, p. 113);
- o outro modo de relação estabelecida pelo ser humano com os sistemas físico e biótico da natureza é o imaterial, concernente às interações que transformam o sistema biológico e físico em paisagem. Estão ligados “à afetividade e à intimidade com o vivido” (Lopes, 1996, p. 113).

Construída pelos indivíduos, as paisagens, urbana e rural, são compostas por características culturais peculiares que representam cada período histórico. Desse modo, reiteramos que o ser humano e sua construção marcam a paisagem. Nesse sentido, percebemos que cada período apresenta características próprias, que são reveladas não apenas pelas construções, tecnologias, materiais e métodos utilizados, não apenas pelas situações socioculturais, econômicas, ideológicas e políticas, mas também pela

memória coletiva expressa nessas paisagens. Sem desconsiderar, é claro, as desconstruções, os vestígios das feridas curadas.

A paisagem se forma mediante um conjunto de fatores que contribui para contar às novas gerações a história da humanidade. Nesse contexto, ratificamos que a paisagem apresenta atributos significativamente simbólicos. A exemplo, no depoimento de um morador, a paisagem compõe-se de vários elementos que lhe são significativos. Para outro morador, a paisagem de Pirenópolis torna-se sinônimo de paraíso.

- Eu gosto do ar limpo, do verde, dos morros, do povo de Pirenópolis, da água, das ruas de Pirenópolis porque não têm semáforos... na verdade, eu gosto desse conjunto de fatores (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).
- Pirenópolis é um paraíso inacabado (M9. Diretor de museu. Secretário de Cultura. 72 anos).

É imprescindível à existência de uma imagem, que o seu objeto não seja visto e analisado isoladamente, mas na contextura. “Assim, se explica como as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva” (Halbwachs, 1990, p. 133).

Por isso, a arquitetura gerando urbanismo, desempenha um importante papel no que as imagens coletivas produzem como intervenções de mudança... objetos materiais... trazem nossa marca e a dos outros. O grupo transforma seu espaço à sua imagem e a ele se adapta (Yázigi, 2001, p. 36).

No entanto, é importante atentarmos para o fato de que as paisagens, a partir das “rugosidades” vão se transformando, pois “São escritas umas sobre as outras, qual um palimpsesto” (Santos, 1997, p. 70). Para Santos (1996, p. 83), a paisagem

... é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão... a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal.

Em síntese, no entendimento de Almeida (1998, p. 24), a paisagem configura-se em

... objeto de sensibilidade, de saberes e antes de tudo horizonte da vida, a paisagem é uma complexidade multiforme de realidades, de valores, de gestos e de vividos coexistentes.

Ela é pois uma dupla criação da cultura. A cultura de quem olha e apreende e a cultura daquele que a cria, a inventa.

Assim, a paisagem é continuamente restabelecida conforme os padrões locais de produção e consumo, sociedade e cultura. A paisagem se afirma como um espaço de “referências múltiplas” (Yázigi, 1996), isto é, “como espaço de referência, de valores e do vivido” (Batista, 2002, p. 118). O espaço pode ser entendido como matéria prima do turismo e desempenha um papel importante na atração de um lugar turístico. Dessa maneira, toda a cidade de Pirenópolis tem se configurado em um espaço aberto ao lugar turístico. É por isso, que a exposição dos moradores concentra na própria cidade a capacidade de ser, ao mesmo tempo, atraente e atrativa.

- O pessoal vem por causa do charme da cidade, acho que é o grande motivo da cidade ser tão atraente (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- As cachoeiras, a Serra dos Pirineus são muito importantes para Pirenópolis porque através dessas cachoeiras vem muito turista aqui para conhecer as cachoeiras (M1. Poetiza. Funcionária pública. 69 anos).

Segundo Almeida (2003, p. 12), “O espaço é elemento que permite mudar o “mundo” e é um fator constitutivo da experiência do turismo” (grifo da autora). Na relação com o espaço, o turismo se comporta de duas formas: uma como seu consumidor e outra como seu componente, ao se materializar na paisagem que é reconhecida como turística. A paisagem se forma como elemento indispensável para o turismo e esse, ao mesmo tempo, constitui-lhe uma ameaça, podendo degradá-la ou trazer-lhe prejuízos irreversíveis, categorizados como impactos econômicos, ecológicos e socioculturais, que terão lugar nesse estudo quando da discussão sobre a ambivalência do turismo.

O mundo moderno nos coloca frente à globalização que confronta barreiras e supera obstáculos, no sentido de alicerçar o capitalismo. Nessa perspectiva, também o espaço transforma-se em mercadoria. Mas, afinal, o que é o espaço?

... é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas (Santos, 1986, p. 138).

Expressando de outra forma, o turismo, hoje, que retrata o processo de globalização e envolve os aspectos social, cultural, espacial, ecológico, econômico e político, torna-se uma prática social, que cria novos espaços, adquire grande importância econômica e interfere na cultura e na paisagem.

Em razão disso, o turismo tem se caracterizado não apenas pela produção, transformação e consumo do espaço, mas também pelo uso efêmero do território.

O espaço do/ou para o “turismo” constitui uma mercadoria complexa, pois ele mesmo é uma mercadoria. Trata-se da natureza, ou da produção social, incorporada em outra mercadoria, mas como parte do mesmo consumo/produção do espaço (grifo da autora) (Rodrigues, 1996, p. 57).

Não se altera apenas o espaço, mas também a paisagem física e as relações socioculturais dos moradores que são atraídos pelo lucro rápido, advindo da atividade turística. Modificam-se ainda as manifestações culturais, porque perdem a autenticidade e a espontaneidade; o artesanato é descaracterizado pela noção de progresso do período moderno: “Mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (Hall, 2001, p. 9). No entanto, vão se transformando as ocupações profissionais que, para um morador de Pirenópolis, é um aspecto positivo do turismo que

- ... apesar de trazer uma série de problemas, ele traz a questão da riqueza e do trabalho para as pessoas. Antigamente, o filho do pedreiro, ele almejava o que? Trabalhar na pedreira. Ele ia ser preparado pelo pai para ir trabalhar na pedreira desde criança. E hoje não, já tem uma outra oportunidade de trabalho, que é ser inserido na questão do turismo. O turismo abrange um leque muito grande de oportunidades para as pessoas (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

O espaço produzido por e para o turismo é artificial, não real, imaginário, fabuloso, em que o presente é ausente de densidade, história, raiz, identidade. “É o espaço do vazio. Ausência. Não lugares” (Carlos, 1996, p. 28). Tudo é transmutado em espetáculo para atrair, deslumbrar e enfeitiçar. As pessoas se submetem, de forma consciente, ou não, a tramas que as fazem vivenciar a alienação sua e a dos outros. Já o lugar é produzido pelas relações humanas

... entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive (Carlos, 1996, p. 28).

O ser humano é sujeito, autor, criador do espaço. “As pessoas, historicamente, procuram a interação com outras pessoas fora de seus lugares. E uma das formas de comunicação entre elas está na manifestação da construção de seus próprios lugares” (Carvalho, 1996, p. 100). Esta criação está ligada diretamente às relações históricas, socioculturais e econômicas e “implica em um modo de produzir, de pensar, de sentir e, logo, em um modo de vida” (Almeida, 2003, p. 13). E, em se tratando da *construção de seu próprio lugar*, um morador se pronunciou da seguinte forma:

- Eu quero estar mais próximo da natureza... aqui por exemplo não tem prédios, a gente tem vontade de olhar o verde, a água, beber uma água boa, respirar um ar puro... olhar o horizonte, ver as montanhas, o verde das matas. Então isso, é uma das coisas que realmente mais me atraiu para poder estar aqui em Pirenópolis... Dentro da minha busca pessoal eu sempre busquei uma proximidade maior com a natureza (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

Afinal, a essência da realização humana faz parte do lugar e vice-versa. “O *estar* é necessário para a construção do *ser*” (grifo do autor) (Carvalho, 1996, p. 100). É no lugar que o indivíduo afirma sua identidade, pois nele existe.

No lugar emerge a vida, posto que é aí que se dá a unidade da vida social. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si. Tem a dimensão da vida (Carlos, 1996, p. 29).

O *não-lugar* que, também, é produto do turismo, é diferente do lugar pelo seu processo de formação que fragmenta a história, fragmenta o lugar; ignora-se o feio; separa-se o turista do pobre, do habitual; fabrica-se e arquiteta-se simulações de lugares, por meio da *não-identidade*; produz-se formas de ver, proceder, estar e de apoderar-se desses lugares. Temos um exemplo dessa idéia nos depoimentos de alguns sujeitos da pesquisa:

- Onde hoje é a Rua do Lazer... final de semana ela é fechada. Aí podemos perceber que muitas coisas mudaram... principalmente na área artística.. vários concertos... começou

só com um barzinho, hoje moram apenas 3 ou 4 pessoas... é tudo comércio (M23. Artista plástica. 32 anos).

- Esses preços eu acho que estão um pouco fora da realidade... E o que está acontecendo no local é uma rixa com a comunidade local, com o comércio: “mas o fulano não freqüenta o meu comércio”, mas é porque não tem condição. Eu raramente saio porque não tenho mais condição de pagar para a minha família um almoço ou jantar em um restaurante aqui (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

- As pessoas daqui, quando veem essa quantidade de gente de fora, quase não saem de casa, você encontra mais gente de fora do que daqui (M11. Gerente de restaurante. 40 anos).

Para Almeida (2003), o lugar turístico é o espaço de re-conhecimento do eu e do outro em contato com a natureza e a cultura. No turismo, quem acolhe e quem é acolhido

... se observam, se comparam, identificam suas diferenças, criam opiniões sobre si mesmo e sobre o outro. Conscientemente, cada um pode adotar ou não alguns traços do Outro, porém, cada um pode, também, afirmar sua própria identidade. Em si, o lugar turístico não existe. Ele é uma invenção por e para o turismo, invenção que é feita no bojo de uma expectativa alimentada pela fantasia, nostalgia, aventura, exotismo e busca de ação (Almeida, 2003, p. 13).

Lugar e turista sofrem um processo de transformação para vivenciar uma expectativa fomentada pelo sonho, pela imaginação, pela procura do singular, do diferente, do exótico. Criam-se trilhas, rotas, *city-tours*, roteiros temáticos.

Cidades, municípios, vilas se modificam para atender às expectativas dos turistas e, dessa forma, atraí-los. O lugar se adapta ao programado, uma vez que os turistas estão à procura de imagens, signos que são comercializados, e também, difundidos por postais, revistas, televisão, cinemas, outros. Nesse caso, praças são aumentadas, patrimônios são restaurados, pousadas e restaurantes são construídos, tradições são retomadas, fazendas são adaptadas como lugares típicos, residências de pessoas famosas e tradicionais passam a ser utilizadas como museus, reservas naturais são transformados em parque. Um morador de Pirenópolis acredita que as modificações efetuadas na cidade levam à estereótipos:

- Está havendo uma maior modernização, massificação. Quer dizer, antigamente você saia na rua conhecia todo mundo, conhecia até os cachorros. Hoje, você encontra gente aí construindo casa no estilo cafona, cheia de cerca elétrica,

gente que vem de fora, você não sabe quem é quem... Com isso perde um certo encanto que havia naquela vida de antigamente, de maior convivência, de maior espontaneidade, simplicidade (M15. Economista. 67 anos).

Mas, por outro lado, toda essa programação tem sua ambivalência, pois também surte efeitos positivos como as enunciadas restaurações de patrimônios e retomadas de tradições.

Podemos concluir que as cidades sob a supremacia da sociedade capitalista se alteram mais rápido do que os indivíduos. Apesar de os lugares estarem sempre em um processo de “desconstrução/construção” (Carvalho, 1996), atualmente esse processo é mais incisivo, impedindo

... uma das formas do “*tour*” pessoal introspectivo ao se destruir a possibilidade do “*tour*” no interior de seu próprio lugar. Mais do que isso, o processo é também “determinado”, cada vez mais, alhures. Os artefatos culturais, os símbolos, não duram a geração que os construíram e são substituídos por outros, construído por outros (grifos do autor) (Carvalho, 1996, p. 102).

O autor não propõe uma cristalização do passado e do presente. O fato é que nesse processo acelerado de modificação, o ser humano perde a noção de tempo e espaço, adquire uma interinidade. Um morador de Pirenópolis apesar de compreender a dinâmica da cultura, se preocupa, como nos mostra o depoimento abaixo, com as mudanças que estão ocorrendo rapidamente na cidade:

- A cultura é uma coisa dinâmica, o folclore também. Apesar de o folclore ser baseado em vínculos tradicionais, ele se transforma como a Cavahada se transformou aqui. A Cavahada antes da década de 70 era totalmente diferente do que a gente vê agora. Até o próprio discurso que eles fazem também foi alterado porque a sociedade vai mudando os seus valores. Então, eu acredito que o fato da existência de um Cavahódromo, tem uma aproximação com a Sapucaí do Rio de Janeiro que faz parte também da transformação que um local passa. Mas é no meu ponto de vista uma perda da identidade de uma cultura local (M4. Guia de turismo. Publicitário 42 anos).

Como postula Santos (1987, p. 61), em sua obra *O Espaço do Cidadão*, “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é sede de uma vigorosa alienação”. Da mesma forma, o espaço produzido por e para o turismo, ao se tornar uma

mercadoria a ser consumida pelo turista de forma passageira, o turismo passa a ter a função meramente econômica, sendo apropriado pelas forças do capital. Com essa preocupação é que no item que se segue abordaremos a ambivalência do turismo, pois entendemos que, ao mesmo tempo em que ele se impõe negativamente, contribui, de forma positiva, com as pessoas e com o local.

1.4 A Ambivalência do Turismo

Mathieson e Wall (1990), bem como Picornell (1993) e outros autores, nos últimos 20 anos têm se atentado aos impactos positivos e negativos advindos do turismo. Ora, se o turismo propicia a valorização do patrimônio, seu crescimento sem planejamento, e o desconhecimento de problemas por ele imputados ao futuro, podem gerar danos, até irreversíveis, ao ambiente. Por isso mesmo, a ambivalência do turismo, em pauta, tem como referencial a obra *Turismo: Repercusiones Econômicas, Físicas y Sociales* de Mathieson e Wall. Registramos que, a despeito de os estudos desses autores terem sido realizados em 1990, eles não somente tocam em questões com as quais ainda nos digladiamos no turismo, como contribuem com reflexões que podemos fazer sobre o turismo hoje.

Segundo dados da Organização Mundial de Turismo – OMT (apud UNEP, 2005), em 2003, enquanto os desembarques de turistas internacionais no mundo apresentaram um decréscimo de 1,22%, eles cresceram 8,12% no Brasil em relação ao ano anterior. A OMT também registrou um aumento superior na receita cambial gerada pelo turismo no Brasil, em relação à média mundial: respectivamente, 8,52% e 8,48%. No ano de 2004, o Banco Central confirmou que a balança comercial do turismo foi positiva para o Brasil, pelo segundo ano consecutivo (United Nations Environment Programme - UNEP, 2005).

O turismo representa a maior atividade global, com crescimento de 25% nos últimos dez anos. Salientamos que o turismo doméstico, em muitos países, ultrapassa em volume e receita o turismo internacional, que atualmente gera 74 milhões de empregos diretos e 215 milhões de empregos indiretos, o que corresponde a US\$ 4.218 bilhões do Produto Global e 12% da exportação internacional (United Nations Environment Programme - UNEP, 2005).

De acordo com Lage e Milone (2000), o turismo é responsável por 10% da força de trabalho mundial, que emprega cerca de 289 milhões de pessoas das mais diversas profissões e especialidades, estimando um movimento financeiro de US\$ 40 bilhões, ligado direta e indiretamente às atividades que o constituem. E Pirenópolis, uma cidade do interior de Goiás, no Brasil, se enquadra nessas estimativas, o que podemos constatar no depoimento abaixo:

- Atualmente, o turismo está sendo uma atividade importante para o desenvolvimento da cidade porque aqui, fora as pedreiras, é o turismo que emprega centenas de pessoas, o turista também ajuda bastante no desenvolvimento econômico (M2. Aposentado. 84 anos).

Atualmente, a atividade turística é a que mais cresce no mundo e corresponde a uma atividade econômica e social de grande impacto na vida moderna. Segundo dados da OMT (apud UNEP, 2005), haverá um crescimento significativo do turismo no mundo (United Nations Environment Programme - UNEP, 2005).

Diante desses dados, pontuamos que o turismo por englobar vários aspectos (social, cultural, econômico, político, ecológico e espacial), o desenvolvimento do turismo pode trazer prejuízos e/ou benefícios ao local, dependendo de como as atividades são planejadas e geridas. A diversidade de fatores envolvidos abre espaço a múltiplas inter-relações, haja vista ser possível que a atividade turística se desenvolva de diversas formas, cujos impactos podem se diferir de modo notável.

É importante atentarmos para o fato de que o ato turístico é, em sua essência, humano. São as pessoas que o fazem acontecer e o organizam, modificando e alterando, conforme seus interesses e motivações, a forma como vão utilizar os lugares.

A atividade turística ainda não é desenvolvida de maneira absolutamente profícua para as comunidades receptoras, pois são destinos aos quais o turismo confere malefícios e benefícios. E, esses não são atributos apenas dos impactos econômicos, mas da mesma forma, advêm das variáveis socioculturais e ambientais. Embora as primeiras discussões voltadas aos impactos do turismo estivessem restritas ao aspecto econômico, atualmente, encontramos vários estudos que enfocam suas repercussões socioculturais e ambientais (Picornell, 1993; Mathieson-Wall, 1990).

É intenção desse estudo, abordar aspectos dos impactos econômicos, ambientais e socioculturais, pois mesmo sendo diferentes, se interpenetram e se influenciam.

Iniciamos o estudo acerca de aspectos importantes dos impactos econômicos, recorrendo à assertiva de Rodrigues (1996), quando registra que o espaço do turismo é uma mercadoria

... vendida por espaços curtos de tempo, que permitiriam, teoricamente, o descanso. Caracteriza-se como “consumo coletivo”. Não se trata de consumo público, porque é privatizado... A produção e o consumo da natureza - “dos lugares” do turismo - criam contraditoriamente sua própria destruição... Um consumo coletivo que tem como principal agente a iniciativa privada e como principal “regulamentador” o Estado (grifo da autora) (Rodrigues, 1996, p. 59-62).

A maioria dos serviços ligados ao turismo faz parte do setor privado que, na ânsia de obter lucros a curto prazo, não se dá conta das conseqüências socioculturais e ambientais decorrentes dessa atividade a longo prazo. Em Pirenópolis isso também ocorre, e um entrevistado externa sua preocupação com um turismo que não vise apenas o lucro, mas também o retorno do turista.

- As pessoas, com ânsia de ganhar dinheiro, vão prejudicar o turismo. Porque para você receber as pessoas parece que é fácil, mas que essas pessoas retornem... (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).

Segundo Ruschmann (1999, p. 34), os impactos do turismo têm sua gênese em processos de mutações e, por isso, não são acontecimentos específicos.

... Eles são a conseqüência de um complexo de interação entre os turistas, as comunidades e os meios receptores. Muitas vezes, tipos similares de turismo provocam impactos diferentes, de acordo com a natureza das sociedades nas quais ocorrem... As variáveis que provocam os impactos têm natureza, intensidade, direções e magnitude diversas.

Dessa forma, pelo fato do turismo ser um fenômeno caracterizado pelo movimento de pessoas - pessoas recebendo pessoas, pela busca do desconhecido, pelo consumo do espaço e, também, pela sua dinamicidade -, podemos reconhecer que os impactos do turismo e suas conseqüências modificam-se continuamente. As necessidades e motivações do indivíduo, seja do turista, seja da comunidade receptora, também são dinâmicas, estão em constante processo de transformação e relacionam-se à economia, cultura, meio ambiente e avanços tecnológicos.

Vale ressaltar que é imprescindível essa atividade ser planejada de forma participativa, relevando as necessidades da comunidade local, as características distintivas e singulares de cada lugar, de forma a reafirmar aspectos da identidade de um grupo, valorizar a diversidade cultural, respeitar a capacidade de carga que cada local pode suportar, bem como beneficiar a comunidade receptora, com o desenvolvimento social, cultural e econômico da atividade turística. É, ainda, indispensável a avaliação e o acompanhamento periódico dos impactos. Um morador de Pirenópolis confirma que o turismo se instalou na cidade sem avisar. Por essa razão, ele questiona:

- O que aconteceu com o turismo em Pirenópolis? Foi um turismo que chegou muito rápido e a população não tinha preparo para receber (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

A capacidade de carga de um espaço reservado ao turismo, deve ser estabelecida de acordo com as características de cada localidade, de forma a não provocar mudanças significativas em sua dinâmica original. Essa capacidade diz respeito “à quantidade máxima que um determinado atrativo pode suportar (por dia/ mês/ ano) sem que ocorram alterações no meio ambiente físico e social, tampouco na satisfação do turista” (Turatti, 2002, p. 53). Quando esse limite não é respeitado, isto é, quando os níveis de tolerância do meio (capacidade de carga) e a quantidade de visitantes (capacidade de acolhida) deixam de estar em sincronia, ocorre o que Picornell (1993) chama de *stress ambiental*. Um sujeito da pesquisa chama atenção para esse aspecto ao certificar que

- Pirenópolis nunca vai ter uma infra-estrutura para suportar o número de pessoas que recebe. Então, precisamos entender geral, cidade atrativos, capacidade de carga da cidade. Então, quer dizer, o negativo é isso. As vezes você recebe tanta gente que você não consegue atender todas elas. Vão sair um bando de gente chateada. Aqueles que vieram com grana pra gastar e viram que a cidade tá superlotada (M22. Proprietário de Reserva Ecológica. 30 anos).

Com a finalidade de que os parâmetros da capacidade de carga sejam estabelecidos corretamente é preciso: estudar o sistema de um modo abrangente; conhecer a natureza das atividades ou instalações propostas; entender o significado das alterações provocadas; e estabelecer a quantidade de visitantes (Picornell, 1993).

Se a capacidade de carga do turismo, atualmente, é tema preocupante, isso se deve às ações contrárias que as pessoas vêm perpetrando contra o meio ambiente. E nos limites desse estudo, a desconsideração com a capacidade de carga nos leva a fazer uma incursão em aspectos que circundam o modo pelo qual a Natureza é concebida pelo ser humano. Na antiguidade, a Natureza era vista “como o princípio da criação e da destruição, de onde tudo surge e para onde tudo retorna”. (Blanco, 2003, p. 53). Essa concepção a comparava ao homem em grau de importância.

A idéia que o ser humano tem da Natureza se transforma radicalmente com o decorrer dos anos. “A Natureza, que representava a noção de grande mãe por sua potência criadora, passa a ser vista como mera escrava, pela capacidade humana de subjugar-la e subtrair suas riquezas” (Blanco, 2003, p. 54).

Sabemos que o pensamento de Descartes teve um grande valor para a modernidade, mas, por outro lado, a filosofia cartesiana contribuiu para que houvesse dicotomia entre sujeito e objeto, *res cogitans* (coisa pensante) e *res extensa* (coisa extensa, mundo material). Identificamos que isso ocorreu, também, entre ser humano e Natureza,

... fazendo com que a natureza seja, considerada como o “outro” que subsiste fora do homem, isto é, a natureza passa a ser tudo o que não é o homem. O outro, o estranho, o desconhecido que deve ser estudado, catalogado, entendido e sistematizado. A natureza passa a ser vista como enigma ameaçador e não mais como princípio originário (grifo do autor) (Blanco, 2003, p. 54).

Fruto dessas modificações culturais, o modo pelo qual o ser humano se relaciona e se identifica com a Natureza, varia conforme cada grupo social vivência essa relação. Concordamos com Gonçalves (2000, p. 100) ao postular que, “Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada idéia do que seja natureza”. Lançamos mão de Carvalho (1999, p. 20) para exemplificar os significados que a Natureza adquire para a sociedade:

... se para um empresário de mineração a natureza é fonte de matérias-primas de onde extrai a mercadoria com a qual obterá lucros, já para o camponês, natureza é meio de sobrevivência, ou, de outro lado, se para o especulador de terras natureza é investimento imobiliário, já para os índios é um espaço de vida que não se vende nem se compra.

Em detrimento de hoje a Natureza estar praticamente a serviço do homem, esse estudo não a entende como algo externo a ele, assim como não é simplesmente o lugar onde ele mora e tira os recursos para seu sustento, justamente por ser cultural, histórica, social e geograficamente construída em coletividade.

Essa mesma coletividade, se enfocada pela máquina do turismo, tem consumido a Natureza “de maneira frenética e aleatória, realidade essa comprovada pelas diversas pesquisas de mercado” (Blanco, 2003, p. 54).

Assim, da mesma forma, inúmeros estudiosos já avaliaram os impactos econômicos gerados pela atividade turística, pois são mais fáceis de se mensurar e podem ser expressos em termos quantitativos, que os diferenciam dos ambientais e dos socioculturais. Esses, em grande parte das vezes, precisam ser expressos de forma qualitativa, apresentam alguns componentes intangíveis e a avaliação é subjetiva.

Os países em desenvolvimento, por se caracterizarem pela má distribuição de renda, pela desigualdade social e pela exclusão, perceberam o turismo com uma “tábua de salvação” (Ruschmann, 1999) para a sua economia e instigaram o desenvolvimento do turismo sem analisar as dimensões de desenvolvimento da nação.

Atualmente, podemos notar que existe uma preocupação maior em relação aos problemas que o turismo pode causar, haja vista a procura de alternativas que não exprimem apenas os benefícios econômicos, ainda principal força que impulsiona o desenvolvimento do turismo, mas também uma busca saudável e harmônica nas suas relações com os aspectos ambientais e socioculturais.

É certo que o turismo movimenta vários setores da economia, isto é, diversifica a economia. Em razão disso, permite: a geração de emprego; o aumento da renda do lugar visitado; a intensificação da arrecadação de impostos; o ganho em moeda estrangeira; a melhoria da infra-estrutura da cidade; bem como contribui com o desenvolvimento regional. O depoimento a seguir confirma que o desenvolvimento do turismo em Pirenópolis repercutiu de forma benéfica para a economia da cidade. O morador destaca como impactos positivos do turismo:

- ... a oferta de empregos, o giro da economia. Você imagina, de 1995 para cá, de 35 pousadas nós passamos para 100... Pirenópolis proporcionalmente é o município com maior número de RPPN -Reserva Particular do Patrimônio Natural... O turismo permite um leque, um sistema que atinge várias camadas da sociedade. Você vê que o turismo não é só o hotel, restaurante. A drogaria vai vender, a padaria vai vender,

a feira, o artesanato. Quer dizer toda uma cadeia produtiva (M27. Secretário de Turismo. 51 anos).

Contudo, conforme temos afirmado constantemente, o turismo também traz prejuízos para a comunidade local como, por exemplo, pressão inflacionária ou aumento dos preços dos produtos e serviços oferecidos nas destinações. Além disso, há uma disparidade em relação ao poder aquisitivo do turista e da comunidade local. Temos também a presença da especulação imobiliária que se caracteriza pela supervalorização de algumas áreas, isso “faz com que suas características ambientais se tornem completamente secundárias” (Mendonça, 1996, p. 22). A especulação também provoca a migração da população local para as áreas periféricas. Em Pirenópolis, por exemplo, pessoas que residiam no centro-histórico venderam suas casas, inclusive por preço irrisório, e passaram a residir em bairros periféricos (Lopes, 2001). Alguns moradores de Pirenópolis afirmam que o aumento do custo de vida é concomitante a chegada do turismo, o que nos confirma os depoimentos abaixo:

- Pelo fato do turismo, tudo aqui é caro. As pessoas que moram aqui, para freqüentar restaurante não têm acesso. O pirenopolino de baixo poder aquisitivo não pode freqüentar um bom restaurante, pizzaria, supermercado, frutaria, roupa, o comércio, em geral é caro. Por isso, as pessoas vão comprar em Anápolis (M14. Proprietária de pousada. 53 anos).
- O nosso custo de vida aqui está muito alto, é igual o de Brasília... O nosso poder de compra está pouco. Você vai em Anápolis compra melhor do que aqui (M21. Membro da Associação dos Moradores do Bonfim. 46 anos).

Quando o número de turistas diminui, seja por motivos econômicos, políticos, variações climáticas, modismo, preço, renda do consumidor, catástrofes naturais ou artificiais, falta de tempo, muitos países entram em crise econômica pelo fato de dependerem excessivamente da atividade turística. O turismo engendra uma grande vulnerabilidade por depender da demanda. Isso requer a implementação de estratégias que diversifiquem sua estrutura econômica. Um outro fator que concorre com tal crise é a sazonalidade turística, que se efetiva pelo grande número de turistas em um local e em determinadas épocas do ano, enquanto, em outras, os estabelecimentos recebem poucas pessoas ou até ficam fechados, acarretando desemprego e baixa receita econômica. Por isso, no caso de Pirenópolis, o morador entrevistado faz a seguinte sugestão:

- Tem que existir na cidade outras atividades econômicas como uma cidade normal: atividade industrial, agrícola, mineradora, atividade de comércio (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

Salientamos, ainda, como impacto econômico negativo da atividade, o desvio dos acréscimos econômicos, que leva a comunidade local a não se beneficiar com o desenvolvimento propiciado pelo turismo, pois ocorre uma concentração da renda na mão de poucos. Essa realidade é vivida em Pirenópolis. Os depoimentos dos sujeitos mostram que

- Às vezes, não existe uma estrutura de turismo para as pessoas que são daqui. Porque eu moro aqui, não sou daqui, eu me dou muito melhor com o turismo aqui. As pessoas que vêm para cá, que abrem a loja, têm mais informação, mais contato... as pessoas que têm dificuldade, não podem ficar esperando o turista passar (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).

- Quem usufrui e quem se beneficia e tem o lazer são as pessoas que vêm de fora. E a comunidade ribeirinha, ela vai migrando para bairros periféricos. Porque ela não encontra outras alternativas, os preços sobem, a gente sabe que inflaciona tudo (M22. Proprietário de Reserva Ecológica. 30 anos).

Em contraposição, com base em Mathieson e Wall (1990) relacionamos alguns fatores provenientes diretamente da grandeza da atividade turística, que oferecem repercussões favoráveis nas destinações: os tipos de equipamentos e recursos que atraem os turistas; a quantidade de gastos feitos pelos turistas nos locais; o nível de desenvolvimento econômico local; a amplitude econômica do local; o movimento da receita que vem das despesas dos turistas; a intensidade em que se ajusta à sazonalidade da demanda turística. Nesse sentido, um morador de Pirenópolis assegura que

- ... o turismo mudou para melhor aqui. Geração de emprego e renda, aumentou os hotéis, restaurantes, lojinhas, os artefatos aqui na questão dos artesãos, tem muita mão de obra que é daqui mesmo. Muitas pessoas de fora que abriram coisa aqui, geraram emprego, apesar de ser o salário pouco... Eu acho que quando nós temos o turista em Pirenópolis, o nosso rendimento é melhor (M11. Gerente de restaurante. 40 anos).

As estimativas apontam que o turismo, mundialmente, tornar-se-à a maior atividade econômica do planeta. Todavia, essa realidade requer planejamentos específicos que envolvam, concomitantemente, países em que a atividade turística já é desenvolvida e países que contam, hoje, apenas com a potencialidade para tal. Se na antiga Meia Ponte a mineração foi responsável pela consolidação da cidade, hoje essa atividade divide espaço não somente com a agropecuária, mas acima de tudo, com o turismo. Segundo um morador,

- O turismo, é foi fator de desenvolvimento [para Pirenópolis], de oportunidade para as pessoas, não é aquilo que deveria ser, mas alcançou muito. Foi o que mais cresceu, o que mais gerou emprego nos últimos anos (M27. Secretário de Turismo. 51 anos).

Além do mais, há que se questionar esse constante raciocínio pela lógica de mercado, de consumo: tudo pode ser substituído para o cliente comprar, mas não se percebe que, com a natureza, esse fenômeno não acontece. Dessa maneira, permanece a dicotomia entre o homem e o mundo natural.

O meio ambiente, lugares cênicos, paisagens singulares são elementos indispensáveis ao turismo, pois influenciam na promoção dos destinos turísticos. Daí a preservação e manutenção saudável desses elementos serem essenciais para o desenvolvimento harmônico da atividade. Os próprios moradores de Pirenópolis atestam esse entendimento, ao afirmarem que:

- A natureza para a vida da cidade, é tudo... quando um turista chega em Pirenópolis, se ele for procurar um atrativo, vai encontrar cachoeiras, rapel, trilhas (M7. Comerciante. Membro de Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).
- 80% ou mais do nosso turista que vem aqui, vem para ver a nossa parte ecológica (M28. Secretário do Meio Ambiente. 53 anos).

Concernente aos impactos ambientais, que compõem a percepção desse estudo, destacamos como positivo, o interesse em conservar e preservar áreas naturais, restaurar e valorizar antigos monumentos, locais históricos e arqueológicos, bem como a arquitetura local. A cidade de Pirenópolis, em Goiás, após o reconhecimento turístico de seu valor cultural, foi restaurada e preservada, assim como Ouro Preto, em Minas Gerais, reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela Unesco. A atividade turística também contribui para descoberta e valorização de novas áreas naturais, assim como

para o incentivo à criação de unidades de conservação, de programas e organizações não governamentais, com o intuito de proteger a fauna e a flora. Em relação aos ganhos propiciados pelo turismo, no que diz respeito a Pirenópolis, um entrevistado acredita

- ... que a maior parte da população é beneficiada com o turismo. Acho que o turismo gera uma fonte de renda, gera uma forma de fixação local, gera uma conscientização (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

Ressaltamos, igualmente, a melhoria da infra-estrutura local, da qualidade do ar, da água, que diminui a poluição, controla problemas com o lixo e, ainda, gera maior interesse das pessoas em relação às questões ambientais, por meio de campanhas e programas de educação ambiental com crianças, jovens, adultos e pessoas da terceira idade, o que leva a uma mudança de atitude. Um entrevistado confirma essa assertiva ao dizer que em Pirenópolis

- ... as casas [eram] visivelmente arruinadas, a cidade era menos arborizada. Se [fosse] em uma cachoeira, encontrava cacos de vidro...O pirenopolino passou a valorizar tanto o patrimônio artístico cultural, como o patrimônio ambiental porque o turista que vem aqui ele valoriza, isso altera a consciência local (M4. Guia de turismo. Publicitário 42 anos).

No entanto, insistimos em explicitar que existe uma grande preocupação com relação aos impactos ambientais negativos que o turismo pode causar como poluição sonora e visual, devido tanto à grande quantidade de turistas em determinados locais, como sítios históricos ou naturais, quanto à criação de novas atividades de lazer que não respeitam a capacidade de suporte de cada lugar. Dessa forma, ocorrem furtos, deteriorizações de monumentos antigos por meio de incêndios e por ação de vândalos. Alguns sujeitos da pesquisa reconhecem que esses problemas também são recorrentes na cidade de Pirenópolis:

- O turismo gera muita poluição... o acesso aos locais, às cachoeiras, às áreas ambientais era muito menos usado, o tráfego era menor... Outro aspecto negativo também, que é inerente não só do turismo, mas do crescimento em geral é a segurança pública. Aqui quando tem feriado grande, vem gangues de bandidos fazendo assalto à mão armada, estupros, assassinatos. Hoje, a gente não vive mais aquela situação de antigamente que podia deixar o carro aberto na rua, dormia

com a janela aberta (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).
- O que ficou pior: poluição sonora e roubo (M27. Secretário de Turismo. 51 anos).

No Brasil, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, foram registrados atos de vandalismo na obra de Aleijadinho, ao serem mutiladas partes das esculturas dos profetas. Pensa-se como solução preservar as originais, guardando-as em lugares seguros, substituindo-as por réplicas. Em Roma, o acesso a vários lugares foi proibido pelas autoridades locais, por terem ocorrido vários atos de vandalismo, como por exemplo, a escultura de Michelangelo foi depredada com pinturas, em esmalte vermelho, nas unhas de mãos e pés da estátua (Barreto, 2003).

Há, da mesma forma, o desaparecimento de várias espécies animais pelo fato de os turistas e equipamentos turísticos fazerem muito barulho e assim assustá-los. Além do mais, a falta de consciência dos turistas leva-os a darem alimentos com conservantes aos animais, que podem provocar-lhes doenças e até causar-lhes a morte. Outro fator decorrente do turismo é o desaparecimento de várias espécies vegetais pela poluição das águas, do ar, desmatamento, coleta e pisoteio da vegetação (frutas, plantas e flores) às margens das trilhas.

Também são exemplos de impactos negativos do turismo sobre o meio ambiente o aumento da poluição da água pela falta ou pelo fato de o sistema de tratamento de esgoto não ter sido bem instalado; nota-se, igualmente, a poluição do ar pelo número excessivo de carros, motos transitando nas cidades. Nesse contexto, verifica-se a descaracterização da paisagem e arquitetura local, mediante construções de casas e empreendimentos turísticos que não respeitam as características locais, e acarretam contaminação paisagística ou poluição arquitetônica. O aumento do lixo, por sua vez, dificulta a organização para a coleta e o estabelecimento de um local apropriado para o seu despejo, isso intensifica a quantidade de insetos, bactérias e provoca doenças tanto nas pessoas como nos animais. Esses impactos negativos também podem ser identificados em Pirenópolis, como ilustra os depoimentos dos moradores:

- Com o turismo aumentou a produção do lixo na cidade, porque a comunidade local dava conta do seu lixo em casa.... é o turista que precisava de lixeira na rua, então até a cidade se adequar à exigência do turista, ficou muitos anos. Ainda hoje tem muitos trechos aí que você não acha lixeiras (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

- A cor da fachada, a cor colonial que é o azul com branco, branco com marrom... as pessoas estão pintando a fachada com as cores que elas querem. Isso descaracteriza a cidade e ela perde aquele aspecto de tranqüilidade... [Há] logomarcas que poluem visualmente a paisagem da cidade e que não contribuem nem um pouco para a preservação de Pirenópolis (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).

Segundo Picornell (1993, p. 83), “a dialética que se gera entre a atividade turística e o meio ambiente se caracteriza pelos três tipos de dinâmicas em função do diferente nível de impacto: indiferença, simbiose e conflito”.

A primeira dinâmica, a indiferença, acontece quando as atividades provenientes do turismo não alteram ou não provocam impactos no meio ambiente ou quando estes são imperceptíveis. Já a segunda, denominada simbiose, se consubstancia quando o turismo corrobora para a conservação do meio ambiente, condição imprescindível ao desenvolvimento, ao suscitar um resultado sustentável tanto para o patrimônio ambiental como para uma situação adequada a qualquer atividade humana, isto é, traz benefícios recíprocos. A terceira dinâmica, o conflito, resulta da exploração do meio ambiente, e provoca sua contaminação e degradação, ou seja, se trata de uma dinâmica que prejudica as pessoas, o meio ambiente e o turismo.

O turismo, ao mesmo tempo em que possibilita a criação de uma ética ecológica, pode provocar danos muitas vezes irreversíveis ao meio ambiente. Mas, vale destacar que qualquer atividade econômica, seja o turismo, seja a agricultura, seja a extração de pedras, ou mudanças socioculturais podem transformar as relações do ser humano com a natureza. Dessa feita, não se pode responsabilizar o turismo por quaisquer danos à natureza, a exemplo temos os esgotos mal canalizados para os rios que poluem mais a água do que os turistas que dela usufruem.

Nesse cenário real, que configura o movimento esquivo dos impactos ambientais, como poderiam ser situados os impactos sociais e culturais da atividade turística nos locais de destinação?

De antemão, destacamos que há dificuldade em discernir os impactos culturais dos sociais, no turismo pelo fato de serem interligados. Por isso é que em determinados momentos do estudo esses impactos aparecem como socioculturais.

Sabemos que, o turista, de algum modo, mesmo em meio à diversidade, se inteira com a comunidade local, no que se refere aos seus hábitos, usos e costumes.

Todavia, a relação, na maioria das vezes, é superficial e o interesse é quase sempre demonstrado apenas na compra de objetos típicos como *souvenirs*.

Jost Krippendorf (1989, p. 83), ao analisar como os turistas europeus se comportam em lugares exóticos, a exemplo da África, assegura que a “integração dos visitantes com as comunidades dos locais visitados parte de uma boa intenção, mas não é realizável e, no fundo, também não é desejável”. E arriscaríamos afirmar que esse não desejo é de ambas as partes.

Para o autor, o que muda é a dimensão das diferenças socioculturais. Apesar de se tentar diminuí-las e disfarçá-las, na maioria das vezes são consideradas como inevitáveis ao desenvolvimento do turismo. Há uma dicotomia entre os níveis de desenvolvimento de turista e comunidade visitada, isto é, o “fosso cultural” é enorme para ser superado apenas no período das férias. Desse período, o turista guarda apenas uma recordação fugaz, enquanto que o anfitrião, quase sempre, o enxerga como fonte de renda. O depoimento que se segue revalida que Pirenópolis não foge à essa realidade:

- Existe uma diversidade muito grande de visitantes aqui. Não sei se você foi na beira do Rio ontem, lá você vê que é um segmento turístico de baixa renda, tipo farofeiro, que a gente fala, por outro lado se você dá uma olhada para o visual dos carros, por exemplo, que circulam por aí, você já tem uma outra idéia da situação, você vê que é um outro turista com poder aquisitivo melhor, um turista de qualidade (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

A análise das modificações socioculturais em uma sociedade que recebe turistas é o que chamamos de impactos socioculturais do turismo. Essas transformações podem ocorrer no cotidiano, nos valores, nos comportamentos individuais e coletivos, nas relações familiares, nas condutas política, ideológica, ética, moral e estética e nas manifestações culturais.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (1976, p. 82), a relação entre o anfitrião e o turista se evidencia pela presença de quatro aspectos primordiais: “sua natureza espontânea, restrições temporais e espaciais, carência de espontaneidade e experiências desiguais e desbalanceadas”. Então vemos que:

- primeiramente, o anfitrião, de um modo geral, tem uma cultura muito diferente da do turista que o visita, por isso, o turista considera o encontro singular e atraente. Mas ele

raramente visita a mesma localidade mais de uma vez, o que torna a relação periférica, efêmera, passageira;

- em segundo lugar, a relação anfitrião-turista é limitada no tempo e espaço. O turista sempre, tem pressa e isso interfere no seu estado de espírito e na natureza do contato que estabelece com o anfitrião, ora de forma amena, ora irritada. O anfitrião, por sua vez, pode reagir de forma explosiva;
- o terceiro aspecto aponta que a relação anfitrião-turista não é espontânea. O turista já adquire um itinerário previamente programado: confortável, sem riscos, inabitual e direcionado estritamente para ele e isso lhe impossibilita o contato espontâneo com o anfitrião;
- no quarto lugar, existe uma disposição natural para que a relação anfitrião-turista seja desigual. Na maioria das vezes, o poder aquisitivo demonstrado pelo turista causa estranhamento ao anfitrião. Enquanto o turista está de férias, o anfitrião está prestando serviços a ele, o que desencadeia um sentimento de inferioridade por parte do anfitrião.

Considerados os aspectos supracitados, alguns impactos sociais foram manifestados nas destinações turísticas, como mudança nos hábitos, vestimentas, costumes, entretenimentos da população receptora, devido à presença de um grande número de turistas. O aumento da prostituição, da criminalidade, do consumo excessivo de álcool e drogas são, igualmente, modificações presentes na maioria dos estudos sobre impactos sociais do turismo nas comunidades receptoras. É claro que não podemos responsabilizar o turismo por todos esses problemas, mas comprovou-se que eles se intensificam com o desenvolvimento da atividade.

Países como o Taiti, a Tailândia, e também o Brasil, têm utilizado a prostituição como estratégia de *marketing* para seduzir turistas.

De acordo com Mathieson e Wall (1990), as ilhas do Pacífico e o Caribe têm sido consideradas como refúgio sexual, por venderem uma imagem turística, que se associa a mar, sol, areia e sexo, por meio de fotografias eróticas e *slogans* insinuantes. No Oceano Índico, as ilhas Seychelles têm vendido uma imagem promíscua: ilha do amor, e apresentam um dos mais altos índices de doenças venéreas do mundo. Mas, apesar desse dado, as relações entre turismo e prostituição são quase sempre camufladas, daí ser difícil evidenciar a comprovação da ligação entre turismo, prostituição e a propagação de doenças venéreas.

Para Lin e Loeb (1977), a intensificação da criminalidade nas destinações turísticas acontece porque é aumentado o número de pessoas durante a alta temporada;

a localização do centro turístico na relação com uma fronteira internacional; a disparidade da renda per capita entre anfitriões e turistas tendem a intensificar o roubo. Para um entrevistado, com o desenvolvimento do turismo em Pirenópolis,

- Aumentou a criminalidade, a exclusão social... O problema da poluição piorou muito, não porque o pessoal ficou pior, ao contrário, mas porque aumentou a quantidade de gente e as atividades humanas ao longo dos rios e nas fazendas (M15. Economista. 67 anos).

Contrapomos essa concepção com a observação feita por outro morador acerca de como era Pirenópolis e do que ele sente saudade:

- ...da tranqüilidade, do sossego... porque hoje não dá para deixar o carro aberto, a janela da casa aberta como antigamente, a gente perdeu essa tranqüilidade, se deixar a porta aberta entra ladrão mesmo. Então já existem alguns problemas sociais gravíssimos (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

Rothman (1978), ao estudar alguns centros turísticos, concluiu que os anfitriões sentiam sua segurança pessoal ameaçada e percebiam um aumento nos índices de criminalidade durante a temporada turística ao afirmarem que era mais perigoso andar pela cidade no verão à noite do que em qualquer outro período do ano.

Mathienson e Wall (1990) destacam como efeitos da criminalidade nas comunidades receptoras: prejuízos devido a roubos em residências e centros comerciais; vandalismo; inadimplência de impostos aliada ao câmbio negro; o aumento das tensões; o patrulhamento e o controle do tráfico geram uma falsa idéia de segurança.

Os jogos de azar, assim como a prostituição, não são elementos peculiares ao turismo, mas em grande escala, eles ocorrem em alguns centros turísticos, como Las Vegas. Os cassinos foram legalizados, em Atlanta, com o intuito de engendrar o desenvolvimento do turismo; gerar emprego e diversificar a atividade econômica. Mas problemas como o crime organizado, prostituição e violência tornaram apreensíveis a polícia local e os grupos religiosos.

Mathienson e Wall (1990) expõem que a religião é uma força poderosa que instiga deslocamentos. Mas, o turismo religioso tem provocado conflitos entre os visitantes devotos, o anfitrião e os turistas curiosos, principalmente em Jerusalém, Meca e Medina. Isso acontece porque os residentes e os turistas devotos acreditam que suas

crenças são mutiladas e estereotipadas por fotografias e por comportamentos divergentes. Nos lugares santos está sendo trocado o significado religioso pelo turístico, as igrejas, por exemplo, enxergam um filão comercial no turismo para incrementar a renda em seu benefício. Começam a vender santinhos, velas, ingressos, cartões-postais, *tours*.

A prática do turismo também é capaz de causar outros impactos negativos. White (1974), em seus estudos sobre a influência do turismo nas transformações culturais indígenas, com ênfase no idioma, afirmou que o turismo foi a principal ameaça para a diminuição do uso do idioma indígena, contribuiu para corromper os padrões e identidades sociais, além de tornar-se fator principal de homogeneização cultural e do desaparecimento de características socioculturais locais.

Mas por outro lado, o turismo foi elemento imprescindível para resgatar o idioma crioulo na Ilhas Seychelles, no Oceano Índico, que deixou de ser considerado como algo que representasse inferioridade e vergonha e dele os nativos passaram a ter o que denominamos de orgulho étnico. As canções e músicas folclóricas crioulas também foram resgatadas, tomaram o lugar das músicas cantadas nas línguas inglesa e francesa nas emissoras de rádio e passaram a ser escutadas por vários artistas locais (Mathienson e Wall, 1990).

Nos estudos de Mathienson e Wall (1990) sobre a relação entre o turismo e a saúde, os autores afirmam que ela se consubstancia de três formas: a melhoria da saúde é uma motivação para viajar; o produto turístico se torna mais qualificado com o melhoramento dos postos de saúde; os turistas podem transmitir doenças aos anfitriões e vice-versa. Mas, em Pirenópolis, um morador constata que o turismo não contribuiu para melhorar os postos de saúde, uma vez que para ele,

- O hospital continua péssimo (M22. Proprietário de Reserva Ecológica. 30 anos).

O turismo pode, paradoxalmente, tanto ser um indutor para melhorar os serviços de saúde pública de um destino turístico, como também corroborar para o surgimento de algumas doenças.

Se a cultura de um grupo se constitui como um elemento atrativo e, assim, como uma das principais motivações de uma viagem turística, nem sempre, a vontade

de conhecer outros modos de vida se acopla ao respeito e à consciência necessários aos visitantes.

Para Ritchie e Zins (1978, p. 257), os principais elementos culturais que atraem os turistas a determinadas destinações são: o artesanato, o idioma, as tradições, a gastronomia, a arte cênica e plástica; a música erudita e popular; a história regional, inclusive as relíquias; os tipos de trabalho e as técnicas utilizadas pelos anfitriões; a arquitetura, antiga ou moderna, que confere um caráter único à localidade; as manifestações religiosas; os sistemas educacionais; as vestimentas; as atividades de lazer. Os autores confirmaram que desses elementos culturais, os que têm um poder maior de sedução para os turistas são: o artesanato, a gastronomia, as tradições, a história, a arquitetura e as atividades de lazer.

A investigação referente aos impactos culturais do turismo apresenta uma ênfase similar e se foca em três principais formas de cultura para motivar o turista a visitar uma localidade, sobre as quais com base em Mathienson e Wall (1990), discorreremos a seguir.

A primeira se relaciona às formas de cultura que não interferem diretamente na atividade humana, podemos citar como exemplo: os turistas que têm como principal motivação conhecer a arquitetura e obras de artes únicas, edifícios e monumentos históricos e comprar obras de arte e artesanatos tradicionais.

A segunda forma de cultura diz respeito aos fatos de os turistas estarem interessados em conhecer as rotinas diárias de um grupo, tanto as atividades sociais como as econômicas, têm a intenção de estudar a forma de ser e de viver, a ideologia, os usos e os costumes da comunidade visitada.

A terceira inclui atividades animadas, como por exemplo, os “festivais musicais, carnavais, festivais que retratam as antigas tradições e comportamento, as reapresentações das batalhas e as exposições de mecanismos antigos” (Mathienson e Wall 1990, p. 203).

No Brasil, quase não existem estudos nesse sentido, mas é possível que os aspectos singulares de uma cultura, além das belezas naturais sejam as principais motivações de estrangeiros no Brasil, aliadas à diversidade de etnias existentes no país, que estimulam o turismo interno.

Estudos realizados no exterior demonstram que, ao mesmo tempo, em que os impactos culturais do turismo, em algumas destinações, se mostram positivos, em

outras, os impactos negativos se evidenciam, e, é óbvio, que estes são mais intensos em regiões que recebem um grande fluxo de turistas.

Porém, é interessante registrar que, concomitante aos impactos negativos, voltamos a nos apoiar em estudiosos que apontam o turismo como forma de valorizar a cultura, de incentivar o renascimento de aspectos culturais que estavam desaparecendo: “El turismo y la conservación pueden compaginarse para trabajar conjuntamente en beneficio mutuo... el turismo y la conservación son interdependientes y... ambos se colocan para obtener una colaboración cercana y efectiva” (Mathienson e Wall, 1990, p. 207). Esse entendimento pode ser verificado inclusive em depoimentos de moradores, de Pirenópolis, entrevistados na pesquisa:

- Eu sou a favor da diversidade, eu acho que o turismo é positivo, porque é a interação dos mundos, dos opostos, eu acho isso muito bacana, eu acho que é necessário, inclusive para que as pessoas se universalizem... Com o turismo melhorou o universo culinário, os acontecimentos sociais, as opções culturais (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).
- O turismo aumenta a auto-estima da comunidade, então ela se sente mais valorizada (M22. Proprietário de Reserva Ecológica. 30 anos).

O turismo parece ter capacidade de fazer com que as mudanças culturais ocorram mais rápido, mas as modificações na cultura de uma comunidade não são aspectos inerentes apenas ao turismo, podem ser influenciadas tanto por fatores internos como por fatores externos a ela. Mas, as transformações culturais podem ocorrer de três formas: como resultado das necessidades internas, biológicas e sociais; pela decorrência de modificação do seu habitat natural; e pelo contato entre pessoas com culturas diferentes, para garantir a sobrevivência da comunidade no seu ambiente. Essas três dimensões englobam o turismo

Assinalamos que as modificações ocorridas pelo contato de um sistema cultural com outro advêm de múltiplos fatores que, atualmente, podem ser identificados no aprimoramento dos meios de transporte, nos processos de urbanização, no avanço tecnológico e dos conhecimentos científicos, que colaboraram com o rompimento das barreiras culturais antes mesmo do turismo entrar em evidência. No entanto, ainda não é o raciocínio de alguns moradores de Pirenópolis, pois acreditam ser o turismo o principal fator das transformações que vêm ocorrendo na cidade. Conforme um morador,

- O Rio era muito usufruído pela comunidade local. Hoje... a comunidade em si não usufrui do Rio das Almas tanto na parte interna da cidade como fora. Por exemplo, eu era uma pessoa que vivia nas cachoeiras, acampando e não tem mais essa utilização do Rio, acho que é devido à poluição. Outra questão que a comunidade deixou de fazer, por exemplo, o fim de semana local mudou muito... Tinha as pessoas que, às vezes, iam para a beira do Rio, faziam peças teatrais, serenatas, cantigas, luau, tudo isso a população local deixou de fazer... você tem hoje uma influência muito grande de fora. Acho que com o turista veio muita coisa negativa como as drogas, a criminalidade, a prostituição (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

As relações culturais entre anfitrião e turista são determinadas por uma diferença cultural entre ambos, uma forma de contato efêmero, sem continuidade, mas complexo, pois tende a ser uma atividade que aumenta as tensões dos grupos envolvidos, além de ser mais imprevisível do que outras atividades que se caracterizam por uma relação mais permanente durante todo ano.

A duração, a permanência e a intensidade da relação do anfitrião com o turista, aliadas à agregação cultural ou a habilidade da comunidade visitada em tolerar as influências internas e externas, é que vão definir o processo de adaptação do anfitrião em relação às mudanças.

Conforme afirmamos anteriormente, turismo e mercado não são sinônimos, mas um auxilia e impulsiona a existência do outro. E esse mecanismo tem propiciado ao mercado uma alteração não apenas no feitiço, nos materiais e métodos utilizados para produzir as artes e artesanatos de comunidades turísticas, mas também na qualidade da produção, na significação da natureza social, cultural e religiosa da arte, por parte dos artesãos, e nos propósitos para os quais estão sendo produzidos: para venda e consumo dos turistas. E, dessa forma, o seu papel inato, seu caráter próprio, assumem características diferentes das originais.

Em outras palavras, os artefatos culturais como cocares, lanças indígenas, artigos em madeira, pedras semipreciosas, entre outros artesanatos que são vendidos em aeroportos brasileiros, por exemplo, são produzidos em grande quantidade, muitas das vezes por pessoas que não têm conhecimento da cultura tradicional, que não são membros dessa cultura, representada por intermédio da arte ou artesanato. A relação entre a arte e o artista, muitas vezes, perde seu significado espiritual, por ser criada mais para satisfazer ao gosto do turista. O depoimento de uma moradora confirma que, em Pirenópolis, encontra-se situação análoga à exposta:

- Eu estou aqui há 20 anos e faço parte de gente que curte tecelagem... as pessoas iam vender sacos de algodão colhido... em saco... descarado... então comprava o algodão, ia procurar a pessoa que fazia o fio e depois a tecedeira. Hoje, na maioria das lojas de Pirenópolis são vendidas as mantas e os panos de Minas Gerais, não é produção local. Isso em 20 anos (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Se temos explicitado no decorrer das discussões, que a cultura é dinâmica, poderíamos refletir sobre: como em Pirenópolis as circunstâncias que envolvem a tecelagem, de acordo com o depoimento da moradora, seriam as mesmas de 20 anos atrás? Com os intercâmbios comerciais realizados entre os estados de um mesmo país e inclusive com o exterior, uma localidade que não se incluísse nessa realidade, teria impedida a sua existência.

De fato, não podemos esperar que exista arte estática, que permaneça intacta ao longo dos séculos, pois são criadas por pessoas e as pessoas são dinâmicas, estão em constante transformação. Por isso, a dificuldade de de aí se estabelecer quais são as repercussões induzidas pelo turismo e aquelas que são originadas por outros fatores externos a ele.

“La ambivalencia del turismo se expresa otra vez en su incidencia en las artes y las artesanías tradicionales” (Mathieson e Wall, 1990, p. 211). Enquanto alguns estudiosos postulam que o turismo leva à descaracterização do artesanato, outros defendem a idéia de que o turismo induz o resgate e a valorização de formas de arte e artesanato tradicionais, além de estimular a criação de novas formas de arte.

Brody (1976) atribuiu o êxito do turismo no sudoeste do México, às formas de arte utilizadas pelos índios, especialmente, em relação ao tecido navajo. Na cidade de Puebla, por exemplo, isso se dá com a cerâmica. Os fatores que conferiram esse sucesso foram: a permanência da produção em uma relação orgânica com as pessoas que fazem parte das comunidades tribais; o não rendimento das formas de arte e artesanato às pressões do mercado, isto é, não se padronizaram; a disponibilidade dos artesãos qualificados para o trabalho que fizeram evadir os impactos da produção em massa, automatizada; a capacidade de resistência da cultura após ter experimentado uma exposição progressiva às pressões turísticas contemporâneas. No Brasil, esse fato é evidenciado pela valorização da cerâmica marajoara e outros tipos de olarias, de artefatos de vime e palha.

Sabemos que nas sociedades capitalistas a lei de mercado impera, e o turismo, assim como a cultura e o patrimônio, são atraídos para esse turbilhão em que o aspecto econômico prevalece. Por isso, em muitos momentos desse estudo, conforme a discussão em pauta, a cultura, o patrimônio e o turismo são postos quase no mesmo patamar, visto que as relações comerciais têm permeado todos eles, sem contudo desessencializá-los, à medida que não consegue impedir o intercâmbio cultural que se realiza em um processo dialético que, conflui as forças culturais, turísticas e mercadológicas.

Por isso é que, um destino turístico para se promover utiliza estratégias mercadológicas, muitas vezes equivocadas e fantasiadas, para atrair os turistas. Essas estratégias levam à criação de uma imagem descomposta, fragmentada e estereotipada do destino. Para uma moradora, o desenvolvimento do turismo, em Pirenópolis, está contribuindo com a mercadização cultural, isto é, a cultura está sendo comercializada para atrair turista, pois ela acredita,

- ... que isso faz parte do grande plano federal de criar o calendário EMBRATUR. O cavalcadouro não passa de um passo para a gente virar um programa televisivo na agenda Brasil Turismo. O que eu chamo de indústria turística. É o processo da mercantilização da cultura (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Reafirmamos que com o intuito de atender a essas expectativas, as manifestações tradicionais, os festivais, o folclore, os costumes se transformam em *shows*, espetáculos planejados, montados especialmente para satisfazer a curiosidade e o interesse do turista. É um cenário montado, em que os artistas esperam o diretor dizer: “luz, câmera, ação!”.

Na Espanha, por exemplo, o Alarde, tradicionalmente, uma festa popular, se transformou em atração para turistas patrocinada pelo governo e o comércio. Muitas pessoas da comunidade local não mais participam porque o festival passa a ter um significado mercadológico, é feito para ganhar dinheiro, assim, perde a sua essência, o seu caráter religioso, histórico e ideológico, há uma subversão dos significados culturais do ritual; “y confirma que la comercialización de la cultura no requiere la aprobación de la sociedad anfitrión y rara vez tiene el poder de revertir el proceso” (Mathieson e Wall, 1990, p. 219).

Parafraseamos Greenwood (1977), quando trata da influência do turismo no Alarde, a fim de explicitar que não se deve resumir a cultura a um pacote turístico que

pode ser apresentado, remunerado, a despeito dos valores culturais. Concordamos com o autor (1977, p. 86), ao reconhecer que “Como alguns aspectos culturais têm ramificações mais amplas do que outros, o que precisa ser lembrado é que a cultura, na sua essência, é algo implícito na visão dos povos”.

Continuando com o raciocínio voltado ao entendimento do turismo, em sua ambivalência, assinalamos que a organização e representação de atrações culturais, para os turistas podem ter efeitos, paradoxalmente, positivos ou negativos, tanto para os turistas como para a comunidade receptora. São positivas quando conseguem divertir o turista e atenuar as pressões entre a comunidade local e o turista e a comunidade e sua cultura. Buck (1977), em seus estudos sobre os efeitos do turismo na cultura folclórica da Antiga Ordem Amish da Pensilvânia, comprovou que a criação de outras atrações culturais contribuiu para resguardar a cultura local, como as tarefas domésticas e agrícolas dos amish, das pressões dos turistas.

Mas por outro lado, essas manifestações culturais e folclóricas, exibidas em salões com ar-condicionado e assentos estofados, por sua vez, impedem um contato real entre turista e anfitrião, em que o segundo fica que posto em uma vitrine para ser apreciado. Essa é uma das muitas experiências que, conforme mencionamos anteriormente, salienta a inferioridade da comunidade receptora em relação ao turista. Isso pode incitar “distúrbios nas expectativas sensitivas dos turistas” (MacCannell, 1997, p. 586). Para o autor, esse espetáculo montado para o turista ver, causa-lhe decepção, deixa-o desiludido, quando pretende conhecer a peculiaridade da cultura da comunidade anfitriã.

Para muitos anfitriões, as atrações culturais montadas são artificiais e impactam negativamente a cultura local, porque forja o significado das tradições, costumes e folclore local, a fim de converter a experiência turística em atraente aos olhares do turista. Em Pirenópolis, alguns moradores acreditam que as Cavalhadas, uma festa popular e tradicional da cidade, pode está se descaracterizando, se elitizando, para atender às necessidades que o mundo do turismo impõe, o que podemos aferir nos depoimentos abaixo:

- Para começar perde-se a espontaneidade, que é uma coisa característica das tradições e das festas pirenopolinas... Se você começar a organizar demais você corre o risco de matar a espontaneidade, corre o risco de transformar em uma coisa elitista porque provavelmente vão querer cobrar ingresso, o povo já não vai... Existe uma dualidade. Você pode ter que

criar condições, infra-estruturas, mas ao mesmo tempo tem que tomar cuidado de não acabar com a espontaneidade e com o acesso dos pobres, porque a presença dos pobres nessas festas é notável (M15. Economista. 67 anos).

- A população gosta de construir o seu camarote, gosta de comer o seu churrasquinho debaixo do camarote, de comprar cerveja do amigo dele que está lá há anos. O que vai acontecer? A população pobre que faz a festa, vai começar a se olhar e ver se está no padrão de entrar dentro de um Cavahódromo daquele. Pra quê? Se ela não vai poder comer o churrasquinho que ela comia, beber a cerveja, o refrigerante debaixo do camarote... E quem vai ganhar com isso? A elite... Mas, o lado bom que eu olho é que pode ser usado para outras coisas, mas o lado ruim é que eu não vejo as Cavalhadas acontecendo lá (M22. Proprietário de Reserva Ecológica. 30 anos).

- Não houve uma pesquisa em relação a isso... o fato da existência do Cavahódromo vai estar influenciando algumas características que, no meu ponto de vista, são primordiais. Uma identificação da Festa que é popular, vai se perder... Mas o próprio nome já traz um desenraizamento e desterritorialização... um conceito que é externo de Cavahódromo, sambódromo, autódromo que não tem nada a ver com as raízes lingüísticas do local... Antes todo mundo falava campo das Cavalhadas (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

Dessa forma, reiteramos junto a Azevedo (2002, p. 162) que o interesse por manifestações exóticas e patrimônios originais gera certos conflitos para o que a autora denomina de turismo cultural, pois, ao mesmo tempo em que há a entrada de divisas, ocorre uma espécie de desrespeito à cultura local, “com as comunidades anfitriãs chegando a considerar que o poder de compra dos turistas representa uma ameaça à sua cultura e tradição” (Azevedo, 2002, p. 162).

O desenvolvimento do turismo nos destinos turísticos tem acarretado impacto na cultura e no patrimônio de tal modo que, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco, Organização Mundial do Turismo - OMT, Programa Nacional de Bercas Universitárias - PNBu, Banco Mundial estão trabalhando em parceria para incitar pesquisas e estabelecer estratégias que almejem a proteção e a valorização do patrimônio cultural, e defendam a idéia de que o desenvolvimento do turismo deve trazer benefícios econômico, social e cultural à comunidade local.

Diante disso, podemos concluir que o turismo se relaciona com o ambiente de duas formas contraditórias. Uma corresponde ao papel que ele desempenha na preservação e valorização do patrimônio histórico-cultural, na criação de unidades de conservação e, na criação de uma ética ecológica. E a outra maneira, diz respeito ao

conflito que pode existir entre o turismo e o ambiente. São exemplos desse conflito a poluição das águas, do ar, a visual e sonora; o desaparecimento de espécie da fauna e da flora e a construção de novos empreendimentos que descaracterizam a arquitetura local provocando a contaminação arquitetônica.

O turismo tem sido muito criticado pelo fato de ser um aliado ao aumento dos preços dos produtos e serviços de um destino turístico, para a especulação imobiliária e dependência excessiva de alguns países em relação à atividade turística. Porém, por outro lado, concorre para a geração de emprego e renda, diversificação da economia e aumento da arrecadação de impostos. A cidade de Pirenópolis, pode ser contemplada por essa realidade, visto que,

- A casa que um pirenopolino há 10 anos atrás vendia por cinco, dez mil reais, hoje pode vender por setenta, cem mil reais (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).
- Pirenópolis é uma cidade de 20 mil habitantes, não teria nunca esse comércio se não fosse o turismo (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- O turismo mudou para melhor nossa vida emocional, nossa vida financeira. Apesar de que antigamente era muita fartura. Fartura assim, não faltava nada. Tinha abóbora, você comia e hoje você tem dinheiro e não tem verdura porque a verdura se torna mais cara (M21. Membro da Associação dos Moradores Bonfim. 46 anos).

Nessa perspectiva, De Kadt (1979, p. 14-15) enfatizou que relacionar os impactos do turismo com uma degeneração não procede, pois

Ainda quando a produção de curiosidades... e representações de folclore artificial são a direção estimulada pela demanda turística... frequentemente as artes, o artesanato e a cultura local têm sido revitalizados como resultado direto do turismo. Uma modificação nas formas tradicionais acompanha muitas vezes este desenvolvimento, porém não necessariamente o conduz a sua degeneração. Para ser autênticas, as artes e o artesanato devem ter raízes tanto na tradição histórica como na vida diária atual; a verdadeira autenticidade não pode ser alcançada somente pela conservação, pois isso conduz à ridicularização.

A assertiva do autor nos induz a refletir que a autenticidade da cultura não está no fato de manter suas tradições intactas, mas de mantê-las vivas: “vivenciando-as de modo consciente... colocando-as dentro de uma forma qualquer de temporalidade”

(DaMatta, 1987, p 49), ao acompanhar as transformações atuais. Assim, “O lugar só adquire valor turístico quando se ajusta às necessidades evidenciadas, quando ele responde a uma demanda existente ou latente, quando ele se confunde com as aspirações, gostos e mitos de uma época” (Almeida, 1998, p. 21).

Ruschmann (1997, p. 51) ao expor que o turismo, no lugar de favorecer “as relações econômicas, que permitem apenas os contatos precários, favorecem o lucro e provocam a dependência excessiva da atividade por parte da população das destinações”, deveria ser concebido como uma oportunidade rara de promoção do encontro entre culturas, propiciando a compreensão e os relacionamentos humanos.

Nesse capítulo, envidamos esforços para estudar o turismo, alicerçado no âmbito da cultura, objeto de estudo da Antropologia, que compreende o homem, em meio aos seus signos, símbolos, crenças, costumes, hábitos, valores, *modos vivendis* que, reavivados pela memória, identificam um grupo. Assim, foi que optamos pela relação tríplice, na seqüência: cultura, patrimônio e turismo.

O turismo, como um fato social total, cercado e permeado pelas relações econômico-comerciais do mercado, abrange o espaço da localidade e o transforma em um lugar turístico, por meio, inclusive da paisagem. A paisagem passa de natural, que foi um dia, a compor o cenário do turismo. E, o que é inerente, sob a forma de um *palimpsesto*, ela conflui suas origens com suas novas formas, agora um tanto mais afeitas ao turismo na localidade.

O que ocorre com a paisagem situa-se em todo movimento ambivalente do turismo que, concomitantemente, se impõe, se opõe, mas propõe formas de a comunidade qualificar sua vida, mediante a implementação da cultura e da preservação e valorização do patrimônio.

Essa compreensão será utilizada para fundamentar a análise dos dados sobre a percepção dos moradores em relação ao turismo na histórica cidade de Pirenópolis, sobre a qual, no próximo capítulo, trataremos os aspectos histórico-cultural e turístico.

CAPÍTULO II

PIRENÓPOLIS: DO OURO DE ALUVIÃO AO CANTO DO CERRADO

Uma cidade histórica constitui em si um monumento, mas ao mesmo tempo é um tecido vivo.

- Françoise Choay -

Uma cidade não se torna histórica porque habita simplesmente um mesmo lugar por muito tempo. Os acontecimentos vivenciados pelas pessoas no passado só terão impacto no presente se “forem gravados em livros de história e se os fatos, as festas religiosas e profanas forem reconhecidas pelas pessoas como parte de uma tradição que se mantém viva” (Tuan, 1980, p. 193).

As cidades históricas atendem pelo menos duas expectativas. A primeira corresponde ao registro da memória coletiva e à valorização do legado cultural para que as pessoas, dessa forma, possam encontrar a sua identidade, a fim de reconhecer e apreciar o passado, perceber e interpretar o presente e projetar e arquitetar o futuro. “Uma cidade antiga guarda um acervo de fatos nos quais sucessivas gerações de cidadãos podem se inspirar e recriar sua imagem de lugar” (Tuan, 1980, p. 193).

A segunda expectativa se refere ao desenvolvimento da atividade turística, que faz uso da paisagem como porção perceptível, palpável, afetiva e audível do espaço, e expressão de um bem precioso para disseminar a oferta turística. A paisagem, além de se formar como elemento indispensável ao turismo, ele a cria e vice-versa, em uma relação dialética que, ao mesmo tempo se lhe torna uma ameaça, podendo degradá-la ou trazer-lhe prejuízos irreversíveis.

A proposta desse capítulo é contextualizar a histórica cidade de Pirenópolis, considerando essas duas expectativas. Nesse contexto, os depoimentos dos entrevistados serão utilizados como apoio à fundamentação do campo de estudo. Em razão disso, serão abordados os itens - Pirenópolis: Aspectos Histórico-Culturais; e Pirenópolis e o Turismo: O Canto do Cerrado.

2.1- Pirenópolis: Aspectos Histórico-Culturais

Histórico-culturalmente, as origens históricas de Pirenópolis remontam ao período colonial. Nessa época, a região era povoada pelos índios Caiapós do tronco lingüístico macrojê, os semi-nômades, coletores, que sobreviviam da caça, coleta de

frutos silvestres e pequenos plantios de mandioca. Posteriormente, a cidade foi colonizada pelos portugueses.

Muitos estudiosos como Jayme (1971), Adelmo de Carvalho (2001) e Oliveira (2004) indicam que em meados de 1700, Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhangüera Filho, foi escurraçado de Minas Gerais, e se fixou em Meia Ponte, Província de Goiás, com o intuito de explorar as minas de ouro, que se situavam às margens do Rio das Almas. Em contrapartida, essas minas estiveram sob o domínio de Portugal que as colonizou e explorou.

Assim, Anhangüera Filho, em 1726, passou a residir em Vila Boa (Cidade de Goiás) e escolheu Urbano de Couto Menezes, o descobridor das Minas de Meia Ponte, para acompanhar os portugueses até elas. No entanto, o reconhecimento da descoberta das Minas não foi dado a Couto Menezes, mas a Manuel Rodrigues Tomar. Embora não existam documentos que comprovem oficialmente esse acontecimento, as informações apontam que o Arraial foi fundado em 07 de outubro de 1727, dia de Nossa Senhora do Rosário. Em consequência disso, passou a se chamar Minas de Nossa Senhora do Rosário, pois, habitualmente, os colonizadores portugueses batizavam os novos arraiais com o nome do santo do dia ou à predileção do colonizador.

Devido a uma enchente que derrubou parte da ponte do Rio das Almas, o Arraial passou a ser conhecido, mais tarde, como Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte. Nesse período, a principal atividade econômica do Arraial foi o garimpo de aluvião, também às margens do Rio das Almas, cujos habitantes eram os índios caiapós e os escravos negros que constituíam a principal mão-de-obra de exploração do ouro para os colonizadores portugueses.

Do período do ciclo do ouro, e colhendo-o abundantemente nas águas do Rio das Almas sob a forma de ouro de aluvião, o arraial progrediu rapidamente, tornando-se o mais desenvolvido desta então província de Goiás, muito embora grande parte da riqueza ali colhida fosse enviada para sustentar o luxo da corte portuguesa, que via o Brasil apenas como mais um de seus celeiros, sem se importar com o seu desenvolvimento (Curado, 1980, p. 89).

Ao final do século XVIII, o manancial do ouro de aluvião esgotava-se e Meia Ponte, por meio das atividades agropastoris que já vinha se desenvolvendo, pôde se sustentar.

Em 1728, tem início as obras de um dos mais significativos patrimônios culturais de Pirenópolis, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, até então, primeira e maior Igreja do Estado de Goiás. Foi construída com taipa de pilão (barro socado), adobe (tijolo cozido ao sol), alicerces e portais em cantarias (pedras), armações de arceira e telhas de barro (feitas, tendo como moldes as próprias coxas dos escravos), estrategicamente arquitetada, de maneira que os raios do sol abrilhantassem a sua fachada a qualquer momento do dia. A partir de 1732, começaram a ser celebradas nessa Igreja missas, batizados, casamentos e enterros somente para a população branca.

Dentre outros fatos ocorridos nesse período, salienta-se, pelo caráter religioso do Arraial, o desabamento, em 1838, do telhado da Matriz sobre a arcada do altar-mor. Após um século dessa fatalidade, precisamente em 1941, foi tombada como patrimônio histórico. Em 2002, um incêndio consumiu totalmente a Igreja Matriz, restando apenas as paredes; passou por um longo processo de restauração. Em 30 de março de 2006, foi reinaugurada, está aberta ao público para visitação e, ainda hoje, é um dos principais atrativos histórico-culturais e turísticos da cidade.

Destaca-se no ano de 1732, a promoção das Minas a categoria de Distrito e, posteriormente, em 1736, foi elevado a Arraial, Freguesia e sede de Julgado. Segundo Adelmo de Carvalho (2001), o período entre 1733 a 1790 ficou caracterizado pelo apogeu do ouro, pelo crescimento urbano e por diversas construções. Exceto as Igrejas de Nossa Senhora dos Pretos e Nossa Senhora da Boa Morte da Lapa, as demais continuam a ser atrativos histórico-culturais e turísticos que também configuram o patrimônio cultural da cidade. Dentre elas encontram-se:

- a Casa de Câmara e Cadeia do estado de Goiás, construída em 1733, localizada à Rua do Rosário, foi a primeira do estado de Goiás, sua demolição ocorreu em 1919. Essa antiga Cadeia foi substituída por outra idêntica, em estilo colonial, construída de 1916 a 1919, arquitetada por Cristovan José de Oliveira, se encontra próxima à ponte do Rio das Almas. A Câmara Municipal funciona desde 1999, próxima à Igreja do Bonfim, à Rua Luiz Gonzaga Jaime;
- a Igreja de Nossa Senhora dos Pretos, em estilo colonial, construída entre 1743 e 1757 para receber a população negra, foi considerada a mais cheia de adornos, com três altares belissimamente esculpidos. Em 1950, após reformas em suas torres, desmoronou, pois não sustentou as modificações. Era situada no local em que se encontra atualmente a Praça do Coreto;

- a Igreja Nosso Senhor do Bonfim era de uso particular, construída pelo Sargento-Mor Antonio José de Campos, entre 1750 e 1754. Ainda tem estilo colonial como o da Matriz;
- outra capela em estilo colonial, que também foi de uso particular, foi denominada de Igreja e Museu Nossa Senhora do Carmo, foi erguida pelo minerador Luciano Nunes Teixeira, com a ajuda de seu genro Antonio Rodrigues de Frota, que foi homenageado ao ter sido dado o seu nome ao Morro do Frota. Com o intuito de transformar a Igreja em um espaço cultural, várias modificações foram efetuadas entre 1868 a 1998. Tornou-se um espaço dedicado à exposição de acervos sacros, folclóricos e manifestações religiosas, mas o museu não aberto ao público;
- a igreja Nossa Senhora da Boa Morte da Lapa, de grande valor, em seguida ao da Matriz, teve suas obras iniciadas em 1760. Destinava-se à população mestiça, mesmo antes de seu término já abrigava os católicos em suas celebrações. Devido à falta de cuidados, acabou em ruínas e, conseqüentemente, foi extinta.

Além dessa marcante característica patrimonial e religiosa de Pirenópolis, com base em Oliveira (2004, p. 17). constatamos que a forte presença da arquitetura

... permite a primeira aproximação com a cidade porque é sua materialidade. Vários são os elementos materiais da cidade que conseguem representar os valores das pessoas que a habitam, e estão relacionados com os aspectos morfológicos da organização espacial: a situação, o sítio, o traçado e as construções.

Essa materialidade da cultura “sempre remete a alguém ou algum lugar, permanecendo como um elemento de uma paisagem... (inter)subjativa” (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 39). Em Pirenópolis, por exemplo, temos os casarões coloniais, a Serra dos Pirineus, as Igrejas, que ao serem contatados pelas pessoas favorecem re-situá-las “no mundo vivido mediante o trabalho da memória” (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 39).

Pirenópolis não dispõe apenas de marcantes características patrimoniais, religiosas e arquitetônicas, mas a agropecuária e também o comércio, a partir de 1820, apresentavam-se bem desenvolvidos, o que possibilitava à Meia Ponte uma economia equilibrada (Curado, 1980). O Arraial tornou-se o centro comercial da época. Meia Ponte teve maior expressão econômica e mais movimento do que Vila Boa, Capital da Província.

Com a queda do período minerador, na extração de ouro, a principal atividade econômica da cidade foi substituída pelo comércio de algodão, cana de açúcar e

comércio tropeiro. Esse período se inicia em meados de 1800, tendo no comando da cidade, o Comendador Joaquim Alves de Oliveira que a fez prosperar. Foi construído pelo Comendador, em 1880, o Engenho São Joaquim, que abrigou cerca de 200 escravos com suas famílias.

O belíssimo casarão da fazenda é todo cercado por muros de pedra feitos pelos escravos e o madeiramento do telhado é gigantesco, evidenciando a riqueza proveniente da produção e comercialização de açúcar e algodão, principais produtos da fazenda na época.... as senzalas não existem mais, mas o casarão e parte do mobiliário estão muito bem conservados (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 43).

Hoje, conhecida como Fazenda Babilônia, tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional em 1965, se tornou um atrativo histórico-cultural e turístico e oferece aos visitantes passeios a cavalo, em charretes e o famoso café colonial, com mais de 25 iguarias típicas.

O comendador investiu em educação e cultura, fundou escola, biblioteca e publicou o primeiro jornal do Centro-Oeste, intitulado Matutina Meyapontense, que funcionava à Rua Nova nº 39, onde hoje se encontra o Museu da Família Pompeu, casarão do século XVII. Esse museu de antiguidades também não é aberto ao público. A 1ª edição deste jornal foi publicada dia 05 de março de 1830 e a última dia 24 de maio de 1834, perfazendo um total de 526 edições e seu redator-chefe era o Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury. O Meyapontense servia de publicação oficial para a Província de Goiás e Mato Grosso, era considerado um jornal liberal para a época e tinha como carro chefe a defesa “dos direitos humanos, a ética e a cidadania” (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 65), além de ser reconhecido como “um marco na imprensa nacional” (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 65).

As atitudes de Joaquim Alves marcaram a chegada de um tempo de resistência ou insistência. Resistência em permanecer vivo, expressa nas tentativas de inserção do arraial, e da província, no projeto nacional em curso, mesmo diante de todo o desinteresse provocado pela fragilidade econômica (Oliveira, 2004, p. 30).

O patrimônio cultural de Pirenópolis, em 1819, tornou-se significativo com a Festa do Divino, uma mistura de manifestações religiosa e profana, que é introduzida na vida dos pirenopolinos, “com duração de doze dias, tem o seu ápice, no domingo do

Divino, cinqüenta dias após a Páscoa” (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 94). A festa do Divino tem como símbolos a mandala de fogo com a pomba branca ao centro. A pomba representa o Divino Espírito Santo e a mandala de fogo denota o momento em que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, em Pentecostes. Nas cores da Festa, o branco significa a paz, o altíssimo, e o vermelho o sangue de Jesus, o espírito. Atualmente, é a festa mais esperada pelos pirenopolinos, mesmo porque ao seu final tem início as Cavalhadas.

- A Festa do Divino é para todos, não tem rico, não tem pobre, é uma igualdade. Então, isso que é bonito, porque todo mundo se sente feliz (M1. Poetiza. Funcionária Pública. 69 anos).

O Coronel Joaquim da Costa Teixeira foi o promotor da primeira Festa do Divino, e também foi consagrado o primeiro Imperador da Festa. Segundo a tradição, qualquer pessoa pode se candidatar a imperador. Ele retrata o Rei, a Rainha e a Corte portuguesa, sendo a figura central da festa. “Se rico, promove as festas com suas posses; se pobre, com a ajuda do povo” (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 94). A Festa do Divino permanece um atrativo turístico-cultural nos dias de hoje. A cada festa, um novo imperador é eleito, por sorteio, que é realizado no domingo do Divino, no Consistório da Igreja Matriz, com a presença de membros da comunidade. Durante a festa do Divino são realizadas

... missas, procissões, novenas, alvorada com banda de couro e banda de música Phoenix, repiques de sinos, folias na roça e na cidade, levantamento de mastro, roqueiras, queima de fogos, reinados, juizados, mascarados, pastorinhas, apresentação de grupos folclóricos e as tradicionais Cavalhadas (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 94).

As Cavalhadas, que se afirmam como um patrimônio cultural de Pirenópolis, têm origem portuguesa, e foram inseridas na cidade pelo festeiro e padre Manuel Amâncio da Luz, em 1826, quando foi imperador da Festa do Divino. Encomendou em prata, a Coroa do Divino e entregou-a à Matriz. Distribuiu, de casa em casa, paezinhos e alfenins à população, o que foi de bom grado, tanto que se tornou tradição e até hoje se distribui, além dessas guloseimas, salgadinhos e refrigerantes.

A Festa, com duração de três dias, é encenada no campo das cavalhadas, representa a histórica luta travada entre cavaleiros mouros e cristãos, em que os cristãos convertem os mouros para o cristianismo, isto é, vencem a batalha. Outros personagens

da Festa são os Mascarados, que escondem sua identidade e se misturam ao povo, ora fazendo brincadeiras, ora distribuindo alimentos, ora criticando o poder e a política. As máscaras, tradicionalmente feitas de papel, imitavam cara de boi, onça ou homem. Podemos conhecer a história, as peças e as vestimentas da Festa no Museu das Cavalhadas, de propriedade particular, o único aberto à visitação. Sem sombra de dúvida, as Cavalhadas são o principal atrativo turístico-cultural da cidade de Pirenópolis, uma vez que

As festas populares e religiosas (bens imateriais) constituem momentos de comemoração, devoção, diversão, são manifestações culturais que conservam a memória coletiva. Todas têm uma história de interesses espirituais e materiais, constantemente alterados (Moraes e Borba, 2003, p. 127).

Por isso, reafirmamos que a Festa do Divino e as Cavalhadas, são patrimônios culturais que envolvem ao mesmo tempo materialidade e imaterialidade, pois não há como separar os aspectos materiais do patrimônio dos aspectos imateriais e vice-versa. De nada valeria a mandala com a pomba branca ao meio, que representa a Festa do Divino, se não fossem os significados empregados pelas pessoas a ela, isto é, o bem material se complementa com o imaterial.

Outro aspecto importante para a consolidação de Meia Ponte, encontramos nos estudos de Palacín (1986, p. 61), que a adjectivava de “intérprete e educadora, para a província, do civismo constitucional”. Ao mesmo tempo em que acirrava uma disputa com a capital, Meia Ponte manifestava seu patriotismo, por isso no ano de 1831 criou a Guarda Nacional e em 1832, a Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência. O Comendador procurava situar Meia Ponte no cenário político nacional e, no dia 7 de setembro, de 1831, é promovida uma festa, diferente das religiosas tradicionais, por ser de caráter cívico, que ilustrava o início da vivência de um novo momento histórico: o mundano-urbano. Esses acontecimentos desencadearam a elevação do arraial de Meia Ponte à categoria de Vila.

A atuação marcante do Comendador, Joaquim Alves de Oliveira, com sua morte em 1851, deu lugar a um esquecimento da vivacidade dessa terra. Em 1853, a Vila foi elevada à Cidade de Meia Ponte, no entanto, já havia caído no esquecimento das vizinhanças e passou a ser lembrada apenas nas Cavalhadas, isto é, uma vez ao ano.

- Pirenópolis ficou muito tempo isolada, exageradamente isolada, quando terminou a mineração aqui, dos Bandeirantes, dos mineradores, começou a definhando a economia. Ficou na pecuária e com a mineração de algum metal, em pequena quantidade, no tempo da guerra. E, depois o que realmente ativou foi a pecuária e depois as pedras de Pirenópolis, que são exportadas (M15. Economista. 67 anos).

Em 1880, Bernard Amblard D’Arena, montou um garimpo de ouro na Serra dos Pirineus e construiu uma vila com, aproximadamente, trinta casas, conhecida como Minas do Abade. A economia meiapontense mostrava-se resignada e o comércio fora transferido para o povoado Santana das Antas (Anápolis), fundado por comerciantes meiapontenses, em 1885. Em 1887, vinte e quatro homens, representando a sociedade meiapontense, inconformada com o garimpo, subiram a serra e destruíram as Minas do Abade, devido à grande poluição das águas do Rio das Almas, que os moradores utilizavam para fins domésticos. “Esse acontecimento foi provavelmente o primeiro movimento ecológico do Estado de Goiás” (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 68).

- Pirenópolis é uma cidade de maior exemplo de preservação do meio ambiente do estado embora a gente tenha que lidar com a pedreira, tenha que trabalhar com a agricultura. Por volta de 1887, aconteceu aqui a extração de um garimpo de ouro que tinha a invasão em uma base e esse garimpo sujava a água do rio... o pessoal utilizava o rio para banho, lazer, lavagem de roupa...o pessoal revoltou e foi lá em cima e acabou com o arraial... E isso, com certeza, nos coloca na vanguarda na questão da luta da preservação do meio ambiente no estado (M24. Secretário de Cultura. 52 anos).

Tendo em vista que o aspecto cultural da cidade foi um marco, com o deslocamento das rotas comerciais para Anápolis, a cidade de Meia Ponte inicia um processo de isolamento econômico e tenta se transformar em um centro urbano cultural. Em 1890, muda de nome, passa a se chamar Pirenópolis, a cidade dos Pirineus. “Meia Ponte insere-se na paisagem do cerrado, trazendo a peculiaridade de estar localizada aos pés da Serra dos Pirineus, o que lhe confere um clima mais ameno” (Oliveira, 2004, p. 18).

Em 1892, é sediada em Pirenópolis a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil (Comissão Cruls), formada por uma equipe de 22 pessoas e chefiada pelo astrônomo Luiz Cruls, que intencionava realizar pesquisa sobre a região: clima, fauna, flora, hidrografia e economia dos futuros sítios para a construção de Brasília, conseqüentemente, a transferência da capital do Rio de Janeiro, Região Sudeste, para o

Planalto Central, Brasília. O fato é que a existência de Pirenópolis contribuiu com estudos concernentes à construção da capital que se localiza a 150 km de Brasília (Adelmo de Carvalho, 2001).

- Pirenópolis sempre teve uma localização geográfica de encruzilhada, então desde a época do ouro que aqui se beneficiou dessa localização geográfica. Quero dizer, Goiás era a capital, mas a capital cultural era Pirenópolis, primeiro cinema foi em Pirenópolis, primeiro jornal, primeiro Teatro foi em Pirenópolis... Influência de todos os forasteiros que passavam por aqui... antes era a encruzilhada do ouro, vinha gente de Goiás, São Paulo, chegava aqui também a estrada real, depois a estrada do norte para Cavalcante e Bahia... isso traz também uma cultura diversificada para a região (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

O primeiro Teatro da cidade de Pirenópolis foi construído pelo Comendador Manuel Barbo de Siqueira, em 1860, na Rua da Matriz; não existem dados que comprovem exatamente quando foi demolido, mas acredita-se que foi em torno de 1890. Após nove anos, o segundo e atual Teatro foi edificado, em estilo neoclássico ou híbrido, ou seja, uma mistura do colonial com o contemporâneo, uma “iniciativa de Sebastião Pompeu de Pina, que contou com o apoio e os serviços gratuitos da comunidade local” (Carvalho, 2001, p. 40).

Após a morte de Sebastião de Pina, em 1927, o Teatro teve outros donos. Essas mudanças deram origem à idéia de passar, aos sábados e domingos, filmes para a comunidade pirenopolina. Nos dias festivos eram apresentadas peças teatrais. A cidade que, em 1924, contava apenas com um pequeno gerador para iluminar o Teatro, em 1937, com a construção da Usina Velha, gerou energia para toda a cidade.

Em 1942, o Teatro foi comprado e transformado por Leone Mendonça em um depósito de cereais que, de vez em quando, servia como salão de festas. O proprietário seguinte, Feliciano Gomes, em 1947, abriu no local uma marcenaria e uma fábrica de móveis, mas ainda utilizava o espaço para danças.

A prefeitura comprou o edifício em 1980, restaurou-o e ele voltou a ser utilizado novamente como Teatro, por meio de uma parceria com o governo do Estado que passou a administrá-lo, desde então. Em 1999, o Teatro foi novamente restaurado, manteve sua fachada e outros vários detalhes originais da sua arquitetura.

Já em 1930, foi inaugurado, pelo Padre Santiago Uchoa, o Cine Theatro Pirineus, localizado à Rua Direita, em estilo neoclássico, obra assinada por Luiz Fleury

de Campos Curado. Mas, em 1936 sua fachada foi modificada por Antonio Puglisi que a colocou em estilo art-decô e passou a se chamar Cine - Pirineus. Os primeiros filmes eram mudos, o primeiro filme falado foi o Médico e o Monstro e o último exibido, antes de ser fechado, foi Leão do Norte.

Em 1968, a televisão aparece em Pirenópolis, com imagens preto e branco, e o cinema continuou funcionando e propiciando divertimento e lazer aos pirenopolinos. Mas, em 1975, com a chegada da televisão a cores, o cinema não resistiu à concorrência e foi fechado. Ficou esquecido, de forma que o telhado desmoronou no início dos anos 80, restando apenas a fachada.

O Cine Theatro Pirineus voltou a funcionar como teatro e cinema em 1998, quando foi reconstruído sua fachada externa permaneceu em estilo art-decô e, para prestar homenagem à sua arquitetura original a fachada interna foi mantida em estilo neoclássico.

A construção de Goiânia (1930-1934), hoje a capital do Estado de Goiás, contribuiu para aquecimento da economia local de Pirenópolis, por meio da exploração do quartzito-micáceo, famosa Pedra de Pirenópolis. Por sua vez, o transporte de cargas, no lombo de burros, foi substituído por caminhões, em 1933. A ponte de madeira foi quebrada, em 1941, pelo fato de não ter suportado o peso dos caminhões; em 1946 foi inaugurada uma ponte com alicerces de pedra sob o Rio das Almas.

Na década de 60, iniciou-se uma exploração mais intensiva da pedra, pela proximidade de Brasília, e a cidade de Pirenópolis pôde ser calçada com as sobras de pedras da pedreira, que se denominam pé-de-moleque. Porém apesar da extração de pedras ter contribuído para o desenvolvimento econômico de Pirenópolis,

... os processos de extração e beneficiamento desse produto estão provocando a degradação do meio ambiente local, deflagrando, reduzindo, acelerando ou até retardando artificialmente processos do meio físico (Lopes e Guimarães, 1999, p. 81).

Além do impacto negativo causado na paisagem pelas pedreiras, a exploração de pedras em Pirenópolis também causa implicações sociais negativas

... em consequência da falta de organização sindical, [os produtores autônomos] se mostram frágeis e vendem sua produção diretamente aos grandes produtores, transformando-os em grandes intermediários na comercialização. Assim,

esses autônomos representam uma mão-de-obra barata para os detentores de firmas, sem nenhuma prerrogativa de direitos trabalhistas, caracterizando um regime injusto de trabalho (Lopes e Guimarães, 1999, p. 86).

No depoimento de um morador encontramos considerações análogas às das autoras:

- A atividade das pedras tem dois conflitos: o conflito meio ambiente, porque é um conflito paisagístico, a visão das pedreiras, para grande parte das pessoas, é muito feia; e o conflito trabalhista porque a situação de trabalho do pessoal das pedreiras e a regulamentação trabalhista é zero. Existe muita gente aí com problemas de saúde: uma perna defeituosa, problema de coluna porque trabalhou lá (M15. Economista. 67 anos).

Mas por outro lado, as pedreiras têm um a importância histórico-cultural para o desenvolvimento da cidade

... e se constitui em um patrimônio cultural, lapidado por milhares de mãos, traduzido nos dias atuais em uma imagem aceita naturalmente pela comunidade local, empregado até mesmo como roteiro turístico por guias locais. Evidentemente, órgãos planejadores e licenciadores devem adotar medidas gerais de controle ambiental, sem jamais desconsiderar particularidades, interditando a lavra nos moldes de exigências técnicas ou legais que afetem o papel cultural e social que ela possa desempenhar (Lopes e Guimarães, 1999, p. 80).

Os moradores reconhecem que a pedreira, apesar de impactar o meio ambiente natural e poluir a paisagem visual, de forma negativa, transformou-se em uma atividade importante para o município, tanto do ponto de vista econômico como do sociocultural, além de promover a divulgação da cidade.

- Além de ser uma atividade econômica, é um material que nós temos aqui na região que a gente pode fazer calçamento... eu acho essencial a extração de quartizto aqui dentro da cidade... qualquer tipo de extração mineral tem impactos ambientais, então esses impactos precisam ser minimizados (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

- Eu considero a extração de pedras importante para o desenvolvimento da cidade, tanto em relação ao aspecto econômico quanto ao social, porque o pessoal tem muita tradição de já trabalhar com pedra, mas só que ao mesmo tempo as pedreiras não são legalizadas, os funcionários não têm carteira assinada, os seus direitos sociais não são respeitados (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

- A extração de pedras é importante em relação ao aspecto econômico, não deixa de ser cultural... Tem a divulgação do nome da cidade. Para onde a pedra for, vai ter uma divulgação. Agora, lógico, que tem o lado negativo da destruição ambiental (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

Para os moradores a extração de pedras causa mais impactos na paisagem do que no ambiente natural.

As cicatrizes deixadas na paisagem pelas pedreiras são o que mais nos chama a atenção quando deixamos o centro de Pirenópolis em direção à Serra dos Pirineus, local de grande convergência turística. O impacto visual é bastante acentuado, pois se observa um imenso contraste de cor: o branco reluzente dos quartzos, o marrom do solo decapado e as manchas verdes que restaram da retirada da vegetação. Embora a diversidade de cores torne uma paisagem qualquer mais atraente, em Pirenópolis a origem antrópica desta diversidade transformou a paisagem local em um cenário desagradável à contemplação humana... essa percepção visual das pedreiras constitui um fator negativo ao turismo local (Lopes e Guimarães, 1999, p. 82).

Todavia, muitas pessoas se esquecem de que a extração de pedras é uma atividade econômica e que

- Quem trabalha na pedreira sofre muito mais do que quem está aqui vendo a paisagem destruída (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).
- A pedreira tem um impacto muito mais visual, a criação de gado impacta muito mais que a pedreira, porque as áreas de capim são imensas, o impacto de uma plantação de tomate é muito maior porque tem veneno (M5. Economista. 67 anos).
- A degradação da pedreira é muito mais uma degradação visual do que uma degradação ecológica (M28. Secretário do Meio Ambiente. 53 anos).

Contudo, outros entrevistados expõem sua preocupação em esclarecer que o extermínio da extração de pedras pode desencadear problemas sociais e econômicos.

- Hoje se acabar com essas pedreiras aqui em Pirenópolis vai ter um problema social e até econômico, hoje ela é um dos maiores arrecadadores do município. A gente como guia e ambientalista tem as preocupações, é preciso que exista uma adequação da atividade extrativista da pedra com a atividade turística para minimizar o impacto ambiental (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de eco turismo. 42 anos).

Os anos 80 se caracterizaram pelo asfalto da GO-431, hoje BR-153, o tombamento do Centro Histórico de Pirenópolis pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e a chegada dos *hippies* na cidade.

- Diz os *hippies* que aqui tem um astral muito bom (M2. Aposentado. 84 anos).

O processo de tombamento teve duração de cinco anos e foi concluído em 22 de novembro de 1989. “O conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico da cidade de Pirenópolis, por sua preservação e excepcional valor cultural, é monumento integrante do Patrimônio Cultural Brasileiro” (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 56).

- Quando você tomba uma cidade você está dando um valor àquela configuração não só estética, mas também em nível de cultura. Então, é como se fosse uma credencial que a cidade recebeu com o tombamento, um título que a valoriza como parte de um patrimônio que é cultural-artístico. Então, com certeza é uma grande valorização (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

O movimento *hippie* contribuiu para a criação de comunidades alternativas que se instalaram em Pirenópolis, devido à hospitalidade e ao modo de vida dos pirenopolinos; à exuberância da paisagem natural; e à percepção de um certo misticismo no Planalto Central. Quase sempre eram pessoas que tinham uma consciência ecológica, propostas *conservacionistas* do meio ambiente e estavam em busca de melhor qualidade de vida, que faziam de Pirenópolis sua nova terra. Das comunidades, entre as principais estão:

- Terra Nostra, responsável pelo desenvolvimento de uma “experiência de gestão comunitária e projetos de agricultura biodinâmica, de educação... e de produção artesanal de jóias em prata” (Carvalho, 2001, p. 79). Hoje, é um condomínio rural que desenvolve projetos ambientais;
- Frater, que tem como filosofia “o vegetarianismo, a yoga, a meditação e a abstenção de drogas, álcool e cigarros. Realiza vivências espirituais, produz artigos naturalistas e está aberta à visita” (Carvalho, 2001, p. 79);
- Omni e Nirvana, que se orientam à preservação da natureza;
- Ecovila Barus é a mais recente em Pirenópolis, existe desde 1999 e “foi contemplada com um projeto de permacultura” (Carvalho, 2001, p. 79).

Fatores como esses confluíram para que Pirenópolis viesse a ser campo de pesquisas em antropologia, geografia, sociologia, enfocando o cooperativismo, a cultura alternativa, o tombamento, o turismo, outros.

O movimento *hippie* também trouxe consigo, para Pirenópolis, a prata. Desde então, já existem cerca de 100 ateliês, com trabalho em prata, que, para a produção do artesanato, em especial jóias, usam em média 100 kilos de prata de lei por mês, seguindo normas internacionais. Pedras naturais como topázios, águas-marinhas, ametistas, esmeraldas, turquesas, malaquitas, granadas e turmalinas, são também utilizadas no artesanato (Adelmo de Carvalho, 2001).

Na Cidade, as lojinhas de artesanato de prata, pedra e, produtos esotéricos, estes também advindos da influencia *hippie*, são inúmeras, e fortalecem o comércio em Pirenópolis. Um terço da produção é vendida no comércio local e o restante é vendido em Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e litoral brasileiro, além dos artesões participarem de exposições nos Estados Unidos, Argentina, Alemanha, Espanha e Portugal, pelo fato de as peças serem produzidas em vários estilos e tendências que agradam diversificados gostos. A produção de prata, que era exclusividade de alguns, hoje faz parte da vida dos moradores de Pirenópolis, como uma opção de renda e, assim, contribui para o desenvolvimento econômico e sociocultural da comunidade. Por isso, atualmente, Pirenópolis é considerada a “Capital das Pratas”. Importa registrar que geram-se mais de 500 empregos diretos e indiretos nessa produção artesanal (Adelmo de Carvalho, 2001).

- O nosso artesanato é muito vasto... a prata é um segmento fortíssimo para a economia da cidade. Aqui tem cerca de 100 atelieres, direta e indiretamente 4000 pessoas trabalham com isso. Esse produto é comercializado, aqui na cidade, em vários estados do país e no exterior. Eles estão aqui há 45 anos e uma das propostas nossa para o ano que vem é fazer uma exposição de jóias para mostrar isso de uma forma mais contextualizada (M27. Secretário de Turismo. 51 anos).

A riqueza do patrimônio histórico-cultural e as belezas naturais de Pirenópolis não atraíram apenas os *hippies*, mas também chamaram a atenção de diretores de cinema e televisão. Afinal, Pirenópolis foi palco para diversos filmes, novelas, programas e documentários. Dentre eles: Simeão, O Boêmio, em 1969; Leão do Norte, em 1972; Santa Dica do Sertão, em 1989; A Enxada, em 1996; O Tronco, em 1998; Uma Vida em Segredos, em 2000. Após o ano de 2000, foram realizadas as seguintes programações em cinema e TV: Janela para os Pirineus; Lavras do Abade; Cavalhadas de Pirenópolis;

Caveira; Filhotes de Papagaio; O Ausente; Brasil Legal; Goiás a Dentro; Cartão Postal; Globo Rural; Globo Ecologia, Repórter Eco, Aqui é Goiás, Novelas Renascer e Estrela Guia, da Rede Globo (Adelmo de Carvalho, 2001).

- A gravação da novela Estrela Guia da rede Globo... atraiu os visitantes, foi onde começou o desenvolvimento do turismo (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

- Aqui já foi gravada a novela Estrela Guia, o filme O Tronco, isso aí é muito bom para Pirenópolis. A gente tem que receber as pessoas bem, mas tem que ter uma certa normatização do turismo (M8. Guia de turismo. Proprietário de operadora de turismo. 45 anos).

Sem contar que, em 1996, As Cavalhadas de Pirenópolis foram tema para o enredo da Escola de Samba Viradouro do Rio de Janeiro e, em 2005, se apresentaram em Paris no Ano do Brasil na França. Essas produções, além de promover a cidade, incrementam a renda da comunidade, pois os diretores sempre contratam atores e técnicos locais, como por exemplo, maquinistas, iluminadores, coreógrafos, contra-regras, produtores, entre outros (Adelmo de Carvalho, 2001).

- Quando foi rodada a novela Estrela-Guia, parte da produção foi daqui. Eles tinham eletricista, atores figurantes, cenários. Aqui inclusive é um pólo em desenvolvimento da arte cinematográfica. Nós tivemos aqui vários filmes, desde 1967 Pirenópolis é um cenário natural para filmes: Leão do Norte, Simião O Boêmio, O Tronco, República dos Anjos, Santa Dica, Mestre Capela, agora Os Dois Filhos de Francisco (M27. Secretário de Turismo. 51 anos).

Devido à diversidade de elementos culturais e naturais da histórica cidade de Pirenópolis, a década de 90 foi marcada pelo desenvolvimento da infra-estrutura, impulsionado pelo início da atividade turística no local. Atualmente, o turismo constitui a terceira atividade economicamente mais importante para o município. A agricultura e a extração de pedras, respectivamente, aparecem em primeiro e segundo lugar.

Embora as pedreiras desempenhem um papel sócio-econômico importante, responsável pela segunda fonte de renda do município, poderiam gerar mais recursos e empregos, caso houvesse um melhor ordenamento da atividade. Todavia elas constituem uma atividade de baixa qualidade, devido aos baixos salários, à falta de segurança dos trabalhadores, ao comprometimento da saúde e do meio ambiente (Lopes e Guimarães, 1999, p. 89).

Alguns moradores concordam que a economia da cidade sustenta-se nessa seqüência: agricultura ou agropecuária, extração de pedras e turismo.

- Em primeiro lugar vem a agropecuária, em segundo a extração e o comércio de pedras e, em terceiro, vem o turismo (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).
- Muita gente não entende, acha que o turismo é a primeira economia, não é. Vem a agricultura, pecuária, extração de pedras depois que vem o turismo (M27. Secretário de Turismo. 51 anos).
- Nós temos três importantes fonte de renda: agropecuária, mineração e o turismo (M26. Prefeito. 54 anos).

Enquanto autores pesquisados, e também moradores entrevistados, postulam que a agricultura se constitui na primeira atividade econômica do município, seguida das demais, um entrevistado afirma ser a extração de pedras a atividade mais importante para o desenvolvimento econômico e social do município, porém, para ele, o turismo é que movimenta a economia.

- A principal fonte de renda para Pirenópolis é a extração de pedras. Hoje em dia ela está sendo muito exportada para vários países. Tem a parte social que gera muito emprego, mas tem a parte da degradação de assoreamento... Então tem que trabalhar com os dois segmentos: a parte social e a parte do meio ambiente... Mas se você pensar bem o turismo é que gera recurso, porque a pessoa vem me contrata, o dinheiro circula, vou no mercado, vou na borracharia. O turismo para mim é uma das principais fontes de renda, não só do estado, mas também do país (M8. Guia de turismo. Proprietário de operadora de turismo. 45 anos).

Com a finalidade de esclarecer sobre a principal atividade econômica do município de Pirenópolis, recorreremos à Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação – SEPIN, da Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás – SEPLAN, “o órgão oficial do Governo, responsável pela sistematização, produção e divulgação de dados, informações e estudos sobre a realidade socioeconômica goiana, objetivando atender às demandas provenientes do Governo do Estado, dos municípios e da sociedade em geral” (SEPIN, 2005), De acordo com a SEPIN/SEPLAN (2005), a principal atividade econômica de Pirenópolis é a agropecuária, seguida da extração de pedras e o turismo aparece em terceiro lugar.

No estado de Goiás, a agropecuária é predominante como atividade econômica, e Pirenópolis se insere nessa realidade. A Exposição Agropecuária acontece

em setembro e reúne o público regional. “O município possui inúmeras fazendas, predominando as de grande e médio porte. Mesmo com terreno considerado pobre, produz vários produtos agropecuários” (Curado, 1980, p. 55).

Em decorrência do crescimento da atividade turística em Pirenópolis, alguns fazendeiros agropecuaristas e exploradores do quartzo, transformaram suas fazendas em pontos turísticos, uns utilizando a própria pedreira como atrativo, outros as cachoeiras das fazendas (Lopes e Guimarães, 1999). “Acreditamos que, a médio prazo, esta iniciativa será incorporada por outros fazendeiros, transformando-se em uma nova forma de renda e gerando empregos de maior qualidade (Lopes e Guimarães, 1999, p. 89). Os depoimentos abaixo exemplificam esses acontecimentos:

- O turismo trás um orgulho para os cidadãos além disso, tem o aspecto econômico, a conservação também, porque aqui tem várias cachoeiras, fazendas, que os donos trocaram a atividade de extração de pedras e de gado pelo turismo, tem uns que ainda teimam, tem uma cachoeira bonita, não ganha dinheiro com gado, não ganha dinheiro com pedra, mas continua explorando pela tradição, mas isso são exceções (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável).

- Na Fazenda Bonsucesso tinha pedreira, lá tirava leite, entregava de casa em casa. Então usava a fazenda como fazenda, só que o dono vivia sempre apertado, com dificuldades. A filha foi para fora estudar e se casou, quando o genro chegou e deparou com aquilo, ele teve a idéia, teve a visão de utilizar como atrativo turístico, hoje estão super bem de vida, o rio está preservado... As vezes a cachoeiras, os terrenos que são utilizados por pessoas de fora, que muitas vezes comprou a preço de banana, porque a pessoa de dentro não via aquilo como fonte de renda... então falta muitas vezes visão da comunidade local (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

- Eu fiz uma pedreira ecologicamente correta... pedreira virou ponto turístico (M13. Proprietário de reserva ecológica. 35 anos).

- Teve caso de gente que começou a conviver com o turismo, onde antes explorava pedra e descobriu que o turismo é muito melhor, parou de investir em pedra, quer dizer então está investindo em preservação... a atividade turística mostra uma opção de exploração de serviço melhor do que algumas outras atividades tradicionais como a lavoura, garimpo de pedra (M25. Funcionário do IPHAN. 55 anos).

Registramos que a unanimidade dos sujeitos respondentes da pesquisa concorda que o turismo apresenta melhores condições de trabalho. Entrevemos nessa interpretação que há uma desvalorização do trabalho braçal, como se ele fosse uma

atividade menor, quando comparada às atividades que não são consideradas braçais, como a maioria daquelas que o turismo demanda.

É sobre a atividade turística em Pirenópolis que discorreremos a seguir, reconhecendo nela a capacidade de transformar a Pirenópolis do Ouro de Aluvião no Canto do Cerrado.

2.2 Pirenópolis e o Turismo: O Canto do Cerrado

Pirenópolis é um dos municípios de Estado de Goiás, localizado à porção leste. Ocupa uma área de 2.182Km², o que corresponde a 0,64% da área total do Estado de Goiás. Limita-se ao norte com o município de Vila Propício; ao Sul com Anápolis e Petrolina de Goiás; a leste com Corumbá de Goiás, Cocalzinho e Abadiânia; e a oeste com os municípios de São Francisco de Goiás, Jaraguá e Goianésia. O clima é tropical úmido com duas estações: a da chuva, de outubro à março, e a da estiagem, de abril à setembro.

- Pirenópolis é um destino turístico em ascensão e está em grande desenvolvimento porque está do lado de Brasília e do lado de Goiânia... A 200 km temos em Brasília 7 milhões de habitantes, pessoas com alto poder aquisitivo, então isso favorece bastante, além do patrimônio natural muito bonito e histórico que chamam muita atenção (M15. Economista. 67 anos).

A extraordinária beleza dos cenários naturais de Pirenópolis se deve, principalmente, às características geológicas e geomorfológicas da região. O Cerrado é a vegetação predominante no município. No alto das serras, encontra-se o cerrado rupestre, rara formação cerratense, é caracterizada por nascer em rochas. Como mencionado anteriormente, “o município é banhado por vários cursos de água, destacando-se o rio das Almas, que passa pela cidade” (Carvalho, 2001, p. 140).

- O Cerrado é o segundo maior bioma da América Latina só perde para a [Amazônia]... Nossas formações rochosas aqui é a quarta mais antiga do mundo, entre 1 bilhão e meio e 2 bilhões de anos. Então se a pessoa for lá pisar, as vezes em questão de minutos, em segundos, aqueles afloramentos rochosos formados em milhões de anos em questão de segundo vão se degradando, é tudo esculpido pelos ventos, chamadas arquiteturas eólicas. Agora descobriram a cidade de pedras toda de arenito e quartzito. São coisas que foram

formadas pelas águas, pela erosão. São formações que você não acredita que foram feitas pela natureza (M8. Guia de turismo. Proprietário de operadora de turismo. 45 anos).

A cidade é localizada em um vale, está a 740 metros acima do nível do mar e apresenta relevo bastante acidentado, principalmente, na Serra dos Pirineus, divisora hidrográfica das bacias Tocantinense e Planaltina. “Presume-se que esta cordilheira foi assim nomeada por um castelhano que, morando nas proximidades e conhecedor dos Pirineus da Europa, lembrou-se de chamá-la de Pirineus Brasileiro” (Curado, 1980, p. 67). O Pico dos Pirineus, localizado na Serra, apresenta 1.385 metros de altitude, é considerado o pico mais alto do munisípio.

- A Serra dos Pirineus é o principal diviso hidrográfico das principais bacias do Brasil, a Bacia do Prado e a Bacia do Tocantins. Lá tem o Parque Serra dos Pirineus... a biodiversidade lá é enorme (M8. Guia de turismo. Proprietário de operadora de turismo. 45 anos).

Nas ocorrências minerais, de um modo geral, “encontram-se... calcário, cianita, cromo, cromita, dolomita, esmeralda, estanho, grafita, manganês, ouro, quartzito, quartzo, titânio. As pedras de Pirenópolis, usadas para revestimento e calçamento, são quartzito micáceo e arenito” (Adelmo de Carvalho, 2001, p. 140); a lavra de quartzo é utilizada na construção civil.

- Tem as pedreiras que há mais de um século que tem essas pedras chamadas quartzo micáceo (M8. Guia de turismo. Proprietário de operadora de turismo. 45 anos).

Os atrativos naturais de Pirenópolis mais procurados pelos turistas se encontram em reservas particulares abertas à visitação turística, são elas: o Santuário da Vida Silvestre Vaga-Fogo, as Cachoeiras do Bom-Sucesso, da Usina Velha, do Abade, da Meia Lua, da Fumaça, Reserva Ecológica Vargem Grande - Cachoeira do Lázaro e o Museu das Lavras de Ouro ou Lavras dos Bandeirantes.

- O pessoal vê Pirenópolis como um destino ecológico (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

Existem em Pirenópolis além do Parque Estadual Serra dos Pirineus, cinco Reservas Particulares do Patrimônio Natural - RPPN, sendo elas: Fazenda Arruda, Fazenda Gleba Vargem Grande, Santuário da Vida Silvestre Flor das Águas, Reserva

Santuário de Gabriel e a já citada Santuário da Vida Silvestre Vaga-Fogo que desempenha um papel pioneiro e importante na educação ambiental, abrindo suas portas para a visita de turistas e de estudantes de escolas da localidade, de Goiânia, Brasília, outras. A iniciativa do Santuário Vaga-Fogo “fue un marco em la cristalización del turismo ecologico... despertó em los propietarios de fincas detentoras de atractivos ambientales, principalmente cascadas, el interés por el turismo ecologico” (Lopes, 2001, p. 156). Os depoimentos dos moradores de Pirenópolis confirmam a assertiva da autora:

- A vaga Fogo foi um grande exemplo de trabalho turístico com enfoque ambiental, de sustentabilidade (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- Aqui tem um empreendimento muito significativo que é o Santuário Vaga-Fogo... ele é uma área altamente preservada e exibível... tem um caminho por dentro de uma mata bastante preservada com indicação das árvores, com trilhas acessíveis... educação ambiental, o turista sempre sai com uma série de informações (M25. Funcionário do IPHAN. 55 anos).

Concernente ao patrimônio cultural, Pirenópolis se destaca como uma das principais cidades histórico-turísticas do Estado de Goiás, devido às suas características distintivas. Além do patrimônio arquitetônico, em estilo colonial preservado, casarios seculares, e igrejas da cidade, reafirmamos que o artesanato, bastante expressivo e diversificado, contribui para aumentar a renda dos moradores de Pirenópolis e a satisfação do turista, pois encontramos: além de jóias de prata; móveis e roupas artesanais; teares; licores; máscaras em papel machê; colchas de retalho; *souvenirs*; doces em caldas, cristalizados; objetos em madeira, em pedra sabão, em quartzito e em palha, ambos produzidos por artesãos nativos e não nativos. Já os objetos em barro; miniaturas de cavaleiros em gesso, em barro; bonecas de pano, flores em papel crepom e roda de fiar são feitos pelos artesãos nativos (Inventário e Diagnóstico Turístico do Município de Pirenópolis-GO, 2001).

Os turistas também são atraídos a Pirenópolis por sua já comentada riqueza em tradições que são manifestadas de várias maneiras: a Festa do Divino; a Festa das Cavalhadas; e, ainda, o Carnaval que antigamente era na rua e em clubes e, hoje em dia, ocorre com a presença de várias pessoas nas ruas,.

- Pirenópolis precisa adotar um sistema muito bem elaborado nesse sentido da sustentabilidade para feriados. Falando de feriados, o carnaval é o trauma dos feriados, o mais

problemático, pelo que eu conheço aqui (M25. Funcionário do IPHAN. 55 anos).

Os principais feriados, sob o ponto de vista do turismo, são a Semana Santa e o *Corpus Christi*, em que a maioria das pessoas presentes é de Brasília e Goiânia. As Festas de São João, do Divino Pai Eterno de Caxambu, de Lagolândia, do Morro, da Capela, da Placa, do Nosso Senhor do Bonfim, Exposição Agropecuária e o Aniversário da cidade atraem um público regional. Já os eventos estabelecidos, que mais atraem turistas à Pirenópolis são, em primeiro lugar, o Canto da Primavera e, depois, o Festival Gastronômico.

Para os entrevistados, o Canto da Primavera é um aglutinador de multidões que não traz benefícios, principalmente o econômico, para a cidade. O retorno econômico do Festival Gastronômico, apesar de ele ser um investimento oneroso, privilegia a poucos, além de não valorizar elementos da cultura local.

- O canto da Primavera atrai um turista que não gasta, que não está interessado na questão do patrimônio, ele não está nem aí, ele pixa... pela rua toda, ele joga lixo na rua. Ele não tem essa questão de respeitar e valorizar o patrimônio (M12. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

- A gente se prepara muito para o feriado, mas a gente se prepara muito mais para um fim de semana antes do feriado. E a gente sabe que quem gosta de Pirenópolis e quer curtir Pirenópolis, ele vem no intervalo, já não vem no feriado. O Canto da Primavera, qual o benefício que o Canto da Primavera traz? Nenhum, por quê? Porque vem grandes cantores que trazem um público diário, que não vai passear, as pessoas não vão se hospedar, não vão fazer nada na cidade. Vai dormir dentro do seu carro, criar vandalismo, roubo, um tanto de coisa. O que poderia ser feito? Criar vários eventos para ter durante todo o ano. Vai ter um grande fluxo de turista continua e não um grande fluxo de uma vez só. O evento Gastronômico custou trezentos mil reais. Gente, trezentos mil dá para fazer coisas demais durante o ano... De vinte pessoas que fizeram e participaram do Festival Gastronômico, duas ganharam dinheiro. É vantagem? Não é vantagem (M22. Proprietário de Reserva Ecológica. 30 anos).

- Hoje, tem vários eventos em Pirenópolis que não condiz com o que é daqui. Não estão valorizando muito o que é regional... O Festival Gastronômico não tem nada a ver com a cidade. São trazidos chefes de cozinha de outros locais (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

Um outro aspecto que, igualmente, corrobora para atração de turistas encontra-se na paisagem do Centro-Histórico de Pirenópolis que é composta por

diferentes elementos que descrevem com propriedade o patrimônio da cidade. Esses elementos são marcas espaciais e temporais historicizados em cada casa, com suas portas, janelas e quintais; em cada rua, praça, igreja; em cada monumento, museu, acervo, escultura, pintura, produções artesanais; na Serra, na Ponte, no Rio das Almas que há séculos enfrenta degradações. Mas, esses elementos que compõem a paisagem se tornam uma cena muda e triste se descontextualizados da história dos moradores que dão vida a essas cenas. A presença do ser pensante e contemplador é que atribui identidade aos lugares tornando-os únicos: a memória, as referências culturais que dão significado a paisagem. Assim,

Significa... “olhar a paisagem e saber tudo de cor” porque diz respeito à vida e seu sentido, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo (grifo da autora) (Carlos, 1996, p. 28).

Concordamos com Oliveira (2003, p. 17) ao enunciar que “Cidades são espaços e, como *lugares da história*, tornam-se legíveis enquanto materialidade - o artefato urbano, a arquitetura da cidade - e não materialidade, ou seja, a síntese dos valores que as constroem, sendo *lócus* da memória coletiva” (grifo da autora).

Os espaços arquitetados no tempo testemunham o caráter histórico, por isso os espaços são produtos da cultura que exprimem toda a complexidade que abarca a sua construção. “O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens” (DaMatta, 1991, p. 34). O espaço estabelece uma relação com o tempo e com as significações e significâncias que o envolvem. Dessa feita, os espaços se relacionam com a temporalidade, haja vista que

... são condições das relações sociais e não categorias explicativas por si mesmas. São maneiras que tem o homem de reunir e expressar em idéias os efeitos sensoriais e isso é feito culturalmente, vale dizer, simbolicamente. A relação recíproca converte o espaço, antes vazio, em algo para nós (Silva, 1997, p. 85).

Podemos argumentar que além das igrejas, dos museus, dos monumentos, dos casarões seculares, das ruas, das praças, fazem parte do espaço e da paisagem de Pirenópolis, as já referidas festas populares e religiosas, os causos, as lendas, as músicas, as danças, a culinária, enfim, diversificados saberes e fazeres da cidade sem

deixar de lado, é claro, as belezas naturais que consistem na fauna, na flora, nas cachoeiras, nos rios, na Serra. É por esse conjunto de fatores, que conferem identidade à cidade de Pirenópolis, que durante a entrevista, um morador nos disse:

- Você vai sair daqui apaixonada com a questão da diversidade cultural e com todas as coisas que envolvem a natureza, porque é muito vivo. É muito pulsante essa história toda (M10. Lapidário. 53 anos).

Essa diversidade de elementos que se misturam e se interagem: a história, o patrimônio, além das pessoas que lhes dão significado, e tornam interessante a existência desses elementos, é que são os grandes motivadores do turismo em Pirenópolis.

- O que ajudou a divulgar o turismo aqui em Pirenópolis foi a Festa do Divino... a nossa arquitetura, a nossa igreja, as cachoeiras, as festas também ajudaram muito (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).

Portanto, após 278 anos de história, que se construiu desde o ouro de aluvião, num pequeno Arraial, em meio aos percalços inerentes aos embates históricos, políticos, econômicos e culturais, Pirenópolis se afirmou como cidade, e atualmente é uma das mais representativas cidades históricas e turísticas do estado de Goiás.

- Nós temos esse patrimônio histórico e cultural, as cachoeiras, que já atraem o turista, hoje, por exemplo o turismo é a terceira fonte de renda de Pirenópolis... nós estamos querendo que o turismo seja a primeira (M21. Membro da Associação dos Moradores do Bonfim. 46 anos).

Mais do que ter sido tombada como Patrimônio Cultural Brasileiro, em 1989, Pirenópolis, hoje, pode ser adjetivada de Canto do Cerrado porque, além de se situar junto à Serra dos Pirineus, é condecorada por uma paisagem de alto valor estético, onde montanhas cobertas do mais puro cerrado exibem inúmeras cachoeiras em locais de grande viço natural. Assim como o Cerrado, Pirenópolis possui características bem peculiares: sua história, sua diversidade e raízes culturais, a sua arquitetura em estilo colonial, a receptividade de seus moradores.

Em Pirenópolis, a fauna e a flora do cerrado, diversificadas e exóticas, proporcionam um espetáculo à parte: são 500 tipos de árvores, 200 qualidades de orquídeas, mais de 400 espécies de aves, 160 espécies de mamíferos e mil variedades de borboletas (Adelmo de Carvalho, 2001). Esses elementos

e outros compõem a beleza singular de sua paisagem, que não se criou de uma vez, “mas por acréscimos, substituições [porque]... uma paisagem é descrita sobre a outra, é o conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos” (Santos, 1996, p. 66).

É sobre a percepção dos moradores desta cidade, acerca da atividade turística, em sua ambivalência, que discorreremos no próximo capítulo, a partir dos dados coletados e da análise, sustentados pelo referencial teórico.

CAPÍTULO III

NARRAÇÃO DE OUTRAS NARRAÇÕES: O OLHAR DOS MORADORES DE PIRENÓPOLIS FACE AO TURISMO

Para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam o que estão fazendo, é necessário adquirir uma familiaridade operacional com o conjunto de significado em meio aos quais elas levam suas vidas. Isso não requer sentir como os outros ou pensar como eles, o que é simplesmente impossível. Nem virar nativo, o que é uma idéia impraticável e inevitavelmente falsa. Requer aprender como viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente.

- Clifford Geertz -

Esse capítulo, à luz de conhecimentos antropológicos, mediados pela etnografia tem como proposta delinear a percepção dos moradores da histórica cidade de Pirenópolis acerca do turismo, discutindo sobre a importância do patrimônio; da memória e da identidade; e da paisagem, como elementos da cultura, que atribuem singularidade e diversidade a essa cidade turística. Esses elementos comporão a análise não de modo seqüencial, mas de forma articulada, visto que a abordagem sobre um demanda a presença do outro, por serem constitutivos de uma mesma realidade.

Nesse momento do estudo referendamo-nos em Geertz (1989), quando assevera que os dados obtidos pelo pesquisador lhes são uma construção própria, derivada das outras construções de outras pessoas, visto que, por essa ótica, ele está *explicando explicações*.

Por meio dos dados coletados foi possível constatar nas entrevistas realizadas que há uma divergência de pontos de vista dos sujeitos frente à importância do patrimônio para a cidade, visto que essa categoria desempenha um papel primordial

... no processo de formação de subjetividades individuais e coletivas... não há patrimônio que não seja ao mesmo tempo condição e efeito de determinadas modalidades de autoconsciência individual ou coletiva... entre o patrimônio e as formas de autoconsciência individual ou coletiva existe uma relação orgânica e interna e não apenas uma relação externa e emblemática (Gonçalves, 2005, p. 27).

Muitos valorizam o patrimônio como intrínseco à vida, sendo extremamente importante para sua vida social e mental (Gonçalves, 2005). Isso pode ser exemplificado

no seguinte depoimento, quando o morador atribui ao patrimônio a condição de sua existência:

- É a minha vida (M3. Artista plástico. 70 anos).

Para outros moradores, o patrimônio é importante não somente para sua vida, mas também para a vida da comunidade:

- Apresenta certo orgulho das pessoas de terem seus prédios históricos conservados... as pessoas estão preocupadas com o patrimônio histórico delas (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

- Indispensável. Faz parte da vida das pessoas (M14. Proprietária de pousada. 53 anos).

Porém, alguns moradores inferem que o *próprio filho da cidade*, por conviver diuturnamente com o patrimônio, não distingue o seu devido valor histórico-cultural. Ou como nos ensina a Antropologia já não faz o estranhamento.

- Às vezes o pessoal da cidade não percebe a importância dos casarões coloniais, já acostumaram de tanto tá vendo. Aham isso muito simples e muito normal. Mas o pessoal de fora fica encantado (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

- A única finalidade desses casarões, dessas igrejas antigas... é mais como atração turística, porque o povo daqui não valoriza essas coisas. Cresceu vendo aquilo, acostuma com aquilo. O turista é que valoriza mais essas coisas (M2. Aposentado. 84 anos).

- A sorte nossa é que vem muita gente de fora, porque dá mais valor na história do que o próprio filho da cidade (M3. Artista plástico. 70 anos).

Muitos entrevistados consideram que o patrimônio é condição de existência da cidade, devido aos seus valores históricos, culturais, paisagísticos, turísticos que asseguram sua memória e identidade. Assim o patrimônio adquire valor polissêmico. Percebido dessa forma, Gonçalves (2005, p. 17) sugere a possibilidade de pensá-lo “em termos etnográficos, analisando-o como um ‘fato social total’” (grifo do autor), fazendo mediação “entre diversos domínios social e simbolicamente construídos, estabelecendo pontes e cercas entre categorias cruciais, tais como passado e presente, deuses e homens, mortos e vivos, nacionais e estrangeiros, ricos e pobres” (Gonçalves, 2005, p. 16).

- Os museus, as igrejas, a ponte, os casarões, as festas populares, a música, a dança, as cachoeiras, os rios, a Serra dos Pirineus é que fazem a identidade de Pirenópolis, é justamente todo esse conjunto de fatores que atraem os turistas (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

Os moradores consideram os museus relevantes para o conhecimento e reconhecimento da história, bem como das raízes culturais de uma comunidade, além de contribuir para o desenvolvimento do turismo.

- Os museus são muito importantes, conta não só a história, mas beneficiam o turismo (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do bairro do Carmo. 29 anos).

- O museu é uma forma de preservar a cultura da cidade... ao mesmo tempo em que ele guarda a imagem, ele também preserva a história. Então é muito importante que haja museu e que também esteja aberto à visitação e que seja cobrado uma taxa, não só para a manutenção, mas para que as pessoas dêem valor à arte (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).

O museu compõe-se de objetos que documentam, ao fixarem marcas nos sujeitos, de modo a propiciarem um processo comunicativo e também intercultural (Lima Filho e Silveira, 2005). Lima Filho e Silveira (2005, p. 39) reconhecem que

... as imagens dos objetos também “circulam” nos meandros das memórias dos sujeitos, carreando lembranças de situações vividas outrora, permeadas por sutilezas e emoções próprias do ato de lutar contra o esquecimento e a finitude do ser, bem como de seus vínculos com o seu lugar de pertença (grifo dos autores).

Mas, por outro lado, com exceção de um deles, os museus em Pirenópolis encontram-se fechados à visitação de moradores e turistas. O museu aberto à visitação é de propriedade privada, mas isso não o isenta de estar em condições favoráveis de receber as pessoas, o que ainda não acontece. O papel social que os museus desempenham “não pode ser dissociado da motivação de seus visitantes, que é na maior parte dos casos, educação, aquisição de cultura, entretenimento ou divertimento” (Barreto, 2003, p. 66).

Por intermédio dos depoimentos abaixo percebemos que se registra uma outra peculiaridade da gestão dos patrimônios, para além da prática turística: a fabricação de

personas políticas, de famílias ou grupos que, por sua vez, personalizam as coleções, os objetos e os próprios museus como propriedade privada e pessoal. Portanto, isso nos remete a mais uma ambivalência também contida na gestão do patrimônio, ou seja, a questão da propriedade privada garantida pela constituição como refletiu Tamazo (1998).

- A maioria dos museus está nas mãos de famílias tradicionais que não abrem ao público, parece que querem o museu só para eles, só para ter o orgulho de falar que tem um museu. Então a população daqui não tem e nunca teve o costume de visitar um museu e o turista também não tem acesso aos museus... O museu das Cavalhadas é o único que é aberto, mas ele se localiza dentro de uma casa... que não é de arquitetura histórica, tudo entulhado, o museu é bem utilizado, não se valoriza as peças [que] até perdem o valor (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- Os museus... ficam mais tempo fechados que abertos. Então eu achava que deveria ter um guia, um guarda para manter aberto pelo menos final de semana (M17. Quitandeira. 71 anos).

O patrimônio cultural de grande monta na cidade está nas Igrejas, que são, na maioria em estilo colonial, quase todas do século XVIII. Desse patrimônio, destaca-se com veemência a já referida Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Em todas as entrevistas as pessoas manifestaram extremo pesar pelo incêndio ocorrido em 2002 que quase destruiu toda a Igreja, assim ao falarem da Igreja “o que se processa é uma espécie de externalização das impressões internalizadas” (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 42). E novamente aparece a fusão da pessoa com o objeto, e aqui a própria igreja se revela na fala que usa expressões *queimou o coração e pedacinho da gente*.

- Nós tivemos uma tragédia com a nossa igreja, mas graças a Deus está sendo reconstruída... quase que queimou o coração da gente, um pedacinho da gente parece que foi-se embora. Mas, como se diz a fé fica (M21. Membro da Associação dos Moradores do Bonfim. 46 anos).
- O pessoal tem uma religiosidade muito grande aqui em Pirenópolis, então quando a Igreja pegou fogo, foi uma calamidade pública aqui, as pessoas se emocionaram muito, falava em igreja o pessoal começava a chorar (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- A gente perdeu em 2002 a Igreja Nossa Senhora do Rosário, isso abalou sensivelmente a comunidade. Até porque a Igreja é o patrimônio mais antigo do estado de Goiás. Então a gente

perdeu toda essa história de quase 200 anos (M27. Secretário de Turismo. 51 anos).

A igreja Nossa Senhora do Rosário, além de representar uma parcela expressiva na paisagem vivida, designa um tempo e acontecimentos para os moradores de Pirenópolis que criaram um vínculo com esse patrimônio por meio de suas experiências *com e no mundo*. Por isso, “trata-se de aspectos da historicidade, reveladores da dinâmica do tempo... que ficaram documentados, “impressos” nas paisagens” (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 40) (grifo dos autores). Isso ocorre com a Igreja á medida que pegou fogo e à medida que foi restaurada. Assim, “o tempo costura e recostura as imagens mentais de acordo com as categorias nativas” (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 40).

Os casarões e as igrejas, em estilo colonial, o teatro, em estilo neoclássico, e o cinema, em estilo art-decô, ratificam a identidade histórico-cultural da arquitetura da cidade. Pirenópolis também conta com a ponte sobre o Rio das Almas, que tem grande significado na história da cidade, sendo também um ponto turístico. Os casarões, as igrejas, o teatro, o cinema e a ponte, ao mesmo tempo em que são referências da arquitetura, da religião, da arte e da economia são “conseqüências da construção cultural” (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 42) dos moradores de Pirenópolis. Nesse sentido, concordamos com Jeudy (1990, p. 10) ao assegurar que “Valor e monumentalidade estão portanto ligados, e o patrimônio continua sendo o meio essencial de uma teatralização social dos valores, uma vez que consagra as próprias imagens das memórias coletivas para além da temporalidade da vida cotidiana”.

- É óbvio que existe uma grande valorização do turista em relação a esses patrimônios, para ele é muito fácil de compreender o patrimônio histórico, vê que está identificado pelas construções (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

- A história de Pirenópolis está descrita nos casarões... de estilo colonial português. As janelas das casas foram criadas pelos portugueses para que a pessoa que estivesse dentro da casa pudesse ver as pessoas que estão do lado de fora e as pessoas que estivessem do lado de fora não vissem quem estava do lado de dentro, isso acontece até hoje, é um fato histórico, não só isso, como também a questão da ornamentação (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).

Outros moradores reconhecem que a arquitetura colonial de Pirenópolis não tem sido valorizada como algo peculiar à cidade.

- Eu acho que não existe uma consciência dos moradores de que a arquitetura seja algo que diferencia Pirenópolis de outras cidades. Eu acho que é visto como a minha cidade, eu moro aqui, as casas são assim e pronto (M20. Designer de jóia. Jornalista. Professora. 53 anos).

De acordo com o exposto anteriormente, com base em Lima Filho e Silveira (2005), os objetos transmutam-se em documentos, adquirindo significado e sendo pleno de interpretações que remetem “a paisagens culturais específicas, seguindo historicidades particulares” (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 42). Pela exposição da moradora, observamos que a capacidade hermenêutica dos objetos que identificam a arquitetura colonial da cidade não tem sido percebida pelos moradores.

A preservação de uma Cidade Histórica, mediante o reconhecimento de um tombamento nacional, guarda inúmeras peculiaridades e gera conflitos, por quê?

O tombamento nasceu do Decreto-Lei nº 25, de 1937, destina-se ao plano dos bens materiais. Pode contemplar somente a fachada, ou o imóvel como um todo, e tende a marcar uma preponderância do que é social e coletivo. Segundo o IPHAN (2000), o tombamento é o mecanismo que possibilita preservar, proteger e conservar os bens culturais móveis e imóveis.

Nas sociedades liberais, a propriedade privada sempre foi um dos princípios que deveriam ser resguardados. No que se refere ao Brasil, a partir da Constituição de 1988, o Estado passa a ter direitos de intervir em casos de propriedades privadas irregulares. A intervenção procedida pelo tombamento por meio do IPHAN, é de uma outra espécie: tem o intuito de valorizar o bem material, preservando-o e conservando-o. O imóvel, privado ou público, tombado pode ser reformado ou modificado apenas mediante autorização desse órgão, bem como vendido com a posse de um contrato que proíba a demolição e modificações a fim de garantir sua preservação. Para preservar um bem tombado é preciso obedecer a regras específicas, delimitadas e fiscalizadas pelos órgãos responsáveis que é o IPHAN, no caso do centro-histórico de Pirenópolis. “O fato é que se o tombamento não retira do proprietário a posse do imóvel, retira ao menos simbolicamente o domínio sobre seu bem” (Tamazo, 1998, p. 81).

O tombamento, por sua vez, pode possibilitar a intensificação, na cidade, do desenvolvimento da atividade turística, que instiga a necessidade interna de uma

afirmação da identidade obtida em um incessante reconhecimento do dissemelhante. Como nos lembra Lima Filho (1998, p. 126),

A identidade de um grupo se torna visível quando se instaura um processo de contraste com a alteridade. [A] dinâmica negociação com o Outro... torna a identidade um conceito maleável, aberto às influências do contato.

O fato de Pirenópolis ter sido classificada como Patrimônio Nacional pelo IPHAN em 1989, para muitos moradores significou a preservação e valorização do patrimônio, bem como contribuiu para o desenvolvimento do turismo na cidade.

- O tombamento foi uma coisa muito importante para Pirenópolis. Porque se não fosse tombada, nem todas as pessoas teriam consciência, o esclarecimento de saber o que é preservar o local histórico... Sem dúvida nenhuma é um produto turístico bem interessante, quando fala que a cidade foi tombada como Patrimônio Histórico... mexe com o interior das pessoas, a curiosidade, isso ajuda muito na relação com o turismo também... Apesar de ser nosso grande produto turístico, a natureza, muita gente vem aqui para visitar a cidade porque é Patrimônio Histórico (M8. Guia de turismo. Proprietário de operadora de turismo. 45 anos).
- Isso contribuiu para atrair os turistas (M2. Aposentado. 84 anos).

No entanto, o tombamento do Centro Histórico tem gerado controvérsias. Para um morador,

- A cidade vale muito mais por si, do que pelo fato de que o IPHAN a tenha considerado como Patrimônio Nacional. Ao contrário, o povo tem um pouco de prevenção contra o IPHAN, porque o IPHAN é mais zeloso com a arquitetura do que com o povo local. Às vezes, o pessoal acha exagerado e que é uma intromissão na tradição deles, na forma de ser deles. Então, eu acho que é o contrário não é porque a cidade é Patrimônio Nacional que se tornou atrativa, mas a cidade foi classificada como Patrimônio Nacional porque é atrativa (M15. Economista. 67 anos).

O depoimento do morador nos instiga a questionar o papel do IPHAN que, mediante o tombamento, é de proteger, preservar e conservar os bens móveis e imóveis, devido ao seu valor histórico e cultural para quaisquer regionalidade ou nação. No caso de Pirenópolis, o IPHAN não agiu no sentido de preservar um bem nacional, mas de se

utilizar do bem regional, que já era cultivado pelas pessoas da localidade e pelos turistas, tornando-o um bem nacional.

Entretanto, um morador acredita que o tombamento agrega valor à cidade, propiciando o seu desenvolvimento.

- O fato de Pirenópolis ter sido tombada pelo IPHAN como Patrimônio Nacional, contribuiu muito para o desenvolvimento da cidade, além do *status* social e econômico que esse título dá (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

Notamos que decorrente do tombamento, as pessoas, na cidade, passaram a se ocupar mais de aspectos econômico-financeiros do que com a memória, a identidade e a história da cidade. Isso acontece porque as cidades são *aprontadas* preocupando-se mais com o turismo do que com a sua preservação histórico-cultural (Barbosa, 2001).

- Na hora em que o morador percebe que o vizinho que nunca fez aquela reforma na casa, vende a tapera ali mais cara que a casa azulejada dele, ele rapidamente começa a valorizar a preservação, o conteúdo histórico do objeto arquitetônico que ele tem e isso cria uma ressonância que caminha até a favor da especulação imobiliária... o fator financeiro fala mais alto (M25. Funcionário do IPHAN. 55 anos).

Quando percorremos as ruas e ladeiras do Centro Histórico de Pirenópolis nos chamam a atenção as cores vibrantes das fachadas dos casarões coloniais que contrastam com as cores que eram utilizadas no período colonial: o branco, o cal e o cinza. Esse processo de *aprontação* da cidade para receber os turistas passa por um

... forte apelo visual, onde o amarelo se junta ao azul turquesa e ao cor-de-rosa ou vermelho. A partir desse momento tem-se o predomínio do pictórico, o território antigo empresta seu nome e sua fachada, agora de roupa nova, ao lugar turístico... O espaço do turismo e do lazer são espaços visuais presos ao mundo das imagens que impõem a redução e o simulacro (Barbosa, 2001, p. 83-84).

Essa re-produção estética das fachadas deixa de contemplar tanto as características pictóricas que nos remetem ao período colonial, quanto aos padrões de vida tradicionais do século XIX. Percebemos que essa idéia de dar um novo semblante para a cidade acontece em função do turismo, visto que essa alternância de cores é um

dos motivos que encantam o turista pelo fato de se diferenciar dos grandes centros urbanos. Assim, o simulacro é característica marcante naquele lugar e se contrapõe ao interesse de re-construir e valorizar aspectos histórico-culturais, no momento em que nega o real e substitui a essência pela aparência.

Nesse processo de *embelezamento* da cidade, ao mesmo tempo em que as fachadas dos casarões do centro histórico são salientadas, não se percebe o que existe por trás delas: signos, significados, crenças, mitos, saberes, pois as fachadas acabam por esconder as *teias de significados*, levando alguns turistas a relacionarem-se apenas com objetos desprovidos de valores simbólicos e não com objetos e pessoas impregnados de simbolismo.

Para alguns moradores, não resolve apenas preservar as fachadas dos casarões, é imprescindível se preocupar também em preservar o interior das casas e os quintais, o que, para eles, pode atribuir um valor econômico e cultural maior ao patrimônio.

- Nós estamos brigando, lutando para ter uma consciência por parte dos donos das casas para preservar o interior e os quintais, e deveria existir uma lei que contemplasse a preservação não só da fachada, mas também do interior e dos quintais. Em Pirenópolis, hoje você vê só a fachada preservada. Eu alerto muito eles sobre a questão econômica. Porque a casa mais preservada vale mais dinheiro e o dinheiro toca mais as pessoas (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).

Poderíamos indagar: a que levaria uma luta pela conscientização das pessoas para preservarem também o interior das casas e os quintais de seus imóveis sem que houvesse a garantia de subvenção pelo menos do próprio IPHAN, se não há a do poder público? Nesse caso, a tarefa e o ônus de preservar seriam dos moradores e o *status* de preservador estaria no IPHAN. Em contraposição, encontramos entre os moradores, escalrecimentos sobre o não cumprimento das atribuições do IPHAN que,

-... além de não orientar e não incentivar a preservação, simplesmente preocupa com a fachada. Então, você pode fazer o que quiser lá dentro, é uma destruição do patrimônio (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

É também de responsabilidade do IPHAN administrar e fiscalizar a área tombada, além de orientar os moradores das cidades históricas quanto a importância de cuidar do patrimônio.

- Uma das metas do IPHAN é a fiscalização rotineira. Quando a gente cochila em alguma coisa o Ministério público vem em cima da gente: “por que vocês não estão tomando providências, disso ou daquilo?”... a própria ação do IPHAN... vem melhorando. A comunidade... compreende bem melhor o papel que o IPHAN vem desenvolvendo (M25. Funcionário do IPHAN. 55 anos).

Todavia, foi diagnosticado que o IPHAN, em Pirenópolis, não tem nenhum projeto para a valorização e preservação do aspecto imaterial do patrimônio, como explicitado no depoimento que se segue:

- Eu vejo que a atuação do IPHAN nesse momento está muito ligada ao material, à pedra e cal, às edificações, ao conjunto de casario e até mesmo à paisagem... mas muito em relação à questão material. Inclusive aqui em Pirenópolis nós estamos desequipados de recursos humanos para envolver no processo de preservação do próprio patrimônio imaterial. Para isso, a gente precisa de um antropólogo (M25. Funcionário do IPHAN. 55 anos).

Em relação ao aspecto material do patrimônio, os gestores públicos afirmam que uma das metas da administração atual é a valorização e preservação da arquitetura de Pirenópolis, por meio do desconto do IPTU, como podemos verificar nos seguintes depoimentos:

- A prefeitura procura incentivar através do IPTU. A pessoa que preserva... aquela que dá uma conotação diferente na sua casa para conservar as origens, nós estamos dando um incentivo nos impostos (M26. Prefeito. 54 anos).
- A prefeitura dá um incentivo com o IPTU para que mantenha a casa em estilo mais original (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).

As pessoas que migram para Pirenópolis muitas vezes são vistas como aquelas que não têm o comprometimento com a preservação dos casarões ou, do mesmo modo, preocupam-se apenas com a conservação da fachada.

- Têm dinheiro, destroem tudo, as mangueiras centenárias, para construir casinhas para aluguel ou até mesmo para eles, para os familiares, ou seja, os quintais estão indo embora também. Quer dizer, as casas vão ficando mesmo só as fachadas (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).

De um modo geral, as pessoas, em Pirenópolis, não reconhecem que o movimento turístico, porque demanda constantes investimentos, atrai um grande contingente de pessoas a se transferir e a se estabelecer como comerciante de quaisquer ramos que intensifiquem cada vez mais a máquina do turismo. Por isso mesmo, essas pessoas preocupam-se muito mais com *fachadas* e ostentações do que com o elemento simbólico e representacional do patrimônio cultural da cidade.

Já para outros sujeitos, o pirenopolino só passou a dar valor ao patrimônio da cidade depois de ter percebido que as pessoas de outras localidades o valorizavam.

- Quem é de Pirenópolis não conhece Pirenópolis, não sabe nem de história, nem de cultura e nem de atrativos, nem de nada. Ele precisa ver o turista que vem de fora, para poder falar “olha que linda aquela igreja, que linda aquela cachoeira” (M22. Proprietário de Reserva Ecológica. 30 anos).

Sabemos que a pesquisa etnográfica favorece “encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos” (Geertz, 2000, p. 45). Nesse diálogo, foi possível notar discrepâncias de percepções sobre uma mesma realidade. Como pode um morador afirmar que os outros não valorizavam o patrimônio local, antes que o turista o valorizasse? Postulamos que as pessoas sempre valorizam tanto seu patrimônio como sua terra, e esse sentimento é inerente também ao pirenopolino, contudo dentro de padrões que fogem aos ostentados pelo turismo: a regionalidade, a sacralidade, a solidariedade, a simplicidade, os genuínos sentimentos de pertença, dentre outros. O que ressalta aos olhos é que essas pessoas, que antes cultivavam espontaneamente esses valores, acabam submetendo-se aos padrões de valores pré-estabelecidos pela realidade do turismo: ser proprietário de uma residência em estilo colonial, pelo seu valor econômico; exarcebar o fluxo do comércio; integrar grupos alternativos, artísticos, de artesãos, ser proprietário de pousadas, cachoeiras, fazendas históricas, ecológicas, entre outros.

Porém, a maioria dos entrevistados evidenciou que grande parte dos moradores valoriza o patrimônio, mas, como mencionamos, no que se refere aos

casarões, não possui condições econômico-financeiras de conservá-los, além de conviver com a carência de ações públicas no sentido de mantê-los preservados.

- as pessoas reclamam muito que não têm apoio, por exemplo, o IPTU não é mais barato (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- Tem pessoas que têm a casa antiga, mas não têm condições de preservar. O nosso povo gosta de preservar as suas tradições e com tudo isso o seu folclore, arquitetura, isso é coisa do nosso povo (M3. Funcionário da Secretaria de Cultura. 52 anos).

E mais uma vez podemos afiançar, por meio do depoimento do morador, que essa primeira experiência etnográfica permitiu desvelar aspectos do mundo social do *outro*, em sua lógica própria, ao identificar matizes culturais imersos em atitudes espontâneas e habituais que, por isso mesmo, não são vistas como etnocêntricas pela maioria do grupo. Desse modo, confirmamos que um dos aspectos identitários do pirenopolino está na valorização de sua cultura.

Em Antropologia, estudos sobre identidade caracterizam grupos específicos. Nesse contexto, o grupo específico diz respeito aos moradores de Pirenópolis, que têm uma identidade que lhes é própria, conferida pela comunidade local, a partir das origens, modos de ocupação e produção do espaço. A presença dos portugueses em sua colonização pode ser responsabilizada pela realização de alguns eventos folclóricos e religiosos. Assim, concordamos com Yázigi (2001), ao expor que a personalidade do lugar se funda em um abrangente conjunto de identidades, a partir de seus diferenciais que são próprios do meio ambiente: história, costumes, arquitetura, detalhes e adornos, pertença, mitos, festas, fauna, flora.

- Aqui em Pirenópolis a gente tem... uma identidade cultural... pelo fato de ser uma cidade pequena, de ter sido colonizada no ciclo do ouro, de ter sido colonizada pelos portugueses, de existir uma serra, cachoeira, uma natureza (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

Se a cultura é dinamicamente elaborada e re-elaborada é porque sua produção e re-produção histórico-sociais diversificam-se constantemente, criando novas simbolizações e novas práticas sociais. Por isso é que, para Laplantine (1989), ela é estável e dinâmica. Com esse raciocínio, a identidade cultural apontada pelo morador

pode até ter sido originada naquela cidade pequena, colonizada no ciclo do ouro pelos portugueses, mas com a constante mutação da cultura, necessariamente, outros valores sobrepuseram-se às origens, dando outros contornos à identidade coletiva.

Com esse raciocínio, recorremos ao conceito de identidade trabalhado por Hall (2001, p. 13), que abrange as separações, as migrações e as multiplicidades: “A identidade não é fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

E nessa dinâmica, no depoimento abaixo, o entendimento da moradora, sobre o fato de que quem optou por morar em Pirenópolis nela se insere, pode estar equivocado, pois uma das mutações culturais incide no fato de que os pirenopolinos, em grande parte, é que se inserem em uma cultura produzida e re-produzida pelo mundo do turismo.

- Eu acho que Pirenópolis é isso. A cidade é muito autêntica no seu dia-a-dia... Ela não está transformada ainda, ao contrário, quem optou por morar em Pirenópolis se insere. Vai haver daqui um pouco um ponto de ruptura, mas até 2005 a permanência está vencendo. Porém, a gente vê problemas futuros, com certeza (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Outra forma de expressão da identidade de Pirenópolis encontra-se nas festas populares, religiosas e profanas, por serem marcantes na vida do lugar, por meio da familiaridade com o repique dos sinos, missas, novenas, procissões, alvorada e banda de música, folias, levantamento de mastro, queima de fogos, reinados, pastorinhas.

- O pessoal daqui é muito ligado à religiosidade e à tradição... Eles têm uma religiosidade realmente autêntica (M15. Economista. 67 anos).

- As novenas mobilizam a comunidade... O caráter da cidade ainda, apesar dessa invasão cultural-urbana, é uma cidade que se mantém ruralista. Então numa sociedade ruralista tudo gira em torno da Igreja Católica (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Assim, o patrimônio de Pirenópolis, que também se compõe de festas populares, religiosas e profanas, causos, lendas, músicas, culinária, tem o seu espaço assegurado. Nesse estudo, trataremos apenas das festas populares, religiosas e

profanas, como a Festa do Divino e as Cavalhadas, visto que, ao serem questionados sobre esse patrimônio, os moradores, em sua unanimidade, citavam somente esses dois eventos.

Essas festas congregam a maioria da população, durante todo ano, desde o seu preparo até a execução, propiciando a re-produção simbólica das relações sociais. Destacamos que as festas conferem identidade à cidade ao mesmo tempo em que asseguram a memória dos moradores, pois é nesse re-encontro *que o inconsciente coletivo*, nos termos de Durkheim (1989), e a memória coletiva, nas palavras de Halbwachs (1990), certificam-se, como podemos ilustrar com os depoimentos a seguir:

- O pessoal é daquele que se emociona com o hino do Divino (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).
- [A festa] faz parte da vida da gente (M7. Comerciante. Presidente de Associação de Moradores. 29 anos).
- A festa do Divino e as Cavalhadas são as maiores manifestações populares de Pirenópolis. Todo mundo ajuda porque as festas são do povo (M14. Proprietária de pousada. 53 anos).
- A cavalhada é o ápice da Festa do Divino. E ela é um momento fantástico para todo o município. Quer dizer, todos os distritos vêm aqui para a cidade. Eu acho que a população faz parte dessas festas. Ela se mobiliza na época adequada e tem conseguido manter as tradições (M25. Funcionário do IPHAN. 55 anos).
- Quando a gente vai assistir as Cavalhadas, a gente vê que é uma festa do povão mesmo, o pessoal vem da zona rural para cá (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

As festas tradicionais de Pirenópolis, que se originam do catolicismo, numa confluência de fé, crença e devoção, são coroadas de familiaridade e significados que geram “Emoção e Tradição... ao retornar para a festa (corpórea ou imaginativamente), amiúde deixa-se levar pela emoção, pois no mundo festivo - magicamente transformado - estão suas tradições locais” (Maia, 2001, p. 190). Para um morador de Pirenópolis, as festas

- [despertam] um sentimento muito forte porque eu sou católico, freqüento a igreja, participo das festas, nasci no meio disso (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do bairro do Carmo. 29 anos).
- O pessoal daqui é muito ligado à religiosidade e à tradição... a gente vê um catolicismo... uma forma de ser (M15. Economista. 67 anos).

Nesse sentido, concordamos com Lima Filho (2001, p. 60) ao asseverar que a festa é

... um movimento de reconstrução da identidade que passa... por níveis de evocação da memória, a qual identifica as pessoas por momentos, personagens, espaços ou fatos comuns do mesmo passado, mas que permitem releituras individuais, cujas semelhanças ou acirradas diferenças confrontam lembranças que subordinam o presente da comunidade.

Entendidas assim, as festas são expressões simbólicas que, por sofrerem alterações a todo tempo, estimulam os moradores a valorizarem e validarem o que é interno perante a diversidade.

E, em se abordando a diversidade, na cidade de Pirenópolis, o valor polissêmico do patrimônio abrange a Serra dos Pirineus; o Rio das Almas; cachoeiras; nascentes com águas cristalinas; fauna e flora típicas do cerrado, ricas e diversificadas. Esse patrimônio não é apenas visto, mas também contemplado por muitos moradores como fonte de vida, inspiração, aconchego, tranquilidade e até mesmo segurança em sua tradição de cidade do interior do estado.

- Eu adoro a natureza porque quando eu sinto triste eu converso com a natureza... acaba que eu me tornei uma poetiza simples, mais por causa do canto do sabiá... eu me inspirei, eu tava triste, sozinha na minha casa e pelo canto dum sabiá numa madrugada eu fiz meu primeiro poema (M1. Poetiza. Funcionária Pública. 69 anos).
- O pirenopolino, ele chora a natureza (M9. Secretário de cultura. Diretor de museu. 72 anos).
- o meio ambiente é muito importante para a mim, acho que é importante para a humanidade também, no ponto de vista não só como sobrevivência, como de achar o seu rumo pessoal... quando uma pessoa está próxima da natureza ela consegue ficar menos bagunçada nos seus ideais, menos estressada, ela vê mais sentido na vida (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

Em Pirenópolis, o contato com a natureza é muito apreciado pelos turistas. No entanto, é interessante destacar que esse apreço só é atrativo porque se completa com os elementos históricos, arquitetônicos, paisagísticos constitutivos do lugar.

- Os turistas gostam das manifestações culturais, acham interessante, mas a grande maioria não participa, eles gostam da arquitetura local, a maioria vem por causa das cachoeiras (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- Algumas Reservas, Santuários Ecológicos proporcionam para o turista momentos de paz, de energização, de relaxamento, de sossego e a pessoa agradece pelo dia que passou (M13. Proprietário de Reserva Ecológica. 35 anos).
- O ecoturismo com essas belezas naturais que tem por aí, talvez seja o principal fator turístico da cidade. Tem o fator da arquitetura, do folclore que contribui bastante também (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).

Jarbas Jayme (1971), em sua obra *Esboço Histórico de Pirenópolis*, evidenciou que a cidade tem suas raízes culturais nascidas da notável Meia Ponte, berço da diversidade da Pirenópolis de Hoje: Canto do Cerrado. O autor conjecturou um futuro próspero para a cidade, profetizando-lhe *grandeza e prosperidade*.

Pirenópolis hoje é uma sombra da célebre Meiaponte de outrora. No entanto vaticino-lhe ainda em tempo não remoto um novo futuro de grandeza e de prosperidade. O seu clima benigno e as riquezas naturais que a rodeiam, são tantas que abertas mais fáceis vias de comunicação, hão de chamar no correr do tempo a atenção dos emigrantes e dos empreendedores. O tempo dirá (Jarbas Jayme, 1971, p. 111).

As palavras de Jarbas Jayme (1971) também podem ser empregadas como metáfora à nossa opção por intitular Pirenópolis de Canto do Cerrado, ao fazer um prognóstico de seu *clima benigno* e das *riquezas naturais* que a rodeiam. O autor ainda acrescenta que esse patrimônio favorecerá canais de comunicação que, no decorrer do tempo, transformar-se-iam em atrativos para *emigrantes e empreendedores*.

Podemos ratificar a *vaticinação* de Jarbas Jayme com algumas observações, muito ilustrativas dos sujeitos, sobre as razões pelas quais vivem em Pirenópolis:

- A natureza é que me chamou e é o que mais me chama a atenção (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- O que eu realmente mais gosto são os atrativos naturais, a questão da natureza realmente, essa coisa de muita água, altitude, cerrado, a questão da tranquilidade, de ter um pouco mais de qualidade de vida, uma coisa que realmente foi forte na hora de decidir vir para cá (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

- Tem hoje pessoas que vem do Brasil inteiro e até de outras nações, escolhendo Pirenópolis para morar, pela qualidade de vida que proporciona o meio ambiente... é importante isso para a cidade (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

É esse conjunto de elementos: história, arquitetura, paisagem, festas, que se caracteriza como sustentáculo, ou seja, como motivação para o desenvolvimento do turismo em Pirenópolis. Porém, os museus da cidade ainda não são bem utilizados para a atividade turística, pois quando não estão fechados, encontram-se em péssimas condições de serem visitados. Os depoimentos abaixo confirmam essa realidade:

- Pirenópolis não tem museus abertos, não tem horário fixo, é uma grande falha que a cidade não tenha museus abertos oficialmente (M19. Professora aposentada. Gestora de projetos sociais. 53 anos).

- A princípio existe hoje uma dificuldade muito grande da gente trabalhar a parte de história, o *city-tour* é de armário. A única igreja aberta para visitação é a Igreja do Bonfim. A Igreja do Carmo está fechada porque existe um conflito de interesses entre a igreja e a parte administrativa de Pirenópolis. A Igreja Matriz incendiou e está praticamente impossível visitá-la. Museus a gente não tem, os que têm aqui são museus particulares e existe uma dificuldade muito grande para poder visitar esses museus. O Museu da Família Pompeu, por exemplo, precisa fazer agendamento, tem todo um procedimento para visitar o museu e isso cria dificuldades para a gente. O Museu das Cavalhadas   particular também, administrado por uma senhora que está muito doente, ou ela não pode atender ou o museu está fechado (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

Os museus da cidade encontrarem-se fechados, ou não estarem em boas condi es para a visita, não tem impedido que Pirenópolis esteja inserida no cenário das cidades turísticas mais visitadas no estado de Goiás. Afinal, a cidade não se compõe apenas de museus, possui outras singularidades que se conformam em elementos essenciais para a existência da atividade turística, “uma vez que as pessoas se deslocam em busca do novo, do inusitado, da aventura, de um lugar - caracterizado pela sua força identitária” (Rodrigues, 1996, p. 58). Para um morador,

- O que importa na cidade não é apenas uma coisa que ela tenha como atrativo, mas é um conjunto de coisas que pesa na valoriza o da cidade (M2. Aposentado. 84 anos).

- Pirenópolis tem muita cultura, cachoeira, teatro, cinema, muita música boa, carnaval, pintura exclusiva da Igreja Matriz (M3. Artista plástico. 70 nos).

A principal motivação do turismo é a busca pelo dissemelhante, é a confluência com o desconhecido, com a finalidade de interligar o que é comum com o que é extraordinário, o que é real com o que é imaginário. Os atrativos elencados pelo morador: “muita cultura, cachoeira, teatro, cinema, música boa, carnaval”, por si só, não promoveriam eventos inéditos, mesmo porque essas possibilidades podem ser encontradas em várias localidades. É por estarem em Pirenópolis, e não em outro lugar, e outro tempo, ao lado da “pintura exclusiva da Igreja Matriz”, tornam-se desconhecidos, dissemelhantes e extraordinários. Confirmamos esse entendimento em Almeida (1998, p. 21) ao postular que,

O que nos faz deslocar, parece ser o desejo. Desejo de ir em qualquer parte, de fazer outra coisa ou coisa nova, de mudar o estilo de vida, hábitos, horários e o cotidiano... do não seria confrontar-se com outras culturas, a necessidade da alteridade.

Entretanto, se Pirenópolis é uma cidade histórica, possuidora de um diversificado patrimônio histórico-cultural, asseveramos que esse patrimônio é utilizado como produto turístico sem um planejamento adequado ou até mesmo sua ausência. De um modo geral, se o potencial turístico de uma cidade não for bem utilizado, acarreta degradação e destruição do patrimônio e, conseqüentemente, a perda do seu valor histórico-cultural, paisagístico e turístico. A ausência de planejamento, ou a sua má elaboração, é um problema que a grande parte dos pequenos municípios enfrenta.

Em Pirenópolis, de acordo com Lopes (2001), o turismo tem se desenvolvido de forma incipiente e espontânea. Com a gravação da novela Estrela Guia, da Rede Globo, em 2000, houve uma grande divulgação do local, em nível nacional, sem que a cidade estivesse preparada para receber grande fluxo de turistas. Daí se poder assinalar que a cidade ainda não está fazendo uso adequado de seus atrativos e vai se *ajeitando* de acordo com a demanda existente.

- O turista chega aqui muitas vezes e compara a cidade com outras cidades que têm outro tipo de organização, chegam aqui, por exemplo, querem mapinhas, folder, material de divulgação e a cidade, ela não produz isso... A gente está aprendendo a lidar com o turista e correndo atrás do turista, na verdade quem está nos ensinando a trabalhar é o turista

através das suas próprias exigências. Ele chega, ele sente falta, ele pede... O que aconteceu em Pirenópolis é que o turismo não foi organizado. A demanda veio primeiro e aí as pessoas foram se organizando. Não teve planejamento e não existe ainda planejamento... É preciso fazer um planejamento a longo, médio e curto prazos para que as metas sejam estabelecidas e cumpridas, principalmente, para que a gente tenha definido o perfil, o segmento do turismo, é tudo uma situação que precisa ser organizada (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

Um outro problema que a cidade enfrenta, além da falta de integração dos setores público e privado, é a carência de participação da população local em relação às tomadas de decisão, principalmente no que diz respeito à criação de eventos na cidade e às mudanças que acontecerão, por exemplo, em uma manifestação cultural considerada tradicional. Nesses casos, tanto o poder público quanto a comunidade são responsáveis: o primeiro, porque não incentiva a participação dos moradores e o segundo pela falta de interesse.

- A culpa em parte é do governo e também da sociedade que não se organiza muito bem, mas já existe hoje aqui... uma associação organizada de Pirenópolis que tem poder (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).
- A comunidade local tem recebido tudo impostamente (C18. Artesão. 61 anos).
- O que eu acho que a comunidade deveria fazer é participar mais (M28. Secretário do Meio Ambiente. 53 anos).

No que diz respeito aos eventos que acontecem na cidade, sem a consulta prévia à comunidade local, podemos citar os já referidos Canto da Primavera e o Festival Gastronômico – que anteriormente postos como exemplo de eventos que só beneficiam a poucos, são dispendiosos e até desconsideram a cultura local-, agora aparecem como festejos que, mesmo sendo de grande monta na cidade, ocorrem á revelia da anuência da comunidade, que não é consultada. Muitos entrevistados consideram que esses eventos, quando não se distanciam da realidade, trazem malefícios à cidade, como se pode notar nos depoimentos dos sujeitos:

- A maioria dos eventos vem para Pirenópolis sem consultar a comunidade... O Canto da Primavera é um exemplo de que eles vêm e formatam esses eventos... e chega aqui e impõem do jeito que eles querem. Quando eles chamam a comunidade para participar, chamam alguns grupos e fazem aquela coisa

fechada. Eles chegaram a trazer um problema muito grande de lixo, de barulho, de assalto, de segurança pública. E o retorno financeiro foi questionado. Agora a coisa vira polêmica porque você não tem uma análise feita com seriedade... para saber se realmente a sociedade foi beneficiada ou não, se a sociedade quer ou não... Só o fato de existir essa polêmica acho que existe o problema (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

- Todos os eventos de grande porte aqui a comunidade não é consultada, por exemplo, o Festival Gastronômico... o Canto da Primavera. Agora, a mesma coisa, a comunidade mesmo não opina: “eu quero o show disso, eu quero aquilo”, aqui não tem isso (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

- Tem vários eventos em Pirenópolis que não condizem com o que é daqui, não valorizam o que é regional (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do bairro do Carmo. 29 anos).

Os moradores, concomitantemente, aos questionamentos feitos à não participação da comunidade em decisões sobre eventos culturais, seja por negligência política ou dela própria, mostraram descontentamento em relação à maneira como é conduzido o carnaval em Pirenópolis, pois é um evento que, igualmente, atrai um grande fluxo de pessoa que está apenas querendo farrear. Acreditam que esse aspecto atrapalha a estadia dos turistas que procuram Pirenópolis para descansar, renovar as energias, ter um contato íntimo com a natureza. De outro ângulo, poderíamos conjecturar que esses moradores, sub-repticiamente, focalizam o turista que, por suas condições financeiras traz divisas para a cidade.

- Na época do carnaval, a cidade não comporta o número de pessoas que vêm, principalmente no Centro Histórico e falta infra-estrutura para receber essa grande quantidade de pessoas. Não têm banheiro. É muito grande o número de pessoas e aí não consegue conter os furtos e roubos. É muito difícil de controlar, é música alta. Isso perturba o turista de qualidade com o objetivo de descansar. O turista quer a cidade tranqüila (M14. Proprietária de pousada. 53 anos).

- Carnaval é o pior feriado que tem (M27. Secretário de Turismo. 51 anos).

O assunto em torno do carnaval tem desencadeado polêmicas, assim como as transformações em ocorrência com as Cavalhadas. Nesse ínterim, podemos citar a criação do Estádio de Múltiplo Uso, ou Cavalhódromo como preferem alguns, uma iniciativa do governo estadual que gerou controvérsias entre os moradores. Alguns acreditam que a festa será descaracterizada, outros entendem que vai ser melhor para o

turista, pois ele estará desfrutando de algo que pode estar mais próximo dele, exatamente porque sua essência foi diluída, contemplando qualquer um. Ainda outros evidenciam que será bom para quem não tem condições de construir seu camarote, demais outros manifestam que isso pode levar à diminuição do número de mascarados por falta de espaço, há também quem pense que pode ocorrer um distanciamento entre as pessoas da comunidade local.

- Eu não conheço, não fui lá ver, mas pelo que eles falam, todo mundo tem a oportunidade de sentar. E porque nem todas as pessoas... pode fazer um camarote. Eu mesmo não posso e gosto da festa, enquanto eu agüentar eu vou assistir (M1. Poetiza. Funcionária Pública. 69 anos).

- O Cavahódromo, para o turista, acho que é uma boa coisa, porque o turista, quando chega na cidade, ele não tem um camarote... o camarote é da população da cidade... mas a gente tem que aproveitar as Cavalhadas para incrementar o turismo (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

- A Cavalhada era uma manifestação que vinha da população e, desse modo, a coisa vai transfigurar uma vez que o Cavahódromo vai limitar a entrada e vai ter também... o retorno financeiro de quem está promovendo a Festa. Então, o que identifica uma festa popular está se perdendo, porque a festa popular vem da espontaneidade que já não vai acontecer em função do Cavahódromo (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos)

- Eu acho que esse Cavahódromo que eles estão construindo aí foi uma agressão (M18. Artesão. 61 anos).

- O Cavahódromo vai trazer mais conforto porque, hoje, por exemplo, a Festa começa uma hora da tarde, solão danado, as pessoas com mais poder aquisitivo e influência constroem seus camarotes, mas os outros ficam no sol. [Com o Cavahódromo] fica melhor para todo mundo (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

Podemos relacionar a construção do Cavahódromo como um lugar distante das *teias de significados* e dos *símbolos significantes* - com o que Auge (apud Barbosa, 2001, p. 64) denomina de *não-lugar*:

... o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo, o próprio espetáculo já apreendido nas palavras e nos estereótipos que comentam de antemão na linguagem convencional do folclore, do pitoresco ou da erudição.

A pesquisa constatou que o assunto em torno do Cavalhódromo tem desencadeado polêmicas como é inerente ao ser humano e como é comum também entre aqueles que vivenciam a dialética presente na realidade da vida de Pirenópolis, qual seja, todos os entrevistados elogiam o turismo e reconhecem nele a melhoria da vida da cidade. Porém, todos os sujeitos querem conviver somente com os benefícios advindos do turismo, sem arcar com seus impactos negativos, como se isso fosse possível. Assim, entendemos como válido retratarmos, ainda sobre o Cavalhódromo, como as pessoas manifestam dúvidas acerca dos benefícios, ou não, decorrentes de sua presença na cidade:

- Hoje, você tem os mascarados cada vez ficando menos justamente pela questão do campo. Porque antes era um campo de terra, eu já corri, já fui mascarado. Então tinha acesso a todo o campo... Hoje com a construção do Cavalhódromo nem sei onde vão ficar esses mascarados... tem menos quantidade de mascarados. Eles estão até fazendo prêmio para incentivar as pessoas a voltarem a ser mascarados, só que realmente eu não sei qual vai ser o impacto desse Cavalhódromo. Eu sei que precisava ter um conforto para o turista. Eu sei que vai ter impacto negativo (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do bairro do Carmo. 29 anos).

Condizemos com Peralta (2003, p. 86) ao postular que o patrimônio é

... sempre uma autodefinição cultural, materializada em estandartes públicos, que se fundamenta no passado e numa especificidade etnocultural, cujos elementos são articulados de forma arbitrária para servir o projeto coletivo, sendo que esse projeto é definido, as mais das vezes, por propostas de cunho ideológico emanadas das esferas políticas.

As Cavalhadas, como boa parte de manifestações culturais de Pirenópolis, podem ser contempladas pela assertiva da autora, passando por um processo de especulação política, desconsiderando e não reconhecendo que esses acontecimentos são formas representativas de uma cultura local, de uma coerência interna, abarrotada de valores e significados especiais e próprios.

- Isso tudo é sinal de que existem interesses externos dessa festa com o motivo de promoção e também de interesses financeiros. Porque, desde os primórdios, as Cavalhadas ocorriam em áreas públicas, onde todos tinham acesso e era

uma coisa livre, de iniciativa da população. Não existia nenhum poder executivo organizando (M4. Guia de turismo. 42 anos).

- Eu acho que houve uma coisa horrorosa e terrível com as Cavalhadas que foi a apropriação política das festas. Uma festa onde a comunidade dava conta de fazer essa festa, que tinha autonomia, liberdade e auto gestão, está sendo apropriada pelo poder público para ser manipulada (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Para alguns moradores, as mudanças que vêm ocorrendo nas Cavalhadas, como por exemplo, o incremento nos adornos e a influência dos políticos, é importante porque elas passaram por um processo de sofisticação que as valoriza, enquanto para outros essas transformações contribuiriam para que a Festa perdesse a essência.

- Porque antigamente... os mascarados saiam naquela tradição antiga, eles se enfeitavam com uma cabaça, aquela folha de bananeira. Agora hoje todos os mascarados, eles vestem muito bem, eles vestem no cetinho, aquele cavalo bonito. Então é aquela maravilha que a gente sente feliz (M1. Poetiza. Funcionária Pública. 69 anos).

- As Cavalhadas... no início era mais simples, as pessoas que compunham as Cavalhadas trajavam apenas uma farda como se fosse de um soldado. Hoje não tem uma roupa muito pomposa, toda enfeitada, de brilho... Então tornou-se uma Festa mais de ostentação financeira do que mesmo manifestação popular e histórica... ela também simboliza uma elitização (M2. Aposentado. 84 anos).

A cultura é algo que se constrói ininterruptamente, por meio dos *mecanismos simbólicos* que são responsáveis pela determinação dos padrões culturais do comportamento do homem: hábitos, usos e costumes. Por sua vez, os *símbolos significantes* amparam as manifestações culturais, as relações socioculturais e permeiam na comunidade, permanecendo em circulação “com alguns, acréscimos, subtrações e alterações parciais” (Geertz, 1989, p. 33). Então, como pensar em uma manifestação cultural cristalizada, que não sofra alterações?

Em meio a uma cultura que, por não ser cristalizada, é dinâmica, os moradores são levados a preservarem e enaltecerem suas tradições, evocarem sua memória, “motivada por uma situação do presente e projetando um futuro... em que a memória é pinçada em ritmos que alternam a latência e a plena atividade se modulando numa (des)ordem cultural” (Lima Filho, 2001, p. 19).

Com base na assertiva do autor, inferimos que esse processo re-alimenta a identidade, uma vez que os símbolos podem ser interpretados de diversas formas, pois

são instrumentos que nos propiciam tanto determinar significados quanto compreender o “processo de (re)produção cultural que um grupo social, regional constrói para manter perto de si referências englobantes e individuais que lhe conferem um lugar no e para o mundo... trata-se de um processo constitutivo da identidade” (Lima Filho, 2001, p. 19).

Entretanto, se o turismo pode certificar aspectos da memória e da identidade de um determinado grupo, muitas vezes imprime certa artificialidade às manifestações culturais que, em vista disso, deixam de lado a autenticidade e se preocupam com os *espetáculos de luz e som*: “a luz, por si só, pode dar aos edifícios uma opacidade insuspeita. O som tende a reduzi-los à pequenez do insignificante” (Choay, 2001, p. 216). Por isso, a cultura se arrisca a “perder seu caráter de realização pessoal; torna-se empresa e logo indústria (Choay, 2001, p. 211). Para uma moradora da cidade,

- O que está acontecendo em Pirenópolis não é transformação de Pirenópolis em uma cidade turística, valorizando o seu modo de viver. O que eu estou vendo é a inserção comercial da cidade na indústria do turismo, em um calendário oficial... (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

O que leva uma moradora a ter somente uma ótica comercial e industrial do turismo, pode radicar-se em aspectos de manifestações culturais que decrescem em importância, por se impregnarem de imagens, gestos, símbolos e sentidos irrealis para o morador. Tornam-se relevantes apenas porque promovem ganhos econômicos para uma minoria, evocando características de megaeventos, para atender as necessidades mercadológicas sobrepondo-se à cultura local. Os artistas ficam só esperando o diretor *autorizar* : luz, câmara, ação! Mais uma vez, essa também não deixa de ser uma forma de os gestores públicos entrarem em cena. Segundo Maia (1999, p. 207-210),

Os governos também divulgam e subvencionam determinadas festas ou alguns de seus eventos, utilizando-se para isso das secretarias de turismo... algumas decisões da mídia, que procuram fazer da Festa um espetáculo atraente ao público, descaracteriza o próprio evento.

A apropriação da Festa do Divino e, especialmente das Cavalhadas, por parte dos empresários e do poder público, se mostra latente no que tange aos interesses econômicos e políticos para a divulgação da cidade. A Festa está se espetacularizando, se mercantilizando. Em meados de 1970, Curado (1980, p. 92) já exprimia como uma preocupação da seguinte forma:

Se antes eram as festas realizadas como fruto da devoção popular e também para o seu divertimento, outrora quase que únicos, hoje, já com a devoção enfraquecida e com a presença de novas formas de diversão, partem a realizá-las mais para atrair turistas e/ou para fins políticos. Se antes eram realizadas pela iniciativa popular, hoje, vêm sendo, em parte, transferidas indevidamente à Administração Municipal e ao Estado, quando não embargadas por ele.

Concordamos com a inquietação da autora a fortalecemos com alguns depoimentos dos moradores da cidade.

- O que estragou um pouco as Cavalhadas foi a interferência do poder público na questão do financiamento da Festa. Porque era uma festa para a comunidade... você via a comunidade se empenhando para que ela acontecesse independente do poder público... ela acontecia de qualquer forma. O pessoal se doava, doava tempo, dinheiro para que isso acontecesse... com a influência do poder público começou a vir dinheiro e aí começou a briga para ser imperador, cavaleiro... começa a ter um *status* (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).
- As festas são a ocasião de eliminação de conflitos entre grupos sociais diferentes, de convivência... Se começa a elitizar demais e aproveitá-las por causa de um interesse turístico e econômico, aí vão acabar com Pirenópolis (M15. Economista. 67 anos).

O patrimônio, ao mesmo tempo em que detém aspectos identitários de um grupo, contribui com os propósitos do poder público de impulsionar sua diversidade, pois “recorrem à memória coletiva para emanar visões monolíticas do passado que visam a adesão popular aos seus programas políticos e a legitimação simbólica de ideologias identitárias por si veiculadas” (Peralta, 2003, p. 86). O poder público considera que essa ativação do patrimônio corrobora para a identificação coletiva, visto que as pessoas para se sentirem seguras têm uma necessidade de pertença a grupos.

Além da influência do poder público ter corroborado para a descaracterização da Festa, a sua ocorrência ainda confronta com um dado de realidade: a motivação do morador frente ao acontecimento cultural se difere da motivação de grande parte dos turistas. Enquanto o morador assume o papel de um personagem de uma manifestação cultural repleta de signos e significados próprios, identificados por ele (seria ele protagonista?) o turista, muitas vezes, torna-se um espectador fugaz que “não faz a

leitura da realidade, não se sente pertencente e, a tudo, olha como assistindo um museu vivo, exótico e engraçado” (Batista, 2002, p. 46).

Esse cenário tem sido o da Festa do Divino e Cavalhadas em Pirenópolis que se firmam como ocasiões de celebração, devoção e diversão plenas de simbologia para o morador. E aqui vale ressaltar que o patrimônio cultural - a pomba branca, a mandala de fogo, as pastorinhas, o toque dos sinos, o levantamento do mastro, o campo da batalha, a catira, congada, alvorada com banda de couro e banda de música, queima de fogos, as folias, novenas, missas, procissões, máscaras, os reinados, juizados, cavaleiros, mascarados - está impregnado de significados que asseguram a memória e constroem as referências identitárias dos pirenopolinos. Esses elementos são divertidos e diferentes ao olhar do turista por não conseguir muitas vezes, captar a essência desses signos e significados e, por isso, envolve apenas com um espetáculo exótico. Ele se emociona, aprecia, fotografa, filma, aplaude, olha e via de regra não poderia ser outro o seu comportamento.

Nesse contexto, concordamos com Choay (2001, p. 111) ao alegar a dupla função dos monumentos e patrimônios históricos: “obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos”.

Segundo alguns moradores, as Cavalhadas não se constituem em um momento de alegria para os turistas. Acreditam ser uma festa que chama muito mais a atenção do povo local do que do turista.

- As Cavalhadas não é uma festa turística, é uma festa regional, eu levei uns turistas lá e eles não gostaram. Os mascarados não paravam de nos pedir dinheiro, como tinha poucos turistas, eles acharam a gente e não paravam de pedir dinheiro (M5. Geógrafo, Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

No depoimento acima, nos chama a atenção a assertiva que o morador fez sobre o descontentamento do turista diante das Cavalhadas. Nesse aspecto, entendemos que o turista se identifica com o evento da festa, mas essa identificação não pode ser análoga à do morador, uma vez que a produção e re-produção das condições histórico-sociais da cultura são acentuadamente diversificadas, e também porque impossibilitaria a dinâmica e a mutação cultural.

Todavia, é fato que essas manifestações culturais: a Festa do Divino e as Cavalhadas, fazem parte da vida do morador, e não da vida do turista. Para o morador é mais do que um evento, é o reencontro com os amigos, é a renovação do sentimento de pertença, é a familiaridade, a reciprocidade, é uma motivação espontânea, íntima, intrínseca a ele. Já para o turista, a motivação está no diferente, naquilo que foge da rotina, sendo um encontro com o pitoresco.

- Quando uma pessoa de fora chega, ela olha uma encenação. Mas para a gente é mais que uma encenação. Faz parte da vida da gente (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

- Essas tradições têm a participação da grande parte da população, tanto é que o carnaval daqui não é o carnaval de fevereiro, o carnaval daqui é a Festa do Divino (M5. Geógrafo. Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

Também em Pirenópolis, as festas, ao ritualizarem as ações dos sujeitos sociais, retroalimentam um sentimento que revigora e revela a identidade coletiva, caracterizada pelas construções e desconstruções do grupo, que guarda na memória diversas significações de épocas vividas. Para Lima Filho (2001, p. 60), “a festa e suas múltiplas significações se constroem sobre fatos acontecidos, pontos comuns de onde se desenrolam os fios das lembranças que tecem um mundo pleno de sentidos e vivido pelos indivíduos”.

Um outro aspecto a ser pontuado sobre o turismo em Pirenópolis reside no fato de que sua presença desencadeou inflação de preços, especulação imobiliária e comercial de um modo geral, poluição visual e no meio ambiente natural, aumento da violência e do barulho na cidade, o que nos modos atuais, não se configura de modo diferente.

- Uma pessoa que está começando a vida e quiser comprar um terreno aqui e construir, ela não da conta... Um terreno de 400 metros quadrados aqui é 40 mil reais (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

- O pessoal reclama muito da questão da poluição visual, existe muita placa, muito banner... as pessoas querem tirar foto de uma rua do século XVIII e está cheio de placa da coca-cola... Isso descaracteriza bastante a questão do patrimônio histórico (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).

- Quando eu subia no morro eu não via a cidade, via apenas os casarões mais altos, o resto era coberto de árvores e com o crescimento do turismo, as pessoas passaram a criar pousadas, estão acabando com os quintais... isso afeta tudo, não só a parte ambiental, as vezes tem um quintal grande dois, três mil metros todo arborizado e destrói tudo para construir apartamentos, piscina, calçada, tira a vegetação local (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

Com o turismo aumentou o lixo, a poluição, o vandalismo, o barulho, o trânsito no centro histórico ficou péssimo (C20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

- Com o turismo aumentou o índice de criminalidade e a marginalidade dos jovens (M5. Geógrafo, Proprietário de pousada. Consultor em ecoturismo e desenvolvimento sustentável. 41 anos).

- O que piorou em Pirenópolis é os roubos que vem de fora, tira o sossego da gente. Hoje você não pode deixar a porta aberta (M3. Artista plástico. 70 anos).

A princípio, em meados de 1995, segundo os sujeitos, Pirenópolis era visitada mais por um turista, por eles denominado de farofeiro, que era também bardeneiro, barulhento, e que *não deixava dinheiro* na cidade, não respeitava os moradores, a cultura local, a natureza, e concorria para os contratempos no cotidiano da comunidade local. Hoje em dia, é interessante observar que os moradores manifestam até um sentimento de afeto pelo turista, por eles classificado como sendo *turista de qualidade*, aquele que é educado, se hospeda em pousadas, utiliza os restaurantes, faz compras nas lojinhas, na feirinha, *deixa dinheiro na cidade*, valoriza a população local, sua cultura, o patrimônio.

- O turista inteligente vem, admira e respeita... Já o badeneiro vem para fazer bagunça, quebrar, depredar as coisas, fazer anarquia com o carro (M2. Aposentado. 84 anos).

- O turista farofeiro é negativo. Só traz bagunça, farra, depeza para a cidade, quebra os bancos da praça... suja, sai na rua... debochando, não tem respeito nenhum (M2. Aposentado. 84 anos).

- A beira do Rio era lotada de barracas mais ou menos há 12 anos atrás. Era aquele turismo farofeiro de ônibus e descarregava aquele tento de gente (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo 29 anos).

- Nós precisamos do turista de classe e não do pé-rapado que vem e traz tudo, toda a sua farofa, toda a sua bagagem e vai para a beira do Rio. Porque o turista bom, o de qualidade, ele aluga as casas boas, eles vão para os hotéis bons, para bons restaurantes, eles investem aqui, eles vão para os bons

supermercados, eles gastam (M11. Gerente de restaurante. 40 anos).

- Antes, aqui vinha aqueles ônibus despejava gente por aí, aqueles turistas farofeiros, aqueles jovens que só vinham fazer vandalismo, fazer baderna, sujar a cidade. Mas hoje, já está bem mais civilizado, não está vindo aqueles turistas farofeiros, agora está bem selecionado, vem um turista de qualidade (M17. Quitandeira. 71 anos).

- Uma das coisas que a gente tenta fazer, eu acho que é uma das metas do prefeito, é trazer uma melhor segurança para atrair mais turistas de qualidade para o nosso município. Quando falo em turista de qualidade é aquele que vem trazer divisas, não é aquele que vem só para usar o município... O perfil desse turista de qualidade é a preservação, é olhar as nossas cachoeiras, nossos museus, nossas calçadas. Então, esse turista vem e quer preservar. E o turista que não traz divisas a gente não quer isso não (M28. Secretário do Meio Ambiente. 53 anos).

Chamamos a atenção para o entendimento dos moradores que põem em um mesmo patamar o uso do dinheiro, pelo turista, com sua capacidade de valorizar a cultura e o patrimônio. Desse modo, é evidente que, nessa compreensão, não há interesse pelo intercâmbio cultural e sim pelo poder econômico do turista.

Segundo os depoimentos acima, constata-se que a diferença entre os turistas, *farofeiros* e os de *qualidade*, para os entrevistados, se vincula essencialmente ao poder econômico-financeiro do turista. Esse impasse nos leva a discutir sobre dois aspectos:

- o primeiro se insere no âmbito da discriminação social, tão presente em nossa sociedade à mesma proporção que é tema de tantos debates. Os sujeitos da pesquisa não percebem que seus depoimentos trazem um conteúdo eivado de exclusão, mesmo que os impactos negativos do turismo, por eles apontados, como a baderna, o vandalismo, o barulho, sejam verdadeiros. Entretanto, não é correto afirmar que esses impactos negativos advêm apenas do movimento de pessoas de baixo poder aquisitivo;
- o segundo aspecto reforça o que mencionamos anteriormente sobre as adversidades inerentes ao turismo, ou seja, não há como controlar o tipo de turista que frequenta uma localidade. Como é possível assegurar que somente o *turista de qualidade* esteja em Pirenópolis?

Dessa feita, podemos inferir que os moradores gostariam que Pirenópolis recebesse apenas o turista com poder aquisitivo alto. Para isso, optaram por utilizar determinadas estratégias, como por exemplo: cobram preços elevados em todos os serviços e produtos ligados direta e indiretamente à atividade turística, sem diagnosticar

a situação atual do local e sem dados relevantes sobre o perfil do turista. “Conhecer a demanda significa, além de informar-se sobre o público que circunstancialmente já frequenta o lugar turístico, também definir qual é o público que mais interessa receber” (Simão, 2001, p. 71).

Mais uma vez retomamos a importância da elaboração de um planejamento turístico que contemple as necessidades da população local, respeite e valorize as singularidades dos aspectos culturais, patrimoniais, paisagísticos e turísticos do destino para que os objetivos sejam alcançados com mais eficiência. É preciso, sim, atender as necessidades da população local, mas é necessário também pensar, de forma integrada, os aspectos sociocultural, ecológico e econômico que circundam o turismo. Daí ser imprescindível que a comunidade valorize o patrimônio como uma forma de tornar próprio seus valores culturais.

- Pirenópolis tem vários atrativos, mas aqui é muito pequeno não cabe aquela muntueira de gente. Não adianta querer vir um monte de empreendedores... gente querendo divulgar Pirenópolis para tudo o que é canto se a cidade é desse tamanho e o que interessa é justamente o tamanho pequeno. Nós temos vários atrativos naturais que estão abandonados e que fazem parte do produto Pirenópolis. Então para... o turismo local é importante a Cachoeira da Fumaça, a Bonsucesso, todas funcionando... mas do jeito que está não dá para dizer que é sustentável, porque a gente não sabe, fica com medo de amanhã isso aqui virar um Arraial d'Ajuda. Estamos sustentando o quê? O patrimônio cultural, o patrimônio ambiental, o patrimônio local? Então parece que chega um determinado momento que o dinheiro e o argumento econômico são problema (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

Sendo assim, cidades históricas tombadas carecem de empreendimentos turísticos e tomadas de decisões que envolvam os interesses da população local, porque o turismo, se planejado e gerenciado de forma participativa, promove a valorização e preservação da cultura e do patrimônio, assim como a qualidade de vida, favorecendo a re-apropriação da cidade.

Portanto, o turismo é uma atividade paradoxal, ao mesmo tempo em que gera benefícios, gera malefícios para o destino turístico e também para os moradores desse local. Todavia, reiteramos que todos os entrevistados foram incisivos ao argumentarem que o turismo, em Pirenópolis, no lugar de atrapalhar, colaborou muito mais para o

desenvolvimento da cidade, desencadeando: serviços e qualidade de vida; progresso e mais renda; distribuição de rendas; atualização.

- Foi muito bom depois que o turista começou a freqüentar a cidade porque aqui era uma cidade muito parada... não tinha movimento. Então, com o turista surgiu... muitos hotéis, pousada, restaurante... aqui só tinha duas pensão que nunca tinha hóspedes... então o movimento aumentou e eles respeita a gente (M1. Poetiza. Funcionária pública. 69 anos).

- O turismo traz progresso... o dinheiro fica na pousada, o turismo traz muito emprego, aqui tem bons hotéis... acho que todo mundo é beneficiado, porque eu mexo com pintura, outro mexe com placa, outro com quadro, outro com música, outro tem padaria... vem gente de fora para ganhar dinheiro aqui (M3. Artista plástico. 70 anos).

- A vantagem do turismo em relação as outras atividades econômicas é no meu ponto de vista a distribuição de renda e também a transposição social... uma pessoa pode começar como garçom e daqui alguns anos ele pode ter seu restaurante, já um cara que começa como servente lá da pedreira nunca vai ser dono de uma ou como um pião de fazenda depois ser dono de uma fazenda (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

- Afastou-se a solidão. O vazio foi preenchido pelo turismo. A cidade tornou-se mais alegre. A gastronomia ficou mais apurada (M14. Proprietária de pousada. 53 anos).

- O turismo dá serviço para a fachineira, biscoiteira, docera, passadeira e vai subindo, todo mundo acha serviço e ali achando serviço corre dinheiro (M16. Contador de causo. 80 anos).

- O turismo me ajudou a criar dez filhos (M17. Quitandeira. 71 anos).

- Pirenópolis ficou uma cidade mais inteligente, quer dizer com possibilidade de acesso à informação. Acho isso fundamental... o turismo trouxe uma coisa legal que é o início da consciência de Pirenópolis não ser uma ilha (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Alguns entrevistados, reconhecem que, ao mesmo tempo em que o turismo gerou impactos positivos, em outros aspectos não têm colaborado para o desenvolvimento do município, como pudemos constatar no Inventário e Diagnóstico Turístico do Município de Pirenópolis-GO, de 2001, acerca dos aspectos negativos envolvendo o abandono no âmbito da saúde:

- O turismo não faz com que as autoridades locais se preocupem com o hospital público (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

A diversidade e o imediatismo foram questões abordadas pelos sujeitos, no sentido de que, o mesmo turismo que poderia contemplar a riqueza da diversidade cultural, ocorre de forma tão imediata e sem planejamento, que desconsidera a diversidade dos elementos culturais inscritos nessa cidade.

- O turismo poderia trabalhar todas as coisas maravilhosas sobre a diversidade, sobre o respeito ao diverso, sobre a ampliação espiritual das criaturas, movimentando grana, inclusive desde que os locais fossem reais...Eu acho que tem que nortear as comunidades, nortear o poder público, nortear a opção turística e ter muito claro essa coisa de custo-benefício. Coisa que ninguém faz, justamente porque o turismo é imediatista. Ele é muito imediato, as suas transformações são sentidas muito imediatamente. Ele tem aquela dormência quando as pessoas estão começando a conhecê-lo, mas quando ele se estabelece ele é imediato. Todo mundo fica sorrindo, alegre e contente (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Pelos dados coletados, também foi possível entrever que os sujeitos comparam a Pirenópolis de antigamente com a dos dias de hoje, com vantagem para a atual. Em outros termos, entendemos que os aspectos positivos elencados para a Pirenópolis de hoje, denominada por esse estudo de Canto do Cerrado, decorrem da presença marcante do turismo. No poema abaixo, redigido por Dona Benta, considerada uma moradora tradicional da cidade, ilustramos essa comparação.

- Pirenópolis, 60 anos atrás era uma tristeza.
A rua escura, cheia de buraco causava até impressão de Pobreza. Hoje, Pirenópolis está com muito luxo e beleza.
Quem veio aqui anos atrás, vindo agora não reconhece mais.
Todos, prefeito e vereador com sua equipe de
Trabalhadores, essas belezas nos traz.
Passa pra lá, pra cá, a ponte tava muito ruim, teve que
Arrumar.
Se os motoristas tivessem medo,
Tava até perigoso cair no poção.
Mas com a reconstrução da ponte, fizeram a separação.
Agora só passa carro pequeno, lá agora não passa caminhão.
(Dona Benta – Poetisa e Contadora de Causo – Falecida no ano de 2005)

A pirenopolina entrevistada, a qual nos apresentou o poema, acredita que o seu conteúdo mostra o quanto Dona Benta obteve:

- Uma visão... do passado, que ela viu como é que era e agora como está bonito... Então é muito bom (M1. Poetiza. Funcionária pública. 69 anos).

Conforme alguns moradores, a Pirenópolis de antigamente, era uma cidade típica do interior, pacata, tranqüila, sossegada, em que os costumes e tradições se afluoravam, era uma cidade cheia de histórias construídas pelas famílias tradicionais. Já a Pirenópolis Canto do Cerrado se transformou, com a chegada do turismo, em um lugar freqüentado por inúmeras e diferenciadas pessoas na cidade que, na ótica do morador, modificam a sua rotina. O lugar deixa de ser puramente de quem reside no local e passa a ser do turismo. E essa é uma realidade posta ao mundo do turismo, no cotidiano engendrado diuturnamente por moradores e turistas. Porém, em relação a isso, Almeida (1998, p. 24) reconhece que “pensar o turismo é inseri-lo num processo global”, isso porque em detrimento de o lugar turístico alterar o seu valor, o local conserva toda a sua importância”.

- Eu adoro Pirenópolis... é um grande privilégio poder viver aqui... as vezes eu sinto saudades daquela Pirenópolis que não tinha nada para fazer, que a gente parava ali na frente da Igreja e falava “vamos subir o morro”. Eu sinto saudades dessa época, não tinha movimento, andava de chinelos... Mas, por outro lado, hoje tenho satisfação porque naquela época eu sofria privações, hoje não. Eu consigo me sustentar, manter minha família. Eu tenho o meu trabalho, a minha auto-estima está maior (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

- O que eu mais sinto saudade é de poder sentar naquelas pedras, na beira do rio, naquela areia branquinha e poder tomar banho (M13. Proprietário de Reserva Ecológica. 35 anos).

- Quando eu comparo Pirenópolis de 1995 até hoje o sentimento que vem a minha mente é que cada vez é menos sossego, menos tem aquela coisa de cidade do interior porque o turismo traz mais gente, cada vez mais movimento, mais eventos. E para o pirenopolino, o turismo lucra, mas tem que ter consciência que é uma faca de dois gumes (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).

A Rua do Lazer, antiga Rua do Rosário, com várias opções de restaurantes, bares, lojinhas ilustra bem esse fato, nos finais de semana fica tomada de mesas e cadeiras nas calçadas, recebe um grande fluxo de pessoas, mas é freqüentada apenas pelos turistas, tudo é muito mais caro nessa Rua do que em outros lugares da cidade.

Os turistas não se aproximam do morador, não criam laços de amizade e muito menos se conhecem. Isso acontece porque o turismo se caracteriza por ser uma

atividade efêmera, transitória, passageira. “Como criar um espaço vivido em um lugar que é efêmero, sazonal e que desaparece com os últimos turistas?” (Almeida, 1998, p. 23). Pirenópolis, ora é a cidade do turista, ora é a cidade do morador, “seu lar, seu chão, seu espaço vivido” (Almeida, 1998, p. 23).

- O turista não deixa nada de cultura para nós. Porque ele vem aqui poucas horas e não tem tempo. A cultura leva tempo para adquiri-la (M2. Aposentado. 84 anos).
- É comum o turista não compreender ou fazer alguma exigências ou reclamações em relação à natureza ou comportamento do pirenopolino... porque existem padrões que uma comunidade local como Pirenópolis tem. Padrões sociais que, muitas vezes, quem vem de uma cidade grande ou quem vem de outro lugar qualquer, não identifica, não consegue valorizar... [Isso ocorre com] boa parte. Não vou falar todos porque nós temos um turista bastante diversificado aqui em Pirenópolis... que busca essa aproximação com a sociedade local, uma sociedade pequena, do interior, aproximação com o meio ambiente, com o patrimônio histórico (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).

Reafirmamos que, atualmente, além do comércio da Rua do Lazer, em Pirenópolis existem muitas pousadas, restaurantes, lojinhas, em que a qualidade dos serviços prestados ao turista ainda é insatisfatória, principalmente quando se analisa os preços cobrados pelos prestadores de serviços. É certo que, com a implementação de empreendimentos ligados direta e indiretamente ao turismo na cidade, a comunidade local tem mais oportunidade para conseguir uma colocação, porque o turismo diversifica a economia, oferecendo um leque maior de opções de emprego e a geração de renda aos moradores, mas ao mesmo tempo pode beneficiar apenas uma minoria.

- Às vezes, aqui quer banir o turista farofeiro com preço. Tem que ter preço, mas também tem que ter qualidade... A pousada é cara, a alimentação é cara, cachoeira tem que pagar... é muito caro e fora da realidade. Eu vejo o seguinte: muitos restaurantes daqui comparam os preços com os de Brasília... aqui não oferecem uma qualidade que os restaurantes de Brasília oferece... Aqui você chega estaciona o carro na rua, vai para a Rua do Lazer, senta em mesa de ferro, demora para ser atendido (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).
- Eu acho que o turismo é importante para Pirenópolis pela geração de trabalho e renda. Eu acho que o turismo é vantajoso porque ele exige que o poder público se organize, se normatize. Acho que o turismo tem um papel muito qualitativo para a cidade. Posso dizer que todos são beneficiados, mas vejo grande diferença nos benefícios... o benefício é muito mais

concentrado do que deveria ser... Ele beneficia inclusive as pessoas que são de fora, empreendedores de fora, a elite local, o poder local, os proprietários de imóvel (M20. Designer de jóias. Jornalista. Professora. 53 anos).

Entretanto, é fato os entrevistados acreditarem que a atividade turística contribuiu com a percepção do pirenopolino sobre a necessidade de valorizar e preservar o patrimônio da cidade. O turismo mesmo sendo dirigido, incisivamente, quase só para seu aspecto socioeconômico, compatibiliza-se com a presença do patrimônio cultural. Um morador entende que, decorrente do ônus financeiro, está a valorização do patrimônio.

- Eu acredito que o turismo faz com que as pessoas passem a valorizar mais o patrimônio... A gente vê que as pessoas investiram na preservação da sua casa histórica (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).
- O turismo traz uma nova visão das coisas, parece que é mais gente para nos ajudar na questão da preservação... o turismo ajudou a preservar o patrimônio, rolou mais grana (M18. Artesão. 61 anos).

Enfatizamos que, em Pirenópolis, mesmo antes da década de 1990, o desenvolvimento do turismo impulsionou um movimento para a valorização e preservação do patrimônio arquitetônico, uma vez que foram restaurados: a Igreja do Carmo, o Teatro, a Ponte sobre o Rio das Almas, o Cinema e a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário que se encontra em fase de restauração.

Um outro exemplo que ilustra esse movimento *conservacionista* é a substituição da fiação aérea pela subterrânea, de postes convencionais por lampiões, a criação do Parque dos Pirineus, o fechamento do Centro Histórico, proibindo o acesso de caminhões ou ônibus que causam danos às construções; também foi proibido acampar às margens do Rio das Almas. Essas decisões colaboraram para que a paisagem da cidade não fosse poluída visualmente, mas promovesse a contemplação do belo.

- Os Pirineus é o ponto mais alto de Goiás e depois que criaram o parque, uma grande área ao redor desse Morro está sendo protegida, que antes estava sendo devastada por grileiros, invasores (M2. Aposentado. 84 anos).
- Conseguimos agora criar um sistema de barreira física para impedir o tráfego de caminhão dentro do centro histórico de Pirenópolis... O tráfego de caminhão penaliza, arruína esse tipo

de edificação, porque essas ruas, essas construções não são preparadas para dar passagem a caminhões carregados de pedras. [Conseguimos] para o Centro Histórico a iluminação com fiação subterrânea que também pode ser danificada com o tráfego de caminhões ou ônibus (M25. Funcionário do IPHAN. 55 anos).

Se o turismo pode alterar os valores culturais de uma comunidade, simultaneamente pode ser útil para trazer à tona manifestações culturais: música, gastronomia, folclore, antes adormecidos. “O patrimônio tem assim um significado de valor. E é essa noção valorativa que conduz o homem ao passado, selecionando memórias que buscam ser um ‘contradiscurso’, uma reação à situação de destruição desse patrimônio” (Lima Filho, 2001, p. 91).

Conforme Martins (1995, p. 37), a prática turística “ao mesmo tempo em que desestabiliza os processos de sociabilização do lugar... implementa algumas situações coletivas que permitem aos nativos assegurarem alguns elementos identitários de sua cultura”.

- Hoje foi criada a Casa do Doce de Pirenópolis, muita gente que já tinha esquecido essa atividade, está retomando porque o turismo está aí (M12. Guia de turismo. Proprietário de agência de ecoturismo. 42 anos).
- Se não tivesse o turista, hoje o teatro e o cinema não estariam aberto (M21. Membro da Associação dos Moradores do Bonfim. 46 anos).

O empreendimento do turismo em uma destinação também tem como impacto o contato de um sistema cultural com outro, que pode ser benéfico ou não à comunidade local. A cidade de Pirenópolis também vivencia essa realidade, por meio de impactos, que ora são positivos, ora são negativos:

- [positivo] a introdução de elementos culturais externos, porque muitos desses elementos são bons em termos de músicas, arte, discussão das posturas políticas... toda essa interação é legal, todo intercâmbio cultural é benéfico. Do mesmo modo que essa troca de informação valoriza, ela também desvaloriza certos aspectos, justamente porque entra em um confronto de valores culturais... tem muitos valores culturais que se perdem em função disso, é o desenraizamento cultural (M4. Guia de turismo. Publicitário. 42 anos).
- [negativo] aumenta dia a dia, o número de pessoas que compram casa aqui para viver... quer dizer chega os estrangeiros atraídos pela beleza, pelo encanto de Pirenópolis e começam a comprar casa e, conseqüentemente, há um

deslocamento. Eu suponho que a parte histórica de Pirenópolis, dentro de uns cinco anos vai estar toda na mão de gente de fora. O que significa, evidentemente, um impacto na questão tradicional e isso daí é um risco muito grande aos pirenopolinos, os estrangeiros podem matar a galinha dos ovos de ouro (M15. Economista. 67 anos).

Ora, o contato entre culturas, valores, hábitos e costumes diferentes propiciado às pessoas pelo turismo, pode significar uma magnificência cultural para todos, comunidade local e turista. Uma vez que, “o valor cultural não está nas coisas, mas é produzido no jogo concreto das relações sociais, e se o turismo respeitar essa dimensão plural da cultura, poderá ser fonte fecunda de renovação” (Menezes, 1996, p. 92). Almeida (1998, p. 19) complementa essa abordagem ao reconhecer que os “bens culturais não têm em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhes impõem”. E os grupos sociais impõem identidades na esteira da dinamicidade da cultura. O depoimento do morador é ilustrativo dessa assertiva:

- O costume de cada povo evolui de acordo com sua evolução cultural... A tendência da espécie humana é se desenvolver cada vez mais. Eu quando era menino não tinha telefone, luz elétrica, televisão, carro, não tinha nada disso que existe hoje. Então eu poderia viver hoje, levando a vida que eu levava há setenta e tantos anos atrás? Impossível. Então, tudo mudou e evoluiu. Não tem nada estacionado no tempo (M2. Aposentado. 84 anos).

Segundo Sauer (2000, p. 60), “a paisagem inclui as características da área natural e as formas sobrepostas na paisagem física pelas atividades do homem, a paisagem cultural”. Por isso, a paisagem da histórica cidade de Pirenópolis tem como peculiaridade os casarões e as igrejas coloniais; o teatro em estilo neo-clássico; o cinema em estilo art-decô; as ruas calçadas de pedras; a histórica ponte sobre o Rio das Almas; a autenticidade, a hospitalidade e a alegria do pirenopolino; a tradição das manifestações culturais; o clima salubre da Serra dos Pirineus; a transparência das águas das cachoeiras; a biodiversidade do cerrado.

É justamente a união desses fatores que tornam Pirenópolis uma cidade atrativa tanto aos olhos do turista como aos de quem a escolhe para nela viver. Segundo Lowenthal (apud Batista, 2002, p. 58), “as paisagens são formadas pelas preferências paisagísticas. As pessoas vêem seu entorno através das lentes da preferência e do costume e tendem a moldar o mundo a partir do que vêem”.

Alguns moradores compreendem muito bem isso, como podemos ver no depoimento a seguir:

- O patrimônio histórico da cidade é realmente um dos elementos que motivam a visita, motivam a passar o fim de semana, motivam a morar. Agora, isso aí não seria importante se não fosse complementada por outros aspectos naturais e humanos. Aspecto natural: você vem pra Pirenópolis e não se dá conta de que está rodeada de montanhas... relativamente próximas, tem cachoeiras muito próximas, tem o rio muito simpático que passa pela cidade, o clima é relativamente bom. A parte humana, o povo pirenopolino é um povo muito cordial e gosta de festa... as coisas são harmoniosas, então isso dá a Pirenópolis uma atração especial, essa harmonia: natureza, patrimônio, arquitetura (M15. Economista. 67 anos).

As paisagens de um local são utilizadas pelo morador ao longo de sua história e vão sendo transformadas para atender às necessidades daquele local. Em Pirenópolis, por exemplo, com o desenvolvimento do turismo:

- muitos casarões deixaram de ser usados exclusivamente como residência e tornaram se pontos turísticos ou são adaptados a restaurantes, pousadas, bares, ou lojinhas;
- casas residenciais e comerciais com características da arquitetura moderna foram surgindo, contrastando com a paisagem natural;
 - espaços públicos de outrora se transformaram em praças agradáveis;
- ruas residenciais se converteram em ruas para o divertimento, o encontro com amigos, o lazer;
 - pessoas de famílias tradicionais passaram a ser consideradas como ícones da cidade;
- patrimônios arquitetônicos, que eram comuns aos olhos dos moradores, hoje são vistos como algo valioso;
- as cachoeiras, que eram usufruídas pela comunidade local, passaram a ser usufruto apenas do turista;
- pessoas que sobreviviam da extração de pedras, da agropecuária, atualmente, sobrevivem do turismo.

- Hoje você tem o casarão que o cara destrói, a pessoa pega um casarão e transforma em cinco lojas. As cores estão sendo pintadas, está parecendo lá na Bahia, o Olodum. Essa cidade não era colorida (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

Pirenopolinos que moravam no centro-histórico venderam suas casas e migraram para os bairros periféricos, uns porque foram tentadores os preços oferecidos para a compra de sua casa, outros porque tudo ficou mais caro, e outros porque perderam o sossego e a tranqüilidade, características que eram marcas fortes da cidade. Isso colabora para corromper “seus vínculos de vizinhança e proximidade... também vários elos afetivos que ligam o ser humano ao seu lugar mais íntimo - a casa - o lar” (Batista, 2002, p. 111).

- A população local está sendo praticamente expulsa da cidade... A maioria vendeu suas casas, hoje você tem um centro desabitado... Eles tiveram que vender os casarões para comprar uma casa mais afastada (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

- O turismo contribuiu para que as pessoas vendessem suas casas e fossem para a periferia (M19. Professora aposentada. Gestora de projetos sociais).

Concordamos com Luchiari (2000, p. 107), ao argumentar que, no turismo, a urbanização acarreta o surgimento de

... novas paisagens consome outras, traz à cena novos sujeitos sociais, elimina ou marginaliza outros e redesenha as formas de apropriação do espaço urbano, substituindo antigos usos e elegendo novas paisagens a serem valorizadas para o lazer.

Paisagem e natureza, se confundem para muitos moradores, que acreditam tratar-se meramente de uma imagem bonita e, por isso, atribuem-lhe apenas um valor estético. Já para outros moradores, “a paisagem de Pirenópolis é impregnada de símbolos e valores” (Batista, 2002, p. 59), percebem-na como um conjunto de elementos que tornam a cidade atraente. Parafraseando Lima Filho e Silveira (2005, p. 47), esse elementos “trazem uma circularidade cultural que está diretamente relacionada ao processo de pertencimento cultural e, portanto, de identidade” (Lima Filho e Silveira, 2005, p. 47). Para eles, a Serra dos Pirineus, a Igreja Matriz, o Morro do Frota, a Fazenda Babilônia, a Cachoeira do Abade, o Cinema, O Teatro, o Rio das Almas estão intimamente vinculados à memória e à identidade individual e coletiva, pois “têm... um simbolismo próprio e estão ligados à história de vida de cada um. Eles têm nome, vida e história” (Batista, 2002, p. 103).

- Quando cheguei aqui vi a arquitetura repleta de paisagens a sua volta, isso é uma das coisas mais bonitas que já vi na minha vida (M6. Artista plástico. Restaurador de patrimônio. Músico. Gestor de projeto social. 33 anos).

No encontro que estabelecemos com os sujeitos da pesquisa, durante a semana que estivemos em Pirenópolis realizando o levantamento de dados, foi possível constatar que os pirenopolinos manifestam muito orgulho de pertencer àquela Terra.

- Nós somos muito bairristas e até essa questão dá um conflito muito grande de ser bairrista, mas a gente tem muito orgulho da festa do povo (M7. Comerciante. Membro da Associação dos Moradores do Bairro do Carmo. 29 anos).

- Nós temos alegria de falar: “Ah eu sou de Pirenópolis”. Aquela cultura que nunca deixamos de levantar. Isso para gente é uma maravilha, é uma benção (M21. Membro da Associação dos Moradores do Bonfim. 46 anos).

- O povo aqui tem em sua carteirinha que ele é muito bairrista (M24. Assessor do Secretário de Cultura. 52 anos).

- Pirenópolis é uma cidade apaixonante. Eu chamo Pirenópolis de Parisópolis (M13. Proprietário de Reserva Ecológica. 35 anos).

Os depoimentos dos moradores revelam que a condição de pertença àquela realidade composta por tradições, e também por um cotidiano verde e exuberante, causa uma sensação confortável ao pirenopolino e, por assim dizer, ao turista. Daí concordarmos com Batista (2002, p. 118) ao expor que,

... entre outras razões, o turismo vem se firmando em Pirenópolis como importante atividade não só econômica, mas também, cultural, social e porque não dizer lúdica, uma vez que o lazer está intimamente associado ao fenômeno.

Em síntese, a *narração de outras narrações*, arquitetada e conectada pela etnografia, nos possibilitou um encontro que, a princípio, acreditávamos ser com o turismo, em Pirenópolis, a partir da ótica dos moradores. Porém, nas circunstâncias atuais, após tanto amadurecimento científico, em torno do objeto de estudo, decorrente da observação participante e das contribuições da Antropologia, acentuamos que o encontro se deu, mas foi com as pessoas que nos *explicaram* como o turismo é por elas percebido e sentido, no contexto de Pirenópolis.

É verdade que, hoje, Pirenópolis é uma cidade que se imiscui no turismo que, paulatinamente, vem permeando o seu âmago. É claro que, nesse movimento, a

atividade econômica se impõe, e como poderia ser diferente em uma sociedade capitalista? Em contrapartida, a ambivalência do turismo, igualmente, o transforma em uma atividade não somente cultural, mas social, promotora de intercâmbios culturais, a despeito da história, do tempo e do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio histórico da cidade é realmente um dos elementos que motivam a visita, motivam a passar o fim de semana, motivam a morar. Agora, isso aí não seria importante se não fosse complementada por outros aspectos naturais e humanos. Aspecto natural: você vem pra Pirenópolis e não se dá conta de que está rodeada de montanhas... relativamente próximas, tem cachoeiras muito próximas, tem o rio muito simpático que passa pela cidade, o clima é relativamente bom. A parte humana, o povo pirenopolino é um povo muito cordial e gosta de festa... as coisas são harmoniosas, então isso dá a Pirenópolis uma atração especial, essa harmonia: natureza, patrimônio, arquitetura

- Morador de Pirenópolis -

Nessa dissertação, buscamos analisar a percepção dos moradores de Pirenópolis face ao turismo. Entendemos que o ato de perceber, por estar ligado a padrões culturais vigentes, é impregnado de símbolos e valores relacionados às experiências de cada indivíduo. É por isso que damos valor àquilo que, para nós, tem significados, possibilitando nossa sobrevivência biológica e as realizações arraigadas à nossa cultura.

Acreditamos que a relevância dessa pesquisa encontra-se na opção que fizemos por estudar o turismo, como partícipe de uma relação tríplice, na seqüência cultura, patrimônio e turismo. A cultura, objeto de estudo da Antropologia, produz-se e re-produz-se na dialética de *teias de significados* que homens e mulheres arquitetam, mediante a acumulação de bens patrimoniais, herdados, construídos e em construção, que dão contornos à memória e à identidade coletiva, e, decorrentemente, criam as condições de existência do turismo.

Esses elementos, cultura e patrimônio, conformaram-se em esteios norteadores e propiciadores da leitura etnográfica que envidamos esforços para empreender sobre a percepção dos moradores da histórica cidade de Pirenópolis, acerca do turismo em sua ambivalência. Por intermédio de uma interpretação antropológica do fenômeno turístico *na*, e não *da*, cidade de Pirenópolis, concebido como fato social total, procuramos interpretar as circunstâncias, as construções que dão significados à dinamicidade da vida social de seus moradores, num diálogo com suas nuances culturais.

Mediante um encontro com os moradores de Pirenópolis, coletamos dados valiosos, explorados de forma densa, porque foram analisados e re-produzidos à luz de um ensaio etnográfico. Esses dados concorreram para a re-leitura e re-produção das relativizações sobre o objeto de estudo, pois que estão inscritos nas palavras dos autores, nas falas dos sujeitos da pesquisa, nas imagens visuais percebidas *no* campo da pesquisa, orientando nosso olhar para a riqueza e diversidade de elementos que fomentam as composições do cotidiano *na* cidade de Pirenópolis.

Constatamos que o IPHAN, ao reconhecer Pirenópolis como Patrimônio Nacional, o fez porque a cidade já manifestava características distintivas e singulares, construídas histórica e culturalmente, em suas relações sociais. Contudo, não podemos negar que o tombamento do centro-histórico da cidade lhe conferiu *status*, que se expressa no valor agregado aos aspectos econômicos, turísticos, assim como lhe assegurou um maior reconhecimento cultural e patrimonial, tanto pelas pessoas da terra como pelos turistas. Essa valorização da cidade, igualmente, se expressa nos monumentos que são restaurados, a exemplo temos a Igreja Matriz, que se não estivesse em uma cidade tombada como Patrimônio Nacional, seria restaurada após o incêndio?

A cidade de Pirenópolis, após ter sido condecorada com o título de Patrimônio Nacional pelo IPHAN, passou a receber um maior e mais constante fluxo de turistas, oriundos de vários estados brasileiros e do exterior. Em razão disso, além das tradicionais festas religiosas e profanas, que atribuem características identitárias à cultura local, incrementaram-se ao calendário festivo da cidade outros eventos, como o Canto da Primavera e o Festival Gastronômico. E aqui mencionamos uma das ambivalências do fenômeno turístico, haja vista que tanto o Canto da Primavera, como o Festival Gastronômico são criticados por grande parte de moradores entrevistados, em consequência de serem eventos instituídos sem que a comunidade fosse consultada. Como se tratam de festividades de grande porte, não há como não se imporem no contexto de toda a cidade.

A paisagem de Pirenópolis é também elemento essencial ao turismo, impondo-se como um espaço de *referências múltiplas*, já que o espaço é matéria-prima do turismo e influencia a atração de um lugar turístico. E o lugar turístico criado por e para o turismo, se afirma como um espaço para o encontro de particularidades do *eu* e do *outro* em convívio com a natureza e a cultura.

Pirenópolis, ou Piri, como é comumente chamada, é atrativa e atraente porque se compõe de imagens e objetos além do tempo, impregnados de simbolismo. Pirenópolis também expressa, por meio da cultura e do patrimônio, uma singularidade, agraciada pelas belezas naturais, em que o cerrado prevalece na paisagem da cidade e, especialmente, na Serra dos Pirineus que a circunda, com sua flora exuberante, contrastando com a arquitetura colonial e outras construções.

A diversidade de elementos que compõem a cidade de Pirenópolis, retratados por sua cultura - repleta de eventos tradicionais, composta por um patrimônio cuja arquitetura colonial é reconhecida por sua peculiaridade, constituída por uma paisagem de valor estético considerável -, convive com o sentimento acolhedor dos pirenopolinos, e essa realidade abre suas portas à morada do turismo. É uma relação dialética: o turismo busca Pirenópolis, porque ela lhe oferece condições de existência, e Pirenópolis tem vivenciado, incondicionalmente, a ambivalência do turismo, porque ele lhe oferece condições de se sustentar.

A paisagem de Pirenópolis, como não poderia ser diferente, sofreu alterações com a finalidade de atender às expectativas do mundo do turismo: casarões coloniais, que eram utilizados como residências, transformaram-se em pensões, pousadas, restaurantes, lojinhas; surgiu a Rua do Lazer, que era residencial e passou a se destinar ao encontro de turistas e também às compras. A re-produção estética das fachadas dos casarões coloniais dissimula os *símbolos significantes*, o que impossibilita, muitas vezes, o turista olhar além da aparência e compreender que por trás da *fachada* encontram-se objetos e pessoas impregnados de valores simbólicos. E essa é uma manifestação da ambivalência do turismo.

Porquanto, a realidade, experimentada atualmente por Pirenópolis, e ilustrada pelo turismo, fora profetizada por Jarbas Jayme (1971), na década de 1970. Essa cidade se tornaria um chamariz aos olhos de *emigrantes e empreendedores* e, porque não dizer, de turistas. Essa atração, que para o autor se daria por seu *clima benigno* e por suas *riquezas naturais*, segundo as análises feitas por essa pesquisa, encontramos que, se hoje ela ocorre, isso se dá também devido ao patrimônio cultural.

Nesse ínterim, a Pirenópolis de outrora: tranqüila, pacata, interiorana, se transformou na Pirenópolis, que esse estudo identificou como Canto do Cerrado, com suas tradições, que convivem com aspectos que parecem conflitantes. A cidade, do interior do estado de Goiás, religiosa, enquanto mantém características impregnadas de historicidade, faz aflorar aspectos cosmopolitas.

Ressaltamos que essa dinamicidade cultural não transforma Pirenópolis em algo que ela não é. Esse mosaico, que confere identidade à cidade, também acentua, por assim dizer, a condição presente entre os benefícios decorrentes do turismo, de um lado, e, de outro, as conseqüências dos impactos negativos dele advindos. Há que se destacar que, nessa ambivalência, outras realidades vão sendo re-construídas. Sabemos que o caos do turismo decorre, também, de uma sociedade consumista, de estrutura capitalista, mas é notório, mas, ao mesmo tempo, é notório que o turismo pode ser responsabilizado pela valorização e preservação do patrimônio, bem como para a retomada de práticas culturais, antes esquecidas na cidade.

Nessa perspectiva, outro fato marca essa relação contraditória, quando os moradores categorizam que a cidade precisa do *turista de qualidade*, aquele que lhe traz benefícios econômicos, porque tem alto poder aquisitivo, e não do *turista farofeiro*, classificado pelos moradores como baderneiro, que *não deixa dinheiro* na cidade. Ao fazer essa interpretação, os moradores revelam preconceito com as classes populares e uma visão excludente em relação ao turista que delas advém. Além dessa exclusão se fazer presente na interação morador-turista, encontram-se, em Pirenópolis, pessoas que, após o desenvolvimento do turismo na cidade, deixaram suas residências no centro-histórico e migraram para bairros periféricos, visto que tudo ficou mais caro e, quase sempre, a cidade vive em preparos e melhorias para receber o turista, e não para a qualidade de vida do pirenopolino.

O patrimônio da cidade de Pirenópolis tem um valor polissêmico: além do uso simbólico, que retrata e re-cria a história, marca aspectos identitários da cidade e certifica a memória coletiva, tem uso político, pois são os poderes políticos que ativam o patrimônio, do qual é fruto o tombamento da cidade. O patrimônio tem ainda uma outra utilização, trata-se da econômica, que permeia a atividade turística. Essas três dimensões, simbólica, política e econômica, se inter-relacionam, se complementam e se retroalimentam.

Assim, existe uma reciprocidade dos usos simbólico, político e econômico do patrimônio, haja vista que todo patrimônio simbólico é também político e um patrimônio só terá valor econômico se tiver visibilidade no mercado turístico. Da mesma forma, o patrimônio ganha notabilidade em seus aspectos cultural e econômico, mediante o turismo. Nesse sentido, questionamos: se a cidade de Pirenópolis não fosse prestigiada como um destino turístico em evidência, seus patrimônios culturais teriam sido restaurados?

Em síntese, compreendemos que pode estar havendo uma inversão de valores com o patrimônio da cidade, pois da dimensão cultural, centra-se na esfera comercial e mercadológica, que impacta a cultura local. Entretanto, esse outro uso do patrimônio não o impede de sustentar seu caráter de memória, sua marca simbólica e identitária. Ora, as necessidades do comércio, do mercado e do turismo são satisfeitas a partir da realidade cultural. Se a cultura não for levada em consideração, o fenômeno turístico não se solidifica. Assim, a característica ambivalente do turismo se torna latente, pois dependendo de como o turismo interfere na cultura, ele pode ser sacrificado por si próprio.

Finalmente, após a pesquisa realizada, a qual constitui-se no retrato vivo, de um aprendizado inestimável sobre a realidade do turismo em Pirenópolis, na ótica de seus moradores, podemos asseverar que Pirenópolis convive, continuamente, sob o impacto do turismo. Em sua natureza ambivalente, o turismo em Pirenópolis, sem sombra de dúvidas, acarreta benefícios à cidade e aos seus moradores, além de instigar-lhes o sentimento de pertença. Porém, se incontinentemente, for submetido ao poder econômico e mercadológico, o turismo na cidade, ainda não é, mas pode vir a ser, avassalador. Acreditamos que investimentos, orientados a ressaltarem o aspecto histórico-cultural da cidade, bem como programas educacionais que visem a sensibilizar as pessoas sobre a importância de valorizar a cultura dos filhos da terra e, acima de tudo, retornos à comunidade de pesquisas como essa podem concorrer para que os tempos vindouros venham a historicizar uma realidade turística, em Pirenópolis, capaz de impedir o caos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALFONSO. M. J. P. El patrimonio cultural como opción turística. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. Out/2003. p. 97-115.

ALMEIDA, M. G. Cultura: invenção e construção do objeto turístico. In: **Espaço Aberto**, n. 3, Fortaleza: FUNCAP/AGB, 1998, p. 17-29.

_____. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: ALMEIDA, M. G. (Org.). **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 11-19.

AZEVEDO, J. Cultura, patrimônio e turismo. In: IRVING, M. de A.; AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002a. p. 133-147.

BANDEIRA. M. L. **Antropologia: conceitos e abordagens**. Cuiabá: UFMG – Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 1995.

BANDUCCI, A. BARRETO, M. **Introdução**. In: BANDUCCI, A. BARRETO, M. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2003, p. 7-20.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **O despertar do turismo: um olhar crítico sobre os não-lugares**. São Paulo: Aleph, 2001.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 2003.

_____. **Planejamento e organização em turismo**. 7 ed. Campinas: Papyrus, 2001.

BATISTA, O. **Visões de Pirenópolis**: O lugar e os moradores face ai turismo. 125f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. UFG. Goiânia, 2002.

BLANCO, E. O turismo ecológico sustentável e a autoconsciência do homem contemporâneo: uma abordagem filosófica da questão ambiental. In: **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, dez./dez. 2003. p. 53-59

BRODY, J. J. The creative consumer: survival, revival and invention in Southwest Indian arts. In: GRABURN, N. H. (Org.). **Etnic and tourist arts**: cultural expressions from the fourth world. Berkeley: University of California Press, 1976. p. 70-84.

BUCK, R. Making good business better: a second look a staged tourist attractions. In: **Journal of travel research**, 15 (3), 1977. p. 30-32.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.

CARDOSO. R. L. Aventuras de antropológos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Orgs). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 25-37.

CARVALHO, A. (Org.). **Pirenópolis**: Coletânea 1727-2000: história, turismo e curiosidades, 2001.

CARVALHO, M. de. **O que é natureza**. São Paulo: Brasiliense, 2 ed, 1999.

CARVALHO, P. F. Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistas: a construção do lugar. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 100-113.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.

COLLINS, G. R. Review of hosts and guests: an anthropology of tourism. In: **Annals of Tourism Research**, 5, 1978. p. 215-237.

CURADO, G. G. **Pirenópolis: uma cidade para o turismo**. Goiânia: Oriente, 1980.

DAMATTA, R. **Relativizando: Uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Coogan, 1991.

DURKHEIM, E. e MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação. In: RODRIGUES, José Albertino (org.). **Durkheim: Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1981.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, J. Prefácio. In: HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. p. 9-17.

FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**, 2003. p. 56-76.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GONÇALVES, J. R. S. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: **Estudos Históricos** 1 [2], 1988, p. 264-275.

_____. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 21-29.

_____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes antropológicos**: patrimônio cultural. UFRGS. IFCH. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Ano 11, n° 23, jan/jun. Porto Alegre: PPGAS, 2005, p. 15-36.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (Des)caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 2000.

GREENWOOD, D. Culture by the pound: an anthropological perspective on tourism as cultural commoditization. In: SMITH, V. L. (Org). **Hosts and guests**: an anthropology of tourism. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1977. p. 86-107

HALBWACHS. M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HERNANDÉZ HERNANDÉZ, F. **El museo como espacio de comunicación**. Gijón: Ediciones Trea, 1998.

INVENTÁRIO E DIAGNÓSTICO TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PIRENÓPOLIS-GO, 2001.

IPHAN. **O registro do patrimônio imaterial**: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

JAYME, J. **Esboço histórico de Pirenópolis**. Goiânia: Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1971. (v. 1 e 2).

JEUDY, H. P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: UNB, 1996.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LAGE, B. H.; MILONE, P. C. **Economia do turismo**. Campinas: Papyrus, 1998.

LAGE, B. H.; MILONE, P. C. (Orgs.). **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. Trad. Marie-Agnés Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 16 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEA, J. **Tourism and development in the third world**. Londres: Routledge, 1988.

LIMA FILHO, M. F. **O desencanto do oeste**: memória e identidade social no médio Araguaia. Goiânia: UCG, 2001.

LIMA FILHO, M. F.; SILVEIRA, F. L. A. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas e a coisificação do objeto. In: **Horizontes antropológicos**: patrimônio cultural. UFRGS. IFCH. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Ano 11, n° 23, jan/jun. Porto Alegre: PPGAS, 2005, p. 37-50.

LIMA, S. T. **Filigranas de uma paisagem**: um estudo sobre a percepção de lugares do medo. Olam - ciência e tecnologia. ALEPH Engenharia e Consultoria Ambiental, Rio Claro, São Paulo, v. 1, n. 2, , nov. 2001. p. 332-372

LIN, V. L.; LOEB, P. D. Tourism and crime in Mexico: some comments. In: **Social science quarterly**, 58, 1977. p. 164-167.

LOPES, E. A paisagem no resgate do patrimônio histórico-cultural da UHE-Corumbá. In: **Revista de Divulgação Científica** / Instituto Goiano de pré-história e antropologia. Goiânia: UCG, 1996. p. 107-120.

LOPES, E.; GUIMARÃES, L. Implicações sociais e ambientais da lavra de quartzo em Pirenópolis (GO). In: **Revista de Divulgação Científica**. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Goiânia: UCG, 1999. p. 79-90.

LOPES, E. El turismo em Pirenópolis, Goiás, Brasil. **Revista de Divulgação Científica**. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Goiânia: UCG, 2001. p. 147-157.

LUCHIARI, M. T. D. P. **Urbanização Turística**: Um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, C. Bruhns, H. T. LUCHIARI, M. T. D. P. Olhares contemporâneos sobre o turismo. Campinas: Papyrus, 2000, p. 105-130.

MACCANNELL, D. The tourist: a new theory of leisure class. Berkely e Los Angeles: University of California Press, 1997.

MAIA, C. E. S. **O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo**: nos caminhos da emoção. In: ROSENDAL, Z. e CORRÊA, R. L. (Orgs). Religião, identidade e território. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 177-199.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Trad. Anton P. Carr e Lígia A. Candieri. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARLY RODRIGUES. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, P.P.; PINSKY, J. (Orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 15-24.

MARTINS, J. B. Marolas antropológicas: identidades em mudanças na Praia do Santinho. Florianópolis: UFSC, 1995. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

MATHIESON, A.; WALL, G. **Turismo**: Repercusiones económicas, físicas y sociales. Trad. Victor Estrada. México: Trilhas, 1990.

MENDONÇA, R. Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição? In: LEMOS, A. I. G. (Org.). **Turismo**: impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 19-25.

MENEZES, U. T. B. de. Os usos culturais da cultura. YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Orgs). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 88-99.

MORAES, D. C. P.; BORBA, O. F. Cidade de Goiás: paisagem cultural como recurso turístico. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 123-132.

OLIVEIRA, A. M. V. Um lugar no século XIX: Meia Ponte. In: CHAUL, N. F.; DUARTE, L. S. (Orgs). **As cidades dos sonhos**: desenvolvimento urbano em Goiás. Goiânia: UFG, 2004. p. 15-55.

PALACÍN, Luis. **Quatro tempos de ideologia**. Goiania: Cerne, 1986.

PERALTA, E. O mar por tradição e a construção das imagens do turismo. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. Out /2003. p. 83-96.

PICORNELL, C. Los impactos del turismo. In: **Papers de turismo**. Illes Balears: Universitat de les Illes Balears, 1993. p. 65-91.

POLETTO, S. A. **Esboço de um Personagem Fugaz** - O turista sob o olhar dos moradores da Cidade de Goiás – Patrimônio da Humanidade. Brasília, 2003. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

RIBEIRO, G. L.; BARROS, F. L. A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo. In: SERRANO, C.M.T.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). **Viagens à natureza**: Turismo, cultura e ambiente. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2003. p. 27-42.

RITCHIE, J. R.; ZINS, M. Culture as a determinant of the attractiveness of a tourist region. In: **Annals of Tourism Research**, 5, 1978. p. 252-267.

ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RODRIGUES, A. M. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Orgs.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 55-62.

ROTHMAN, R. A. Residents and transients: community reaction to seasonal visitors. In: **Journal of Travel Research**, 16(3), 1978. p. 8-13.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1999.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI**: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Nobel, 1993.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **De la totalidad al lugar**. Barcelona: Oikus-tau, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAUER, C. **A morfologia da paisagem**. In: ROSENDHAL, Z. CORRÊA, R. L. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

SEPIN - Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação / Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás – SEPLAN. **Perfil socioeconômico dos municípios goianos**. SEPIN/SEPLAN: Goiânia, 2005.

SILVA, L. S. D. **A construção de Brasília**: modernidade e periferia. Goiânia: UFG, 1997.

SIMÃO. M. C. R. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TAMAZO, I. M. **“Tratorando” a história**: percepções do conflito na prática da preservação do patrimônio cultural edificado em Espírito Santo do Pinhal. Brasília, 1998. Dissertação (Mestrado) – UnB.

TUAN, YI-FU. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TURATTI, A. **Turismo**: Planejamento e Marketing. Barueri: Manole, 2002.

UNEP. **Making Tourism Sustainable**: a guide for policy makers. Paris: UNEP, 2005.

UNESCO. The effects of tourism on social-cultural values. In: **Annals of Tourism Research**, 4, 1976. p. 74-105.

WAGNER, P. L. Remarks on the geography of language. In: **Geographical Review**, 48, 1958. p. 86-97.

WAHAB, S. E. A. **Introdução à administração do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1977.

WHITE, P. E. The social impact of tourism on host communities: a study of language change in Switzerland. In: **Documento de Investigación**, n. 9, School of Geography, Oxford University, 1974.

WORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UnB, 1995.

WORTMANN, K. Os desafios da antropologia no Brasil em face do fenômeno da globalização da cultura. In: **Memória**: anais do I seminário e II semana de antropologia da UCG. Série Seminários, n. 3, Goiânia: UCG, 1998.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.

ANEXO

Anexo - Roteiro de entrevista direcionado moradores da cidade de Pirenópolis.

1- A relação do turismo com a cultura, o patrimônio (museus, igrejas, arquitetura da Cidade, festas, causos, lendas, música, culinária, vestuário, danças, literatura popular, medicina caseira, cachoeiras, lagos, rios, vegetação), a memória e a identidade da cidade:

1.1 Qual é a importância dos museus, igrejas, arquitetura da Cidade para a vida da cidade?

1.2 Do seu ponto de vista, em que aspectos o fato de Pirenópolis ter sido classificada como Patrimônio Nacional pelo IPHAN em 1989 contribuiu para o desenvolvimento da Cidade?

1.3. Do seu ponto de vista, como é a relação do turista com o patrimônio material de Pirenópolis?

1.4 Qual é a importância das manifestações culturais: festas, causos, lendas, música, culinária, vestuário, danças, literatura popular, medicina caseira para a vida da cidade?

1.5 Quais são as manifestações culturais existentes na Cidade consideradas como tradicionais (acontecem há muitos anos, mais de 30 anos)? Houve modificações? Em quais aspectos?

1.6. Do seu ponto de vista, como é a relação do turista com as manifestações culturais da Cidade?

1.7 Qual é a importância do patrimônio natural para a vida da cidade?

1.8 Para você, como é que o turista se relaciona com o patrimônio natural (cachoeiras, lagos, rios, vegetação) de Pirenópolis?

1.9 Na sua opinião, a extração de pedras é importante para a Cidade? Em quais aspectos? Por quê?

1.10 Quando você compara a vida na “Cidade de Pirenópolis” com aquela de 1995 até hoje que sentimento vem à sua mente?

1.11 Do que mais você sente saudade?

2- A relação do turismo com a paisagem:

2.1. Em sua opinião, quais fatores mais atraem o turista a Pirenópolis?

2.1. Em sua opinião, como o turismo tem alterado a paisagem?

3- A ambivalência do turismo em Pirenópolis:

3.1 Em quais aspectos o turismo é uma atividade vantajosa (impactos +) para a cidade? Por quê?

3.2 Em quais aspectos o turismo é uma atividade desvantajosa (impactos -) para a cidade? Por quê?

3.3 Você tem conhecimento de eventos cuja iniciativa tenha sido tomada sem consulta prévia à comunidade local, que tenham agredido os costumes, o jeito de ser e pensar do pirenopolino? Quais? De quem foi a iniciativa?

3.4 Você considera o turismo uma atividade importante para o desenvolvimento da Cidade?

3.5 Na sua opinião, quem é beneficiado e quem não é beneficiado com o turismo em Pirenópolis? Por quê?

